

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA

TATHIANA DE ALCÂNTARA MACEDO DAOU

REFLEXÕES ACERCA DA HOSPITALIDADE NO CAMINHAR PARA O TURISMO A
PARTIR DE UM EMPREENDIMENTO NO MÉDIO AMAZONAS

MANAUS

2018

TATHIANA DE ALCÂNTARA MACEDO DAOU

REFLEXÕES ACERCA DA HOSPITALIDADE NO CAMINHAR PARA O TURISMO A
PARTIR DE UM EMPREENDIMENTO NO MÉDIO AMAZONAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Orientador: Prof. Doutor Evandro de Moraes Ramos

MANAUS

2018

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

D211r Daou, Tathiana de Alcantara Macedo
Reflexões acerca da hospitalidade no caminhar para o turismo a partir de um empreendimento no Médio Amazonas / Tathiana de Alcantara Macedo Daou. 2018
129 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Evandro de Moraes Ramos
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Turismo. 2. Hospitalidade. 3. Relações de interdependência. 4. Interdisciplinaridade. I. Ramos, Evandro de Moraes II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

TATHIANA DE ALCANTARA MACEDO DAOU

REFLEXÕES ACERCA DA HOSPITALIDADE NO CAMINHAR PARA O TURISMO A
PARTIR DE UM EMPREENDIMENTO NO MÉDIO AMAZONAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor Evandro de Moraes Ramos
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Doutor Gláucio Campos Gomes de Matos
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Doutor Nilton Paulo Ponciano
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

Para Adib e César,
companheiros de viagem,
anfitriões e hóspedes da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao paciente Deus que me guia e me acalma.

Ao meu marido Adib e meu filho César pelo apoio incondicional e por aguentarem firmes os momentos de estresse e metamorfose passados durante o mestrado.

A toda minha família, em especial, minha mãe Rosângela, Thaís, minha avó Jurema, tias Rosana e Regina, tio Fábio, primo Rodrigo e sogros Sandra e Jorge.

Ao meu orientador Evandro pela paciência e amizade ao longo do processo.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, em especial aos professores Gláucio Matos e Odenei Ribeiro, pelo apoio incondicional. E ainda, Selda Vale, Rosemara Staub e Sérgio Ivan.

As professoras Jocilene Gomes e Cristiane Costa Novo pelo incentivo e parceria.

Ao professor Nilton Ponciano pela disponibilidade em contribuir com a pesquisa.

Ao sr. Antônio Bezerra e ao sr. Jorge Vasques pelas contribuições fundamentais para o trabalho.

Aos amigos do mestrado, em especial, Josiani, Adriana, Fátima, Karina, Andreza, Antônio, Luciana e Caio por todo apoio e por todas as risadas.

Aos amigos da vida, em especial, Simone, Paula, Karen, Érica e Patrícia.

Ao Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia pelo desenvolvimento da pesquisa.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES por viabilizar a pesquisa.

A Universidade do Estado do Amazonas pela parceria e realização do estágio em docência.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas por ceder o professor Nilton para a banca de defesa.

Meu agradecimento especial a dona Maria e a sua família pela hospitalidade. Ao Valdo por me apresentar a comunidade. A todos da Comunidade São Francisco, em especial aos queridos funcionários da escola municipal. A prefeitura do Careiro da Várzea na pessoa do Secretário de Pesca, sr. Aldo Procópio.

A todos que contribuíram e eu tenha esquecido de mencionar.

Aos encontros, aos vínculos formados, as amizades.

Agradeço de todo o coração.

Tudo aqui parece encerrar um sentido simbólico; os rios, as florestas, os animais e as plantas, os próprios homens. Aqui a natureza nos dá a sensação vertiginosa de que um dia fomos deuses. Aqui a alma se expande até perder-se no vazio onde o espaço e o tempo se confundem, para reencontrar-se numa vida além da vida, em que tudo se harmoniza – tempo e espaço, civilização e natureza, homens e deuses – numa perfeita integração.

Fernando Sabino

RESUMO

O turismo figura como uma alternativa de renda em muitas comunidades amazônicas, no entanto nos locais que ele ocorre há um interesse da iniciativa privada ou do terceiro setor que as incluem em seus roteiros ou fornecem os meios para a atuação na atividade. Em contrapartida, comunidades fora desse contexto tem mais dificuldade para perceber a atividade e instrumentalizar seu início. Um empreendimento de gestão familiar localizada na Comunidade de São Francisco na Costa da Terra Nova, no município do Careiro da Várzea despertou o interesse da pesquisa por se incluir nesse grupo. O lugar atrai a atenção nos quesitos do acolhimento, atributos naturais e vontade de trabalhar com o turismo, porém o fluxo turístico não se consolida, apesar de já ter existido. O problema da pesquisa permeia o porque do turismo não acontecer. É um estudo de caso que utilizou a observação participante com diário de campo e entrevistas abertas para coleta de dados em momentos diferentes do cotidiano da comunidade, tendo como parâmetros as categorias de análise turismo e hospitalidade, com o objetivo de apontar os elementos necessários para a implantação e consolidação do turismo na comunidade. Os sujeitos da pesquisa são a família anfitriã do empreendimento bem como comunitários que se dispuseram a conversar sobre o assunto e alguns visitantes da Fazenda PEC. Os entrevistados auxiliaram em um delinear histórico sobre o que acontecia na região em relação ao turismo e apontaram os motivos pelos quais a atividade não ocorre e os elementos que eles julgam necessários para a ocorrência. As falas dos participantes revelaram que o turismo sempre foi visto no local como uma alternativa a outros destinos, a função do local em um contexto econômico maior não favorece o surgimento da atividade e a comunidade não se sente inserida no processo, logo, não o percebe como importante.

Palavras chave: Turismo; Hospitalidade; Relações de Interdependência.

ABSTRACT

Tourism figures as an income alternative in many Amazonian communities, however in the places that it happens there is an interest of the private sector or the third sector that include them in their itineraries or provide the means to the activity in the activity. On the other hand, communities outside this context have more difficulty perceiving the activity and instrumentalizing its beginning. A family-run enterprise located in the Community of São Francisco on the Coast of Terra Nova, in the city of Careiro da Várzea, aroused the interest of the research by including itself in this group. The place attracts attention in the aspects of the reception, natural attributes and will to work with tourism, but the tourist flow does not consolidate, although it has already existed in the past. The research problem pervades why tourism does not happen. It is a case study that used the participant observation with field diary and open interviews to collect data at different moments of the daily life of the community, having as parameters the analysis categories of tourism and hospitality, with the objective of pointing out the necessary elements for the implementation and consolidation of tourism in the community. The research subjects are the host family of the project as well as community members who were willing to talk about the subject and some visitors of the Fazenda PEC. The interviewees assisted in a historical outline of what happened in the region in relation to tourism and pointed out the reasons why the activity does not occur and the elements that they deem necessary for the occurrence. The participants' speeches revealed that tourism has always been seen in the place as an alternative to other destinations, the function of the place in a larger economic context does not favor the emergence of the activity and the community does not feel inserted in the process, therefore, does not perceive it as important.

Keywords: Tourism; Hospitality; Interdependence Relationships.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Região Metropolitana de Manaus	17
Mapa 2 - Careiro da Várzea.....	20
Mapa 3 - Localização da Fazenda PEC.....	22

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Família anfitriã	27
Figura 2 - Casa principal da Fazenda PEC	28
Figura 3 - Casa principal e casa atualmente ocupada pelos funcionários	28
Figura 4 - Porto da Ceasa	29
Figura 5 - Mapa mental da Fazenda PEC	30
Figura 6 - Trecho da reportagem do jornal Correio da Manhã	42
Figura 7 - Janauarilandia	43
Figura 8 - Barco Jumbo da empresa Selvatur	44
Figura 9 - The Meeting of the waters tour (trecho do guia)	46
Figura 10 - Regular River Trip (trecho do guia)	47
Figura 11 - Navio Lauro Sodre	48
Figura 12 - Trecho da reportagem do jornal Correio da Manhã	49
Figura 13 - Cruise on the Amazon River (trecho do guia)	50
Figura 14 - Casa grande	52
Figura 15 - Trecho da fazenda que se observa um lago e o aterramento	53
Figura 16 - Trilha	57
Figura 17 - Centro social da comunidade	70
Figura 18 - Plantação de couve	73
Figura 19 - Acondicionamento da couve na caixa	74
Figura 20 - Transporte da caixa de couve	75
Figura 21 - Família amarrando a couve	76
Figura 22 - Preparo do almoço	77
Figura 23 - Limpeza do peixe "bodó"	78
Figura 24 - Festa alusiva ao Dia das Mães	81
Figura 25 - Quarto da casa destinado a visitantes	86
Figura 26 - Mesa preparada para visitantes	86
Figura 27 - Lago das vitórias-régias	94
Figura 28 - Encontro das Águas	94
Figura 29 - Lateral do terreno na seca do rio	95
Figura 30 - Lateral do terreno na cheia do rio	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMAZONASTUR	Empresa Estadual de Turismo do Amazonas
APA	Área de Proteção Ambiental
CADASTUR	Cadastro dos Prestadores de Serviços Turísticos
EMBRATUR	Instituto Brasileiro de Turismo
FAS	Fundação Amazonas Sustentável
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	Instituto Socioambiental
NDI	Núcleo de Direitos Indígenas
NUSEC/UFAM	Núcleo de Socioeconomia da Universidade Federal do Amazonas
OMT	Organização Mundial do Turismo
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PAT	Produção Associada ao Turismo
PIB/CEDI	Programa Povos Indígenas no Brasil do Centro Ecumênico de Documentação e Informação
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNT	Plano Nacional de Turismo
PROECOTUR	Programa para o Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal
RDS	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
RMM	Região Metropolitana de Manaus
SEMA	Secretaria de Estado do Meio Ambiente
SEPLANCTI	Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação
SEPROR	Secretaria de Estado de Produção Rural
TBL	Turismo de Base Local
TRAF	Turismo Rural na Agricultura Familiar
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
UNWTO	World Tourism Organization

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
1 METODOLOGIA	15
1.1 Contextualização do local de estudo	15
1.1.1 Área de estudo.....	20
1.2 Método	23
1.2.1 Momentos da pesquisa	23
1.2.2 Problema e objetivos da pesquisa	24
1.2.3 O método escolhido	24
1.2.3.1 Procedimentos metodológicos.....	25
1.2.3.2 A Fazenda PEC e os anfitriões da pesquisa	26
2 O TURISMO NA COSTA DA TERRA NOVA	31
2.1 Considerações sobre o conceito de turismo	31
2.2 Políticas públicas para o turismo	35
2.3 Um esboço sobre a história do turismo no Amazonas	40
2.4 Um turismo que já existiu?.....	44
2.5 Sobre uma casa grande: a Fazenda PEC	51
2.5.1 O turismo na Fazenda PEC na visão da família	56
2.5.2 O papel da Fazenda PEC no turismo do município	59
2.6 É turismo?.....	63
3 A HOSPITALIDADE COMO ELEMENTO ÂNCORA PARA O TURISMO	65
3.1 Uma hospitalidade restrita.....	68
3.1.1 Fazenda PEC e suas relações de interdependência	73
3.1.1.1 A dependência de Manaus: o plantio da couve e as atividades diárias	73
3.1.1.2 As interdependências afetivas.....	79
3.1.2 A hospitalidade da Fazenda PEC	82
4 O CAMINHAR PARA O TURISMO	87
4.1 Por que o turismo não acontece?.....	87
4.2 A visão do visitante	89
4.3 Elementos para o turismo.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE A – Transcrição da entrevista de M.J.....	108

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um brasileiro que não conheça o Amazonas, mesmo com certa leitura sobre a localidade, possivelmente terá dificuldade em projetar com nitidez a dinâmica da vida nesta parte da região Norte do país, inclusive da região como um todo, em algumas situações. Imaginar que a locomoção por via terrestre entre municípios é exceção e não a regra; que algumas localidades alagam enquanto outras permanecem em terra firme; que dois rios de diferentes cores não se misturam; que o clima é de um calor forte somado a uma umidade que o intensifica, com insetos de uma diversidade ímpar; torna-se superficial caso não seja acompanhada da realidade. Um contato efetivo com o local parece se fazer necessário para ter uma ideia de como o cotidiano acontece no território mencionado.

Não só por essa região ser permeada de lendas, mitos e preconceções, por isso também, mas por ser a Amazônia um lugar com características próprias e diversas ao restante do Brasil. Uma imagem fotográfica do município de Santarém, no Pará, vista por um morador do Amazonas e um compatriota nascido no Sul do país que nunca visitou a região, exemplifica o descrito. Ao ver a fotografia que retrata as barracas da Ilha do Amor, na Vila de Alter do Chão, cobertas por água, ele indaga sobre como os proprietários das barracas fazem para desmontá-las quando o rio está cheio, o outro estranha tal percepção, já que para ele a enchente e a vazante do rio são elementos rotineiros, e a adaptabilidade frente a esses acontecimentos, apesar de ocorrerem de maneiras diferentes, possuem semelhanças. O fato é que a estrutura das barracas não se altera, ela permanece lá, com ou sem água, o que pode parecer absurdo para alguns e normal para outros.

Partindo dessa percepção, os brasileiros que não conheçam a região assemelham-se a estrangeiros no sentido de experienciar sensações desconhecidas ao ver pela primeira vez um ambiente alheio a sua bagagem de vivências. Brasileiros, estrangeiros, visitantes, turistas, qualquer que seja a categoria que se encaixem, as pessoas que não conhecem a Amazônia se deparam com uma realidade diferente, própria e peculiar. Longe de se buscar apenas o imaginário criado pela mídia, pelas grandes empresas turísticas, pelos livros... aquele onde se vende o “exótico”, o primitivo, o indígena, a selva... se busca conhecer o que é a Amazônia hoje.

Neste contexto, o estudo do turismo na Amazônia é marcado por ambiguidades pois se de um lado o turista busca o diferente, o novo, o desconhecido, o estímulo de novas sensações, por outro lado ele busca alguns padrões de conforto que se assemelhem ao seu habitual.

Esta pesquisa teve como ponto de partida a tentativa de compreensão de como ocorria esse encontro entre hóspede – neste caso, qualquer pessoa alheia a comunidade - e anfitrião – aquele que recebe em sua casa, no caso de um empreendimento de hospedagem familiar onde a casa da família é a própria hospedaria.

No entanto, no decorrer da pesquisa observou-se que o lugar não tinha um fluxo turístico contínuo, o que havia eram visitas esporádicas de pessoas interessadas em conhecer o local e ainda agentes de turismo curiosos com o destino e motivados pela consolidação de um possível produto.

A partir desse momento, outras inquietações surgiram, afinal, o local reúne muitos aspectos para o estabelecimento do turismo: a proximidade com a capital amazonense e com um dos mais famosos atrativos da região – o Encontro das Águas, a existência de uma família empenhada em trabalhar com a atividade turística, além da disponibilidade de trilhas na floresta, lagos com vitórias-régias, animais, rio, e finalmente, a própria comunidade com um apelo considerado o maior dos atributos brasileiros – sua hospitalidade. No entanto, porque o turismo não ocorre? A pesquisa tem o objetivo de responder a essa pergunta, elencando os elementos necessários para a implantação e consolidação do turismo na comunidade.

São muitos os *cases*¹ de sucesso no turismo e muito se aborda sobre as experiências com turismo comunitário ou ecoturismo na Amazônia, no entanto não há uma reflexão sobre as comunidades que desejam o turismo, mas não conseguem colocá-lo em prática, talvez esta seja uma oportunidade para se pensar o que acontece no caminhar em direção ao turismo, quais são os elementos que surgem neste ínterim?

O trabalho está estruturado em quatro capítulos, todos apresentando resultados da pesquisa e teoria. O primeiro deles trata da metodologia utilizada durante a pesquisa, incluindo uma contextualização da área que vai desde a

¹ Case é um termo em inglês usado para descrever um *business case*, ou seja, um “caso de negócio” que merece ser estudado. (PULSO CONSULTORIA, 2018)

Panamazônia ao recorte do estudo e seus entrelaces com as políticas públicas para o turismo como forma de justificar a relevância da área estudada. Este capítulo aborda ainda as alterações que a pesquisa sofreu, além de apresentar o problema, os objetivos e sujeitos da pesquisa, procedimentos metodológicos e uma caracterização do local do estudo de caso.

O segundo capítulo traz a categoria de análise turismo e busca discutir alguns aspectos do conceito de turismo, bem como pontuar algumas nomenclaturas utilizadas pelas políticas públicas para o Amazonas e sua área rural. Também procura fazer uma reconstrução da motivação de um fluxo turístico no passado, mais precisamente nas décadas de 70 e 80 quando os moradores apontam para visitas de estrangeiros; e organizar os relatos dos entrevistados com vista a delinear um breve relato histórico sobre um turismo que pode ter existido na Costa da Terra Nova. Por fim, o capítulo aborda o turismo que existe hoje na perspectiva da família gestora do empreendimento e da prefeitura.

No terceiro capítulo o tema é a hospitalidade como elemento inicial e motivador do turismo que ancora todos os outros e possibilita um desenho das relações de interdependência a partir dos anfitriões. Esta parte do trabalho apresenta a reflexão sobre a hospitalidade, suas manifestações na fazenda PEC, bem como as interdependências da fazenda com a comunidade, com o tempo, com Manaus e afetivas.

O quarto capítulo busca elencar os elementos para a implantação e consolidação do turismo na localidade levando em consideração os relatos dos moradores ouvidos durante a pesquisa e a avaliação destes pontos à luz de teorias e/ou exemplos com a finalidade de oferecer um caminho para o turismo na comunidade.

1 METODOLOGIA

1.1 Contextualização do local de estudo

Abordar a Amazônia é discorrer sobre uma infinidade de contextos dentro desse grande “rótulo”. Antes de se chegar ao recorte do estudo, uma pequena explanação sobre o que vem a ser Amazônia faz-se necessário, Gutiérrez et al. (2004, p.21) apud Aragón (2011, p. 74) pondera sobre os termos aludidos a região:

As expressões Amazônia, Pan-Amazônia, Amazônia Sul-Americana, Região Amazônica ou Grande Amazônia compreendem diferentes enfoques, discernimentos e representações espaciais. Em geral, esses termos se referem à maior selva tropical úmida do planeta, localizada ao norte da América do Sul, à bacia hidrográfica do rio Amazonas, às nações que têm território nestas áreas, aos estados que promovem, através de ações conjuntas, o planejamento do desenvolvimento sustentável da Amazônia para preservar o meio ambiente e o uso racional dos recursos naturais, aos limites artificiais de conveniência político-administrativa para a aplicação de incentivos fiscais em territórios determinados, aos povos que a habitam, e a sua fauna terrestre e aquática. Esses conceitos apresentam a dificuldade de não poderem ser traduzidos facilmente em uma cartografia única, porque se referem a espaços diferentes, cujos limites não necessariamente coincidem. A Amazônia, como entidade unificada, só pode existir como uma amálgama de regiões. Dessa forma, pode-se afirmar que existem várias Amazonas que conformam uma grande região, onde cada uma tem uma distribuição regional diferente.

Amazônia, então, está ligada a uma gama de nomenclaturas com conotações oriundas de diferentes perspectivas. Uma em especial será mais detalhadamente abordada – Panamazônia. Esse termo começa a ser usado após a Segunda Guerra Mundial quando a questão da geopolítica amazônica assume uma dimensão mais ampla e passa a existir a necessidade de se pensar a Amazônia como um todo e não apenas a Amazônia Brasileira (RIBEIRO, 2005). O advogado e ex-ministro Nelson de Figueiredo Ribeiro relata que “a existência de uma definição geopolítica para a Panamazônia surgiu da dificuldade de se chegar a um acordo quanto às dimensões da Amazônia Florestal e da Amazônia Hidrográfica” (2005, p. 201)

A Panamazônia compreende expressivas porções territoriais do Brasil, Venezuela, Guiana, Suriname, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. (SILVA, p.41)

A discussão sobre a composição da Panamazônia faz-se necessária uma vez que essa abordagem compõe o discurso das políticas públicas integradas para a região, o que inclui tentativas que abrangem o turismo. A questão tem sido debatida, a exemplo do que ocorreu no Seminário de Cooperação Panamazônia para o

Desenvolvimento do Turismo e da Gastronomia promovida pela Associação Panamazônia, uma organização não-governamental com sede em Manaus-AM, em 2017. Porém, as ações efetivas para a consolidação do turismo como potencializador de integração da região parecem favorecer interesses alheios aos da comunidade, como conclui o turismólogo Paulo Moreira Pinto ao discorrer sobre o turismo na Tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru que “serve como corolário para mascarar ou suavizar a intenção primeira do capital que é a cooptação das populações locais (...) ao processo de globalização.” (2017, p. 651)

Por mais indefinidas que sejam as motivações das ações que efetivamente ocorrem para integrar a região, relacionadas ao turismo, busca-se o cenário ideal de aproveitamento da proximidade entre os países e do compartilhamento da Floresta Amazônica para se empreender ações conjuntas para o fortalecimento de um turismo justo e efetivo para a região. No Brasil, regiões como o Nordeste, desenvolvem roteiros integrados entre estados para que um turista não conheça apenas um destino, mas aproveite o deslocamento para visitar as localidades vizinhas. No Norte do país, ações parecidas já foram pensadas, no entanto a locomoção entre os estados torna-se mais difícil e cara devido aos custos com passagens aéreas ou ao tempo despendido nos trajetos de barco, já que o transporte via terrestre limita-se a poucos itinerários.

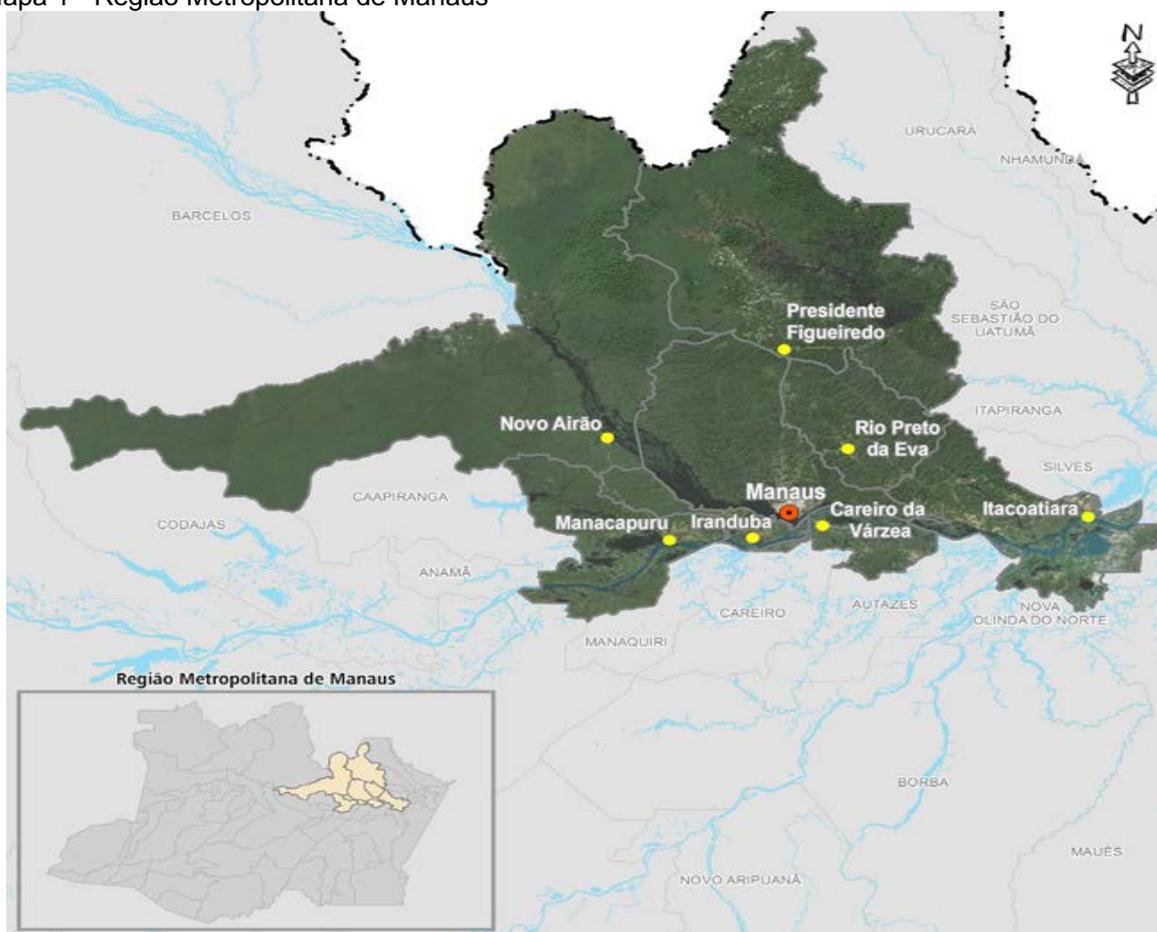
O economista Osiris M. Araújo da Silva aponta nesse sentido: o da proximidade dos países da Panamazônia para fortificar o turismo. Nas palavras dele existe um “enorme potencial à espera de um planejamento estratégico que privilegie a implantação de infraestruturas locais, voos acessíveis e programas especiais que ofereçam comodidade e preços acessíveis.” (2015, p. 54)

A estratégia de integração é a premissa que permeia as políticas para a Amazônia há muito tempo, no turismo não é diferente, no entanto, o turismo que, por vezes, é visto apenas como atividade econômica, pode representar uma alternativa que não objetive apenas o lucro, mas que promova a sensibilização frente ao ambiente natural, social e cultural de ambos os lados: o do visitante e o do visitado. Por mais que o turismo surja como uma alternativa de renda para as comunidades da Panamazônia e o lucro seja um ponto almejado, ele constitui um fenômeno que perpassa os aspectos sociais, culturais e ambientais, sendo assim uma boa lente para se refletir sobre uma possível cooperação de toda a região.

A Panamazônia engloba a Amazônia Brasileira ou Amazônia Legal que abrange toda a região Norte do país, totalidade do Estado de Mato Grosso e dos municípios do Estado do Maranhão situados a oeste do meridiano 44°O. (IBGE, 2014). Um dos estados que compõe a região Norte do país e portanto, a Panamazônia é o estado do Amazonas que possui a maior área territorial do país, com 1.559.161,682 quilômetros quadrados, detém um dos mais baixos índices de densidade demográfica do Brasil, com 2,23 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE, 2010), população de 3.483.985 habitantes, dos quais 2.755.490 vivem na área urbana e 728.495 na área rural e possui 62 municípios. (Governo do Estado do Amazonas)

A capital Manaus é a cidade mais populosa da Região Norte com 1.802.525 habitantes (Governo do Estado do Amazonas) e juntamente com o Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manacapuru, Novo Airão, Presidente Figueiredo e Rio Preto da Eva compõe a Região Metropolitana de Manaus - RMM. (SEPLANCTI, 2015)

Mapa 1 - Região Metropolitana de Manaus



Fonte: SEPLANCTI, 2015

Dos 1.168.612 turistas que visitaram o Amazonas em 2014, 48% vieram a negócios, 34% em busca de lazer, 6% para hospedagem em hotel de selva, 6% motivados pelo ecoturismo, 3% para participar de congressos/convenções, 2% por outros motivos e 1% para pesca esportiva, conforme Indicadores de Turismo do Amazonas (AMAZONASTUR, 2016). Esse número pode ter sido resultado dos jogos da Copa do Mundo de Futebol que ocorreram na capital amazonense, já que o crescimento no número de turistas entre 2013 e 2014 duplicou em relação ao crescimento observado nos anos de 2012 e 2013, ainda de acordo com os indicadores.

Apesar da indisponibilidade de dados estratificados dos anos seguintes, consegue-se ter uma ideia de como se desdobrou o turismo até agora a partir dos dados do Anuário Estatístico de Turismo que detalha o número de estrangeiros que entram no país por estado, sem analisar as motivações. Em 2016, foram 45.364, uma redução em relação aos anos anteriores (em 2015 foram 50.290 e em 2014 foram 50.032). Já o turismo interno, ou seja, que movimenta pessoas residentes no Brasil, chegados no Amazonas foram 1.354.059 no ano de 2016, o que representa que os turistas brasileiros são mais numerosos que os turistas estrangeiros. Uma reportagem do Jornal A Crítica, mostra o cenário de aparente retração no fluxo de turistas pós-Copa:

O Ministério do Turismo comemorou esta semana recorde no número global de turistas estrangeiros no País: 6.588.770 vieram em 2017, número maior que os registrados em 2016, ano das Olimpíadas (6.546.696), e 2014, ano de Copa do Mundo (6.429.852). A alta de 0,6% em relação ao ano anterior foi puxada por países vizinhos, que saíram de 3,7 milhões para 4,1 milhões de visitantes. O Amazonas é um dos oito estados que aparece com variação negativa na comparação 2017/2016. O Amazonas não conseguiu “surfar” nessa onda de turistas. Em 2017, a Polícia Federal registrou a entrada de 33.627 visitantes estrangeiros no Estado. Queda de 25% na comparação com 2016, quando o número foi de 45.364 pessoas. Os dados são do Anuário Estatístico de Turismo. (2018)

Um grande hotel da rede Accor Hotels, o Caesar Business encerrou as atividades recentemente em Manaus, causando a sensação de uma retração no fluxo turístico para o Amazonas, contudo revelando uma falta de articulação política e empresarial para a consolidação do turismo no estado.

O turismo em Manaus alcançou seu primeiro ápice com o chamado “turismo de compras” entre 1975 e 1990 com a Zona Franca de Manaus que começou a declinar a partir de 1991 quando o quadro econômico relacionado as isenções de taxas no Brasil se alteraram, passava a surgir, assim, o ecoturismo como motivador de visitas a região. (Costa Novo, 2015)

O capital natural, que se mantém preservado ainda no século XXI, rendeu ao Amazonas, em meados dos anos 90, o título de “Estado Referência para o Ecoturismo”, concedido pelo Governo Federal (FARIA, 2001). Todavia, o ecoturismo não se tornou uma das principais atividades econômicas e, ao que se vê, muitas são as iniciativas do governo Federal, como o Projeto Corredores Ecológicos e o Programa para o Desenvolvimento do Ecoturismo na Amazônia Legal (Proecotur) para tentar consolidá-lo na região. O Proecotur foi iniciado no ano 2000 e tem como objetivo principal viabilizar o ecoturismo como uma atividade sustentável para o desenvolvimento da Amazônia Legal. (COSTA NOVO, 2015, p.97)

O Proecotur divide-se em treze polos ecoturísticos, sendo um deles, o Polo Amazonas que abrange os municípios: Autazes, Barcelos, Careiro Castanho, Careiro da Várzea, Iranduba, Itacoatiara, Manaus, Manacapuru, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva, Novo Airão, Santa Isabel do Rio Negro, São Gabriel da Cachoeira e Silves (Ministério do Meio Ambiente, 2018). Alguns dos municípios pertencentes a Região Metropolitana de Manaus.

Para a turismóloga e geógrafa Cristiane Costa Novo (2015) mesmo que alguns municípios da RMM, tenham percebido algumas transformações causadas pelo programa, as mudanças de governo acabam por interromper as ações em curso ou alterá-las.

Um estudo realizado por pós-graduandos da Especialização em Turismo e Desenvolvimento Local da Universidade do Estado do Amazonas, em 2012, que analisou a retração turística no município de Rio Preto da Eva, demonstra que o maior fluxo turístico para o município é de moradores de Manaus. Mesmo que o órgão estadual de turismo não ofereça dados referentes a esse universo – fluxo entre municípios - esse ponto representa um viés para a reflexão do turismo nos municípios do Amazonas, que não necessariamente precisa ser composto de turistas estrangeiros ou oriundos de outros estados brasileiros.

1.1.1 Área de estudo

Neste estudo, uma região específica do município do Careiro da Várzea constituirá o pano de fundo para a compreensão do estudo de caso, a ser detalhado.

Conforme informações constantes da 1ª edição do Perfil da Região Metropolitana de Manaus (2015), elaborada pela Secretaria de Estado de Planejamento, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação – SEPLAN-CTI, o município de Careiro da Várzea foi criado em 1987, desmembrada de Manaus em 1955, em ato contínuo a Vila do Careiro, sede do município foi elevada à categoria de cidade. O desembargador aposentado Antônio Carlos Marinho Bezerra, autor do livro “Careiro da Várzea: história, memórias e atualidades”, mostra que a Vila do Careiro começara a ser construída em 1932. Com 90% de seu território coberto por várzea, “localiza-se a 15 km da capital Manaus e possui um importante ecossistema de várzeas altas e baixas, lagos, paranás, florestas de várzea, chavascas e igarapés. É banhado pelos rios Solimões e Amazonas, estando situada em frente do local de encontro do Rio Negro e Rio Solimões, onde ocorre a formação do Rio Amazonas.” (SEPLANCTI, 2015)

Mapa 2 - Careiro da Várzea



Fonte: SEPLANCTI, 2015

O Careiro da Várzea limita-se ao Norte com o município de Manaus, a oeste com Iranduba, ao sul com o Careiro e Autazes e a leste com Itacoatiara, sendo o acesso a cidade realizado apenas por via fluvial. Localiza-se na Mesorregião Centro Amazonense e Microrregião de Manaus. De acordo com dados do último censo (IBGE, 2010), a população era de 23.930, dividindo-se em 1000 habitantes na área urbana e 22.930 na área rural, em 107 comunidades. A SEPLANCTI aponta o Produto Interno Bruto nos valores de R\$ 117.351,00 para a Agropecuária, R\$ 9.503,00 para Indústria e R\$ 113.553,00 para Serviços (2014).

O turismo não figura na economia do município, no entanto, alguns pontos merecem atenção:

- A SEPLANCTI sinaliza um ponto de atração turística - Igreja de Nossa Senhora da Conceição – ressaltando a beleza da construção e proximidade com o igarapé do Janauacá;
- O IBGE não registrou nenhum meio de hospedagem no município no último censo;
- Um quadro elaborado por Costa Novo (2015) tendo como base o site da Empresa Estadual de Turismo do Amazonas, o Cadastro de Prestadores de Serviços (Cadastur) do Ministério do Turismo e Associação da Hotelaria de Selva da Amazônia Brasileira (Diagnóstico de Hotelaria de Selva do Amazonas – 2010), registra 2 hotéis de selva no município em estágio inicial de desenvolvimento, em 2011;
- Atualmente o site da Amazonastur não indica o Careiro da Várzea no ícone “Onde ir?” como destino turístico do Amazonas;
- Ainda de acordo com Costa Novo (2015), o Careiro da Várzea contava com uma Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo em 2010.

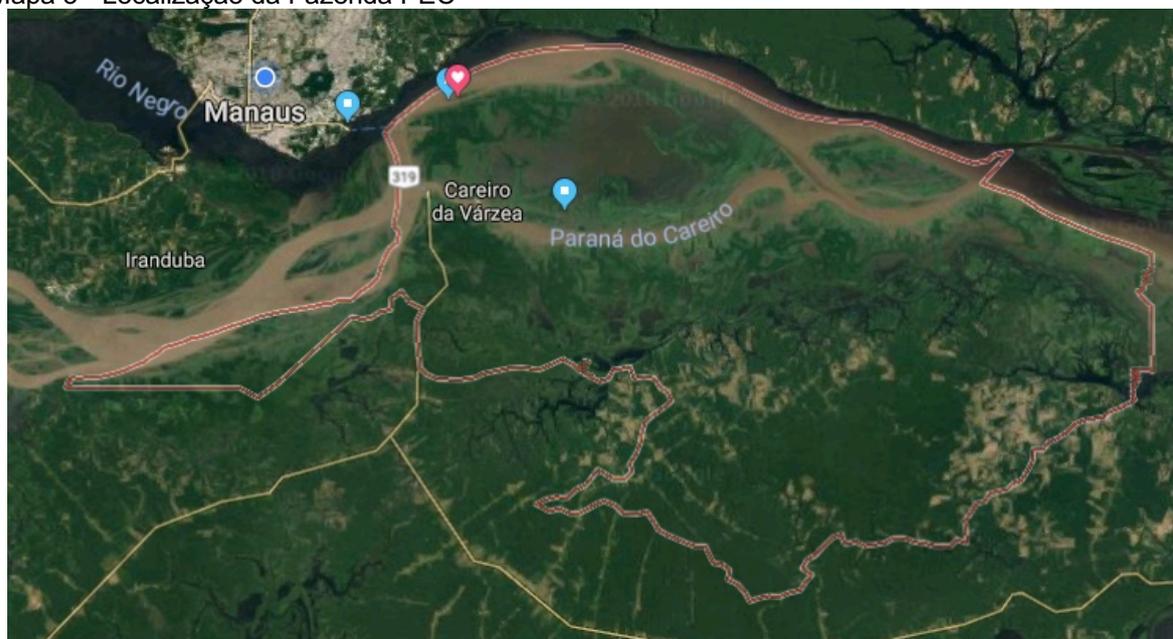
Demonstra-se, dessa forma, que apesar dos inúmeros atrativos naturais, da proximidade com a capital amazonense e sendo passagem de barcos regionais oriundos do Pará e outras localidades, inclusive a rota turística denominada Rota dos Rios (Belém, Santarém e Manaus), o único atrativo turístico constante em uma coletânea oficial redigida por uma Secretaria de Estado é a igreja citada.

O IBGE realiza o censo dispondo de profissionais capacitados que percorrem toda a extensão territorial do município e não contabilizou nenhum empreendimento hoteleiro, apesar de constarem dois hotéis de selva registrados no Cadastur e que

não é mencionado pela Amazonastur em seu site que constitui um importante guia para pessoas interessadas em visitar a região. Por último, o Careiro da Várzea possuía uma secretaria que trabalhava os assuntos pertinentes ao turismo e meio ambiente. Conforme entrevista realizada com o Secretária de Pesca do Município, atualmente existem três secretarias distintas para tratar do Turismo, da Pesca e Meio Ambiente, que será descrito de forma detalhada durante a discussão dos resultados.

O que se visualiza nos itens expostos é que não há uma organização dos dados turísticos relativos ao município, mesma dificuldade encontrada com os demais dados que destoam bastante entre as fontes, faltando ainda, um esforço no sentido da implantação e consolidação do turismo. Entendendo que a análise de um território amplo que engloba todo o município depende tempo e recursos não existentes no período da pesquisa, faz-se necessário um recorte para melhor delimitação da problematização, inferindo que a partir das reflexões empreendidas será possível compreender o porque do turismo não acontecer de maneira estável no município. O mapa a seguir mostra o município do Careiro da Várzea, o local da pesquisa é um empreendimento familiar localizado na Comunidade São Francisco, Costa da Terra Nova, assinalado no mapa abaixo.

Mapa 3 - Localização da Fazenda PEC



Fonte: próprio autor, 2018

A linha vermelha delimita o município do Careiro da Várzea, o ponto azul em Manaus refere-se ao Porto da Ceasa. Os pontos azuis e vermelhos quase acoplados

são a Escola Municipal Professora Francisca Góes e a Fazenda PEC. O ponto azul próximo ao Paraná do Careiro é a sede do município. A mancha escura na faixa de terra entre o Paraná do Careiro e os o Rio Amazonas é o Lago dos Reis. Importante notar ainda que a faixa vermelha que traça o limite do município passa entre Manaus e o Careiro da Várzea sobre o Encontro das Águas.

1.2 Método

1.2.1 Momentos da pesquisa

A pesquisa passou por três momentos que modificaram a direção da pesquisa: antes de ir a campo, depois do primeiro contato com o campo e após as demais idas a campo. Antes de ir a campo, a pesquisa caminhava para o estudo da hospitalidade no turismo comunitário já que a pesquisadora tinha experiência em treinar pessoas para o atendimento empresarial seguindo padrões estabelecidos pelo mercado. A intenção inicial era avaliar a hospitalidade que ocorria no turismo comunitário em contraponto ao atendimento empresarial, já que em entrevista prévia a um morador da comunidade, a informação era que existia uma atividade turística ocorrendo ali.

Em um segundo momento, após a primeira ida a campo, constatou-se que não se tratava de um turismo comunitário, dizia respeito a um empreendimento de uma família específica querendo trabalhar o turismo e que tinha um fluxo tímido de visitantes com um relativo apoio da prefeitura. E que o restante da comunidade estava alheia ao processo.

A partir da segunda visita ao campo e após as primeiras conversas com os moradores, a informação de que já havia existido turismo na Costa da Terra Nova fez com que uma outra perspectiva surgisse.

Neste momento, os questionamentos deixaram de ser apenas voltados para a manifestação da hospitalidade em uma comunidade e passaram a ser relacionados ao porque do turismo não acontecer, mesmo que a família possuísse uma grande vontade de trabalhar com o turismo e mesmo que ele já tivesse ocorrido naquele lugar.

O olhar sobre o local se alterou e possibilitou ver que aquele lugar é um espaço que se estrutura ou busca se estruturar para o turismo, sendo possível, assim, entender quais seriam os elementos necessários para que a atividade pudesse de fato acontecer.

1.2.2 Problema e objetivos da pesquisa

Apesar do percurso metodológico ter se alterado consideravelmente no decorrer da pesquisa, algumas problemáticas a nortearam desde o começo: por que uma área tão próxima a Manaus apresenta um turismo incipiente? Por que uma família com características hospitaleiras não consegue de fato hospedar pessoas em seu empreendimento?

Nesse momento, torna-se imprescindível mencionar que uma das características que melhor representam o encontro entre visitante e visitado é a relação de hospitalidade que será o conceito principal a guiar a observação do fenômeno.

Nesse sentido, a pesquisa apresenta como objetivo geral compreender os elementos necessários a partir da hospitalidade, para a implantação e consolidação do turismo na comunidade de São Francisco, Costa do Terra Nova, Careiro da Várzea-AM, e como objetivos específicos, tem-se:

- Relatar a história e a prática atual do turismo na comunidade;
- Identificar as relações de interdependência a partir da manifestação da hospitalidade para a implantação do turismo;
- Apontar os elementos para a consolidação do turismo a partir dos relatos dos moradores.

1.2.3 O método escolhido

Levando em consideração que não há outros moradores trabalhando com o turismo na comunidade; que a família proprietária do empreendimento reúne características de hospitalidade, estrutura física e vontade de querer trabalhar com o turismo; e que existe potencial turístico no que diz respeito a atrativos naturais, culturais e históricos; entendemos que o melhor método para a pesquisa seja o estudo de caso.

O empreendimento foi escolhido por ser o único local turístico na Comunidade São Francisco e por sua recente criação possibilitar a reflexão sobre a maneira como o fenômeno turístico surge e se consolida em comunidades amazônicas, bem como se caracterizam as figurações provenientes desse fenômeno e suas relações de trocas culturais sob a perspectiva da hospitalidade.

Para o cientista social Robert Yin, “a necessidade diferenciada da pesquisa de estudo de caso surge do desejo de entender fenômenos sociais complexos. Em resumo, um estudo de caso permite que os investigadores foquem um “caso” e retenham uma perspectiva holística e do mundo real” (2015, p.4). Assim, a partir do caso de um empreendimento turístico familiar em uma comunidade refletimos sobre o turismo, suas figurações e a hospitalidade que as envolve no contexto amazônico.

O estudo de caso nos permitiu que o caminhar metodológico se alterasse. A pesquisa bibliográfica impulsiona a uma busca de conceitos fechados que compreendam a realidade a ser desvendada, no entanto, a pesquisa de campo demonstra um cenário mais livre onde nomenclaturas não cabem e faz-se necessária a reflexão a luz de conceitos que por vezes, fogem da área de formação.

1.2.3.1 Procedimentos metodológicos

Algumas ideias persistiam antes do contato com o campo: a existência de uma atividade turística (comunitária ou não) que resultaria em uma figuração que alimenta esta atividade; as iniciativas relacionadas ao turismo que já existiram na localidade não tiveram êxito; a proximidade com Manaus constituía um ponto forte para a ocorrência do turismo; a existência de potencialidade turística.

As visitas a campo se deram em cinco momentos: quatro idas a comunidade em fins de semana (com ou sem movimento de visitantes) e estada de uma semana imersa no cotidiano da família gestora do empreendimento, que demonstraram que: a atividade de visitação ainda é incipiente; que não existe uma figuração que alimente a atividade existente; já existiu atividade turística na região; a proximidade pode não representar um ponto forte; e a potencialidade turística precisa ser trabalhada com políticas públicas voltadas para o turismo. Os momentos se deram nas duas épocas do rio: vazante e cheia.

Tudo o que o campo revelou sugeriu que a pesquisa caminhasse para uma nova perspectiva: a de perceber que elementos são necessários para que o turismo aconteça, necessitando, assim, de aportes teóricos que possibilitem uma análise a partir da fala dos comunitários.

Dessa forma, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo constituíram os procedimentos metodológicos da pesquisa, embasando a observação participante que foi fundamental para compreender que no caso em questão não caberia a

aplicação de um questionário e/ou entrevistas semiestruturadas, o mais adequado seria participar das vivências cotidianas e conversar com os moradores da fazenda e da comunidade que se abrissem para tal.

A observação participante se despreendeu, assim, de qualquer roteiro previamente estabelecido e apoiou-se nas oportunidades possibilitadas pelo dia-a-dia da comunidade, atendo-se aos relatos sobre a história da Fazenda PEC, a ocorrência do turismo, as figurações provenientes da fazenda, os laços afetivos com a família gestora da fazenda, fluxo de visitantes e iniciativas públicas referentes ao turismo.

Nas palavras de Maria Cecília Minayo (2009, p.70), “ela permite ao pesquisador ficar mais livre de prejulgamentos, uma vez que não o torna, necessariamente, prisioneiro de um instrumento rígido de coleta de dados ou de hipóteses testadas antes, e não durante o processo de pesquisa.”

Tão importante quanto a observação, é o aporte teórico que se apropriará ora de conceitos da sociologia, ora de conceitos do turismo, buscando a compreensão da realidade. Realidade esta que se assemelha muito as terras do local – terras de várzea – que em cada época do ano demonstram uma paisagem diferente e que revelam que nem tudo o que é visível traduz o que parece ser.

1.2.3.2 A Fazenda PEC e os anfitriões da pesquisa

A Fazenda PEC é um empreendimento de gestão familiar cuja principal atividade econômica é a agricultura e a pecuária, no entanto, um dos objetivos futuros é o turismo. A família gestora é composta por cinco membros: a senhora M.J. (transcrição da entrevista no Apêndice A), seu esposo M.C., seu filho M.N., sua nora S.N. e o neto G.N., que serão identificados com as iniciais de seus nomes. Todos nascidos na comunidade de Varre Vento no Careiro da Várzea, exceto S.N. que é da própria comunidade.

Figura 1 - Família anfitriã



Fonte: própria autora

O nome do empreendimento é Fazenda PEC Amazonas Ecoturismo. PEC vem da palavra pecuária e foi atribuída pelo primeiro proprietário da fazenda e o “Ecoturismo” foi adicionado por um conhecido da família, Aldo, hoje secretário de pesca do município, quando a família decidiu trabalhar com o turismo.

A casa que a família mora é bem estruturada, de um tom laranja forte, que se destaca em meio a paisagem verde. O rio não chega perto da casa na época da cheia, apesar dos dois lagos próximos encherem de água. Cheia esta que acomete muito pouco a Fazenda PEC em comparação as demais áreas da Costa da Terra Nova, já que seu terreno é praticamente todo aterrado. Tipo de prática que reflete um passado histórico de privilégios.

Figura 2 - Casa principal da Fazenda PEC



Fonte: Conceição, Maria (2017)

A fazenda compreende um vasto território com duas casas, uma onde a família mora e a outra atualmente ocupada pelos funcionários, muitos lagos, alguns dos quais só enchem na época da cheia do rio, incluindo vitórias-régias em sua paisagem, quatro trilhas, uma casa grande antiga e bem estruturada na parte detrás do terreno, sítio arqueológico, uma ilha a frente do terreno onde fica o gado, acesso ao rio e uma imensa área verde com frondosas árvores e plantações.

Figura 3 - Casa principal e casa atualmente ocupada pelos funcionários



Fonte: própria autora, 2018

A fazenda fica a aproximadamente 30 minutos de Manaus saindo do Porto da Ceasa em lancha rápida contratada individualmente (ao custo aproximado de R\$ 150,00 ida e volta), no entanto, há a possibilidade de sair dos bairros Colônia Antônio Aleixo e Puraquequara, e em barcos regulares (ao custo de R\$ 20,00 a ida ou a volta) em dois horários pré-estabelecidos pela manhã para ida e em dois horários pré-estabelecidos na parte da tarde para retorno.

Figura 4 - Porto da Ceasa



Fonte: própria autora, 2018

Abaixo um desenho que simula a disposição da fazenda feito em conjunto com o senhor M.C.

Figura 5 - Mapa mental da Fazenda PEC



Fonte: próprio autor, 2018

2 O TURISMO NA COSTA DA TERRA NOVA

2.1 Considerações sobre o conceito de turismo

Discorrer sobre o turismo é algo tão complexo que se torna difícil determinar o ponto de partida para abordá-lo enquanto conceito. Por um lado, sua estrutura mercadológica obedece a uma organização em segmentos (turismo comunitário, turismo cultural, turismo rural etc) e por outro, sua ocorrência extrapola a ordenação compartimentada resultando em um fenômeno que envolve encontro de pessoas, contato entre culturas, trocas comerciais... O turismo congrega um entrelaçamento de aspectos sociais, econômicos, culturais, históricos e ambientais e representa uma significativa alteração no cotidiano das localidades que o realizam.

A Organização Mundial do Turismo – OMT² (2008) define turismo como:

um fenômeno social, cultural e econômico que envolve o movimento de pessoas para países ou lugares fora de seu ambiente habitual para fins pessoais ou de negócios/profissionais. Essas pessoas são chamadas de visitantes (que podem ser turistas ou excursionistas; residentes ou não residentes) e o turismo tem a ver com suas atividades, algumas das quais envolvem gastos com turismo.³

Esta definição é adotada oficialmente pelo Brasil e engloba o caráter fenomenológico do turismo. A OMT possui um glossário com vários termos utilizados no turismo mundial, a maioria das conceituações oriundas de documentos oficiais da organização como balanços financeiros, perspectivas de demanda e recomendações para estatísticas de turismo. Segundo este conceito, o turismo envolve locomoção

² A Organização Mundial do Turismo (UNWTO) é uma agência das Nações Unidas responsável pela promoção do turismo responsável, sustentável e universalmente acessível. (...) A UNWTO promove o turismo como um impulsionador do crescimento econômico, desenvolvimento inclusivo e sustentabilidade ambiental e oferece liderança e apoio ao setor na promoção de políticas de conhecimento e turismo em todo o mundo. A UNWTO incentiva a implementação do Código Global de Ética para o Turismo, maximizando a contribuição socioeconômica do turismo e minimizando seus possíveis impactos negativos, e está comprometida em promover o turismo como um instrumento para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) voltados para a redução da pobreza e fomentar o desenvolvimento sustentável em todo o mundo. (OMT, 2008)

³ Tourism is a social, cultural and economic phenomenon which entails the movement of people to countries or places outside their usual environment for personal or business/professional purposes. These people are called visitors (which may be either tourists or excursionists; residents or non-residents) and tourism has to do with their activities, some of which involve tourism expenditure. (Citação original – UNWTO, 2008)

para lugar diferente do habitual, o que seria um local que não pertence a rotina do indivíduo. Ele menciona ainda que o turismo tem a ver com suas atividades que também devem escapar do cotidiano e que algumas envolvem gastos. Um outro ponto interessante é que alguns autores se dedicam a discutir a motivação do turista ou visitante, excluindo em algumas definições as motivações para fins de negócios, o que o conceito oficial descarta.

Segundo a mesma organização, *visitor* (visitante) é um viajante que se locomove “para um destino principal fora de seu ambiente habitual, por menos de um ano para qualquer propósito principal (negócios, lazer ou outros fins pessoais) que não seja empregado por uma entidade residente no país ou lugar visitado” (2008). O *tourist* (turista) inclui ao menos um pernoite no local visitado e o *excursionist* (excursionista) permanece por apenas um dia.

Por ser o conceito oficial do país é amplamente divulgado e embasa diversas pesquisas científicas ou não, no entanto, existem algumas lacunas que despertam discussões e reflexões sobre quais situações podem ser enquadradas como turismo ou não. De certa maneira, qualquer circunstância pode ser excluída ou incluída no conceito dependendo da argumentação, a frase “o turismo tem a ver com suas atividades, algumas das quais envolvem gastos com turismo” parece considerar os visitantes que não despendem dinheiro, condição desprezada por alguns autores e principalmente pelos indicadores financeiros das empresas e da administração pública dos municípios, estados e do país. Para a OMT, “as atividades” são descritas como:

As atividades realizadas por um visitante podem ou não envolver uma transação de mercado, e podem ser diferentes ou semelhantes àquelas normalmente realizadas em sua rotina regular de vida. Se eles são semelhantes, sua frequência ou intensidade é diferente quando a pessoa está viajando. Essas atividades representam as ações e comportamentos das pessoas em preparação e durante uma viagem em sua capacidade como consumidores. (2010, p.1)⁴

⁴ The activities carried out by a visitor may or may not involve a market transaction and may be different from or similar to those normally carried out in his/ her regular routine of life. If they are similar, their frequency or intensity is different when the person is travelling. These activities represent the actions and behaviors of people in preparation for and during a trip in their capacity as consumers. (Citação original – UNWTO, 2008)

A “capacidade como consumidores” parece anular a percepção anterior de que um turista pode não despendar recurso financeiro, ao mesmo tempo que salienta a capacidade e não necessariamente o gasto ou transação de mercado como mencionado.

Uma pessoa que viaje a trabalho para lugar diferente da localidade de residência e que seja remunerada por empresa instalada em seu espaço de origem estaria fazendo turismo mesmo que não tenha tempo livre e/ou para lazer no destino? Seria turista porque despende dinheiro para pagamento de hotel, refeições e transporte, mesmo que não sinta prazer em conhecer o local? Ou por outro lado, poderia ser turista dormindo em alojamento do local de trabalho de destino, comendo a alimentação fornecida pela empresa e sendo transportada por veículos da organização e mesmo assim sentindo-se turista por estar conhecendo um novo local, contemplando paisagens e conhecendo novas pessoas e cultura?

No contexto do Amazonas, um indivíduo é turista quando reside em Manaus e vai ao município de Rio Preto da Eva tomar café regional em uma manhã de domingo? Ou em outra situação, é turista quando leva tudo o que vai consumir para o outro município e passa o dia usufruindo de suas belezas naturais?

Em todas as situações levantadas ocorre o turismo já que há o movimento de pessoas para local diferente do habitual com motivações diversas, no entanto de acordo com a motivação, o turista estará ou não em uma condição de lazer.

O autor Rodrigo de Azevedo Grunewald (2003) escreve que:

Turismo indica movimento de pessoas que não estão a trabalho em contextos diferentes do de origem, seja este o lar, a cidade ou o país. Trata-se, geralmente, de visitação a lugares onde poderão ser desempenhadas as mais variadas formas de atividades práticas e/ou subjetivas desde que não o trabalho. A amplitude do termo parece caber desde ao olhar visitante a um monumento na própria cidade de origem até ao passeio em lugares totalmente desconhecidos de outros países. Se algumas definições de turismo destacam a prática ou a estrutura do fenômeno, acho que ambas as esferas – considerando suas dimensões simbólicas, subjetivas e até fenomenológicas – devem caracterizar o fenômeno na medida em que as pessoas muitas vezes se sentem, ou não, *em turismo*.

Essa definição considera o turismo como sinônimo de lazer, o que vem de encontro ao conceito oficial que considera a locomoção para lugar diferente do habitual condicionante obrigatória para a ocorrência do turismo e coloca a possibilidade de várias motivações, inclusive a motivação para fins de negócios ou profissionais.

Uma prática comum no trade turístico⁵ é o *Fam Tour* ou *Familiarization Tour* que será utilizado para uma breve consideração sobre como um trabalho pode despertar a sensação de ser turista ao mesmo tempo que exemplifica o porque da situação laboral excluir o contexto do lazer.

De acordo com o Ministério do Turismo o *Fam Tour* “é um programa educacional, geralmente para agentes de viagem ou pessoal de linha aérea, a um destino, visando avaliação das instalações turísticas. Geralmente promovido em cooperação entre linhas aéreas, operadoras e organismos de turismo locais”. A questão é que este programa educacional é realizado de modo a encantar os funcionários de empresas turísticas com o objetivo de aumentar as vendas do destino.

Em entrevista a três colaboradoras do trade que participaram de *Fam Tour*, é possível pontuar alguns aspectos. Thaís Figueiredo, 29 anos, relatou duas experiências, uma visita ao Beach Park, parque aquático localizado em Aquiraz – CE e outra ao México, dizendo que sua sensação foi prazerosa e sentiu-se em grande parte do tempo em lazer. Rosângela Barros, 49 anos, no entanto, assinalou que por mais que sintam-se em lazer, existem situações nas viagens que talvez não experimentaria caso não estivesse sendo “presenteada” com elas, citando as saídas noturnas a boates e bares, o que em situação normal não faria por não apreciar esse tipo de experiência, no entanto, precisa executar para que transmita ao cliente futuro as percepções sobre a vida noturna do lugar. Citou ainda, o caso de um amigo que tem medo de altura, mas que precisou subir em um balão na Capadócia já que o passeio estava custeado pelo promotor do *Fam Tour* para seus convidados.

Regina Bueno, 54 anos, diz que o destino para onde se viaja faz muita diferença, ela utiliza como exemplo uma viagem aos parques temáticos da *Disney World*, em Orlando – FL, onde sentiu-se como turista no decorrer do passeio e uma outra viagem realizada a Índia, onde sentiu-se em lazer em alguns momentos e em outros “lembrou” de sua obrigação contratual ao comer comidas típicas que não a agradaram muito e ao realizar um passeio sobre um elefante, o que ela também não faria caso estivesse viajando de férias.

⁵ São organizações privadas e governamentais atuantes no setor de "Turismo e Eventos" como os Hotéis, Agências de Viagens especializadas em Congressos, Transportadoras Aéreas, Marítimas e Terrestres, além de Promotores de Feiras, Montadoras e Serviços Auxiliares (tradução simultânea, decoração, equipamentos de áudio visuais, etc.) (EMBRATUR, 1995).

Viagens para destinos como Fortaleza - CE, México, Orlando, Dubai, Turquia e Índia, com todas as despesas pagas, exceto custos com souvenirs; hospedando-se em hotéis de luxo ou grandes resorts; e ainda, desfrutando de grandes e conhecidos atrativos, como Parques Temáticos da *Disney World* e *Beach Park* e passeios nos balões da Capadócia produzem uma gama de sensações prazerosas e que talvez não fossem vivenciadas caso não tivessem sido contempladas com o *Fam Tour*. Assim, é possível alguém estar trabalhando e experimentando sensações prazerosas e diferentes das habituais, no entanto as tensões e obrigações de trabalho ainda permeiam a consciência dessas viajantes. Dessa forma, a obrigação contratual, a necessidade de conhecer para convencer um futuro cliente tornam a viagem uma parte do trabalho e se contrapõe ao conceito de lazer.

O importante a se observar é a diferença entre o conceito de turismo e o de lazer. O turismo, segundo exposto acima, envolve movimento de pessoas por motivações diversas para lugar diferente do local de residência fixa por período inferior a um ano. O lazer, segundo Elias e Dunning (1992) corresponde a busca de emoções prazerosas, desobstruída de obrigatoriedade. É na parcela do tempo livre que se vivencia atividades de lazer. No lazer, diferentemente do trabalho e das rotinas do cotidiano, se busca vivenciar tensões diferenciadas e prazerosas. Portanto, contrapondo a ideia de Grünewald (2003) que sugere tudo ser a mesma coisa. O lazer pode estar no turismo e o turismo pode representar lazer, mas eles não são sinônimos.

2.2 Políticas públicas para o turismo

A OMT “promove o turismo como um impulsionador do crescimento econômico, desenvolvimento inclusivo e sustentabilidade ambiental” além de “estar comprometida em promover o turismo como um instrumento para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável voltados para a redução da pobreza e fomentar o desenvolvimento sustentável em todos o mundo” (2008). Sendo assim, o turismo é mais que uma atividade econômica, ele é um instrumento para exercício de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável. Dessa forma, existem planos e programas direcionados ao turismo que se voltam para a realidade amazônica.

O Plano Nacional de Turismo (2015) apresenta como uma de suas iniciativas “Promover a integração da produção local à cadeia produtiva do turismo e o

desenvolvimento do Turismo de Base Local”, de acordo com o texto constante no plano:

...é preciso ter a compreensão de que um mercado onde o turismo criativo e a oferta de vivências são cada vez mais valorizados, a Produção Associada ao Turismo (PAT) e o Turismo de Base Local (TBL) se destacam como alternativa estratégica de valorização e qualificação dos destinos, com grande impacto para o desenvolvimento local e para a contribuição na diversificação da oferta turística.

Esta iniciativa relaciona-se integralmente às comunidades amazônicas brasileiras tanto por envolver a produção do Setor Primário como estratégia para o turismo quanto por incentivar a organização comunitária cooperativa para oferta da atividade.

Segundo o texto do PNT (2015), esta iniciativa “promove o desenvolvimento local pelo viés do turismo, incorporando a promoção de melhorias na qualidade de vida das comunidades locais” e tem como estratégias: “estimular o desenvolvimento de novas atividades turísticas que incorporem aspectos da produção local, da cultura e da culinária regional” e “apoiar e articular ações para promover e ampliar os canais de comercialização dos produtos associados ao turismo e das iniciativas de Turismo de Base Local”

O turismo a partir da comunidade e pela comunidade existe teoricamente na política pública federal para o turismo, sintetizado no referido plano, esta por sua vez desdobra-se em políticas estaduais e municipais, o que nos leva ao Plano de desenvolvimento sustentável e integrado da Região Metropolitana de Manaus, que prevê dentre outras metas “Desenvolver uma política metropolitana voltada ao turismo de base comunitária”, difundindo “o conceito de turismo de base comunitária seja nas áreas rurais ou nas áreas urbanas e a capacitação para sua prática”.

Costa Novo (2015) menciona que:

por meio de parcerias com o poder público, com universidades e organizações do terceiro setor, o turismo de base comunitária pode afigurar-se, para estas comunidades, como uma alternativa econômica que se soma ao extrativismo, à agricultura, à pecuária e à piscicultura, dentre outras. (p.77)

No Amazonas, algumas comunidades recebem um efetivo apoio do Terceiro Setor para instrumentalização do turismo, são os casos das comunidades inseridas

nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável - RDS⁶. As palavras do secretário de Pesca do município do Careiro da Várzea traduzem o pensamento de que para um maior apoio estadual, a criação da RDS é necessária: “A RDS é a base de tudo, para o manejo do jacaré, para os acordos de pesca e para o turismo.”

Em termos práticos, a criação de uma unidade de conservação como a RDS possibilita várias ações no sentido de apoio técnico para implantação de medidas de conservação ambiental e capacitação da comunidade para obtenção de renda com o turismo. Dessa forma, percebe-se por meio da fala do secretário que o município buscou estabelecer uma estratégia neste sentido.

O turismo em comunidades inseridas em unidades de conservação é uma “dentre as diversas possíveis fontes de custeio que devem compor os elementos que promovem a sustentabilidade financeira do Sistema de Unidades de Conservação” (ISA⁷, 2018) e no Amazonas, isso acontece em algumas comunidades apoiadas por organizações do Terceiro Setor, como a Fundação Amazonas Sustentável – FAS e a WWF⁸.

Torna-se importante observar neste momento que a vontade do secretário é baseada em suposições de que a criação da Unidade de Conservação trará benefícios e fornecerá um alicerce para a implantação do turismo, no entanto, os impactos e transformações que virão com essa criação não estão sendo visualizadas. A exemplo das estátuas pensantes (ELIAS, 1994, p. 100) que veem o mundo, refletem sobre ele, mas não podem ir até lá, a gestão municipal formula uma estratégia baseada na

⁶A Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica. (ISA, 2018)

⁷ O Instituto Socioambiental (ISA) é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), associação sem fins lucrativos. Fundada em 22 de abril de 1994, o ISA herdou o patrimônio material e imaterial de 15 anos de experiência dos Programa Povos Indígenas no Brasil do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (PIB/CEDI) e do Núcleo de Direitos Indígenas (NDI) de Brasília duas organizações reconhecidas sobre as questões relativas aos direitos indígenas no Brasil. (ISA, 2018)

⁸ Em 1961, quando foi fundado, a sigla WWF significava “World Wildlife Fund” o que foi traduzido como “Fundo Mundial da Natureza” em português. No entanto, com o crescimento da organização, a sigla ganhou sua segunda tradução: “World Wide Fund For Nature” ou “Fundo Mundial para a Natureza”. Atualmente, porém, a sigla WWF tornou-se tão forte internacionalmente que não se faz mais tradução para qualquer significado literal, ou seja, agora a organização é conhecida simplesmente como WWF, uma organização de conservação global. (WWF, 2018)

implantação da RDS sem base empírica, o que pode representar no futuro, uma expectativa frustrada.

O turismo comunitário é o mais apoiado e incentivado na região amazônica, sendo umas das tipologias mais discutidas nas pesquisas acadêmicas relacionadas ao turismo, sua definição encontra-se em construção, no entanto, o protagonismo da comunidade no processo de planejamento e oferecimento de experiências turísticas é aspecto comum a todas as definições.

Maldonado (2009, p.31) entende turismo comunitário como:

Toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão sustentável dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade no trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação dos serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nosso visitante, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida.

De maneira a reforçar o exposto por Maldonado, Sansolo e Bursztyn (2009, p.147) após levantamento bibliográfico, concluem que “os componentes de conservação ambiental e valorização da identidade cultural sustentam esta proposta de turismo, bem como a geração de benefícios diretos para as comunidades receptoras”.

Este tipo de turismo seria o desejável, contudo para o começo de uma atividade turística nesses moldes há de se reunir vários fatores que atualmente inexitem ou ainda não estão organizados na Comunidade São Francisco. Sendo assim, a partir da reunião de tais características e da reflexão sobre os aspectos que já existem, será traçado um possível caminho para a ocorrência da atividade.

Apesar de não ocorrer um apoio ou um interesse em relação ao viés turístico na comunidade tanto de fora para dentro (órgãos públicos, organizações não-governamentais, universidades etc) quanto de dentro para fora (própria comunidade), a agricultura, principal atividade econômica, recebe apoio de algumas instituições, como é o caso da Universidade Federal do Amazonas, por meio do Núcleo de Socioeconomia – NUSEC⁹.

⁹ “O NUSEC é um núcleo de estudo, pesquisa e extensão ligado a Faculdade de Ciências Agrárias (FCA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob a coordenação da professora Therezinha de Jesus Pinto Fraxe. Desde 2004, as tecnologias sociais apropriadas vêm sendo desenvolvidas pelo NUSEC nas comunidades rurais do Estado do Amazonas, por meio de projetos financiados pelas mais

Este é um elemento fundamental para se pensar o turismo na comunidade, a junção da agricultura, pecuária e pesca com o turismo, gerenciada por uma associação comunitária. “O turismo não deve competir nem, e menos ainda, suplantar as atividades tradicionais que têm garantido a sobrevivência de tais povos” (Maldonado, 2009, p.30). O chamado Turismo Rural Comunitário representaria, assim, uma outra alternativa para o local, talvez mais viável e possível a curto prazo. O Ministério do Turismo entende:

O Turismo no Espaço Rural como um recorte geográfico, no qual o Turismo Rural está inserido, que considera por Turismo no Espaço Rural ou em Áreas Rurais: *“Todas as atividades praticadas no meio não urbano, que consiste de atividades de lazer no meio rural em várias modalidades definidas com base na oferta: Turismo Rural, Turismo Ecológico ou Ecoturismo, Turismo de Aventura, Turismo de Negócios e Eventos, Turismo de Saúde, Turismo Cultural, Turismo Esportivo, atividades estas que se complementam ou não”*. A definição de Turismo Rural adotada pelo Ministério do Turismo é resultado de uma ampla discussão com diversos representantes do setor e fundamenta-se em aspectos que se referem ao turismo, ao território, à base econômica, aos recursos naturais e culturais e à sociedade. (P.17, 2010)

O Agroturismo e o Turismo Rural na Agricultura Familiar, esse último abordado pelo Ministério do Turismo em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Agrário, estão incluídos no universo do Turismo Rural, sendo a definição de Agroturismo:

Atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas, as quais continuam a fazer parte do cotidiano da propriedade, em menor ou maior intensidade, devem ser entendidas como parte de um processo de agregação de serviços aos produtos agrícolas e bens não-materiais existentes nas propriedades rurais (paisagem, ar puro, etc.), a partir do ‘tempo livre’ das famílias agrícolas, com eventuais contratações de mão-de-obra externa. (p. 20, 2010)

Já o Turismo Rural na Agricultura Familiar - TRAF:

É a atividade turística que ocorre no âmbito da unidade de produção dos agricultores familiares que mantem as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem-estar aos envolvidos. (p.21, 2010)

diversas instituições de fomento. As linhas de pesquisa-ação do NUSEC buscam contribuir cientificamente com o desenvolvimento social e econômico dos agricultores Amazônicos. A transferência dos produtos e processos desenvolvidos pelos pesquisadores para esses agricultores ocorre através dos cursos, palestras e oficinas.”

Ainda segundo o Ministério do Turismo:

O que diferencia o Agroturismo do TRAF é que este último segue os requisitos da Lei 11.326, ou seja: a mão-de-obra é majoritariamente familiar; a gestão do estabelecimento cabe à própria família; a área da propriedade não supera os módulos fiscais; a principal fonte de renda da família se origina de atividades econômicas vinculadas ao estabelecimento. (p.21, 2010)

Esse modelo já foi bem difundido no Brasil e aplicado principalmente na região Sul do país, contudo, o manual que contém as informações descritas data de 2010 e apesar de ser oficialmente disponibilizado no site do ministério, não consta com essa nomenclatura no Plano Nacional de Turismo 2018. Entendendo que a equivalência está na Produção Associada ao Turismo e no Turismo de Base Local, já mencionados, a tendência incentivada pelo governo é no sentido da gestão comunitária.

2.3 Um esboço sobre a história do turismo no Amazonas

Os relatos de alguns moradores da comunidade São Francisco conduziram ao pensamento inicial que já teria existido um turismo na Costa da Terra Nova, contudo, para identificar a ocorrência ou não da atividade, buscamos revelar através de relatos orais, um registro de parte da história do turismo no Amazonas, mais especificamente o turismo dos anos 70 e 80. O ponto de partida será a inauguração do Hotel Amazonas em 1951 que representou um marco para o turismo no estado e auxiliará no entendimento do turismo que passou a existir nas décadas do recorte histórico até o momento de declínio daquela situação.

Durante as conversas com os anfitriões da fazenda, com alguns moradores da comunidade e com o secretário de pesca, muito foi mencionado sobre um turismo que já existiu na Terra Nova, um turismo que vinha nos navios que passavam por ali. Nenhuma das pessoas que assinalou esse fato sabe precisar o ano desta ocorrência, no entanto, um dos relatos esboça uma noção de tempo, V., 45 anos, menciona: “Recebíamos muito turista, lembro de ver os terreiros brancos de gente, vindos dos navios, eu tinha uns 14 anos”. O branco refere-se a cor das roupas utilizadas pelos turistas.

Levando em consideração que V. se refere ao ano de 1987 aproximadamente, a retrospectiva se dará no sentido de reconstituir o contexto até o mencionado ano.

Apesar de Manaus ter registros de hotéis que datam de 1877, o Hotel Amazonas, idealizado por Adalberto Valle e inaugurado em 1951 abriu caminho para o surgimento de outros grandes hotéis na cidade, como o Palace Hotel (1953) e o Lorde Hotel (1959), marcando o início de uma nova etapa do turismo no Amazonas. (Duarte, 2009, p. 246 e 250)

Em 1963, o hotel é arrematado pelo empresário Vasco Vasques, então agenciador da Panair do Brasil, que além de se tornar proprietário do local, inaugurou em conjunto com o sócio Fernando Câmara, a primeira agência de viagens do Amazonas, a Selvatur, responsável pelos primeiros passeios turísticos da época. Segundo o filho de Vasco Vasques, Jorge Vasques¹⁰ (2018), a Selvatur começou a ter demandas de turistas estrangeiros para passeios ao Encontro das águas, lago das vitórias-régias e comunidades ribeirinhas, iniciando o processo de estruturação desses roteiros.

Em 1967, com a criação da Zona Franca de Manaus, a cidade começou a atrair além dos estrangeiros, turistas brasileiros interessados no chamado turismo de compras. Vasques (2015) aponta que um determinado equipamento eletrônico era adquirido por quatro vezes menos o valor que custava nos demais estados do país, o que motivava a vinda maciça de brasileiros e impulsionava o turismo interno. Uma reportagem de 1970 traduz esse momento:

¹⁰ Informações coletadas por meio de entrevista no dia 5 de junho de 2018

Figura 6 - Trecho da reportagem do jornal Correio da Manhã



Manaus, que já foi metrópole e ficou pobre, está sendo redescoberta. A capital da selva não perdeu a classe e o amazonense começa a explorar o turismo poderá ser, hoje, mais impositivo de que essa atitude racionalmente, com a idéia tãnto do que foi a borracha no século passado.

MANAUS NÃO PERDEU A CLASSE

Depois das facilidades da Zona Franca, o Amazonas está fazendo tudo para conquistar os turistas, nacionais e estrangeiros. Abriu suas portas e o êxito está praticamente garantido. Começam a surgir investimentos na hotelaria, aumenta o número de viagens de aviões e navios, partindo de várias capitais brasileiras. E já se operam escalas aéreas de companhias internacionais. Surgem novas agências de viagens e excelentes programas de excursões. O safari é a grande atração e as riquezas da Amazônia o motivo permanente.

— A cidade que os estrangeiros conheciam melhor do que nós vai se libertando do seu passado, do tempo glorioso da borracha, quando se consumia água mineral da França e manteiga da Dinamarca. Libertando-se também da imagem que o fim dos seringais deixou em toda região. Os amazonenses iniciaram bem a nova batalha. Seu potencial turístico já foi colocado à mostra.

PREPARE A MUNIÇÃO

O Safari em plena selva tem sido, pelo menos para o grande número de estrangeiros que visitam a região — americanos principalmente — a grande atração amazonense. Se você estiver interessado em participar de um deles o Serviço de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura toma tôdas as providências, com relação a guias. Armas, munições e outros equipamentos ficam por sua conta. O Departamento de Turismo e a empresa **Selvatur** também cuidam do assunto. A **Selvatur** organiza caçadas a 18 horas da capital. O programa demora 4 dias e inclui refeições, dormida a bordo, armas e guia.

Fonte: Biblioteca Nacional digital do Brasil, 1970

O título da reportagem em uma clara alusão ao declínio da borracha, menciona que Manaus “está sendo redescoberta” e que “o êxito está praticamente garantido” no turismo. Apesar das imagens remeterem a apenas uma parte da matéria, é possível identificar o incremento na hotelaria, na aviação e na navegação receptiva. Além da menção do aumento do turismo interno no trecho “a cidade que os estrangeiros conheciam melhor do que nós”. Por fim, o texto ratifica a procura pelos atributos naturais e a exploração turística dos roteiros pela Selvatur.

A Associação Comercial do Amazonas (2014) menciona que a Selvatur possuía 14 barcos de turismo, 20 vans, 2 micro-ônibus e um complexo turístico chamado Januarilândia. Uma reportagem do Jornal A Notícia de 28 de agosto de 1977 escreve que “o complexo turístico do January (ou Janauarilandia, como é mais conhecida), a 45 minutos de Manaus, que é o ponto pitoresco e paisagístico mais expressivo do turismo receptivo de Manaus” e continua descrevendo a estrutura física do local: “tem paisagens lacustres de incomparável beleza natural, onde se encontram alojamentos luxuosos, apesar de típicos, restaurante regional e turístico e uma piscina flutuante”. (1977)

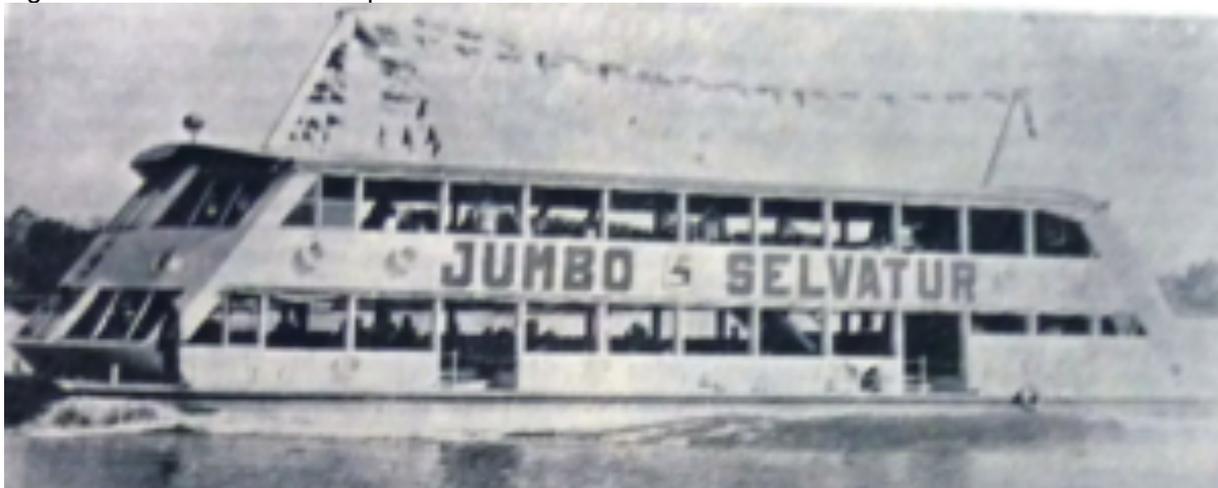
Figura 7 - Janauarilandia



Fonte: Corrêa Lima. Acervo: Eduardo Braga, 2018

A Janaurilandia foi o primeiro hotel de selva flutuante do Amazonas e a Selvatur contava ainda com um barco de grande porte para realizar os roteiros “o “Jumbo” da Selvatur, um barco tipo “Catamaran”, com capacidade para 500 pessoas sentadas” (Jornal A Notícia, 1977). Vasques (2018) conta que o auge do turismo no Amazonas foi nas décadas de 70 e 80. O Hotel Amazonas foi remodelado e atingiu a categoria de 4 estrelas conferida pela então Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR, o Tropical Hotel Manaus foi inaugurado em 1976, no mesmo ano o Aeroporto Internacional Eduardo Gomes também foi inaugurado e 10 anos depois, a inauguração do Ariaú Amazon Towers ratificam a afirmação de Vasques. (Duarte, 2009; INFRAERO, 2018)

Figura 8 - Barco Jumbo da empresa Selvatur



Fonte: blog Lúcio Bezerra, 2017

No entanto como Gaiatano Antonaccio já afirmava em 1998 “o simples turismo de compras, em Manaus, não é suficiente” e a partir de 1990 com o início do governo Collor, iniciou o declínio desta fase do turismo no Amazonas. Mas onde esse breve parêntese sobre a história do turismo no Amazonas relaciona-se com a Costa da Terra Nova?

2.4 Um turismo que já existiu?

Uma pesquisa rápida em um buscador da Internet com o termo “turismo no Careiro da Várzea” já traz a noção que não há muito registro de turismo na região, existe no máximo alguma menção ao município como ponto de parada em roteiros turísticos que partem do porto da Ceasa.

Apesar do Careiro da Várzea aparecer em apontamentos e estatísticas do Ministério do Turismo e fazer parte dos planos estaduais de desenvolvimento turístico, pouco se tem de estudos específicos de turismo no município, tampouco da comunidade em questão.

Partindo do contexto do turismo que ocorria no Amazonas abordado a pouco, o Encontro das Águas era o principal atrativo turístico da região e era explorado pela Selvatur que oferecia toda a estrutura da Janauarilandia, neste detalhe é que entra em questão a Costa da Terra Nova. V. menciona os “navios” que paravam ali e assinala ainda algumas memórias sobre esse fato “lembro de mergulhar e nadar perto dos navios”.

Não há informações consistentes sobre o ano em que navios transatlânticos com turistas começaram a incluir a localidade em seus roteiros, no entanto, alguns pontos devem ser colocados em questão: a possibilidade da referência ser alusiva a um barco de grande porte, como o Jumbo da Selvatur, por exemplo e o motivo pelo qual paravam ali mesmo sem existir uma estrutura turística.

Partindo da ideia de que a Costa da Terra Nova oferecia os mesmos atributos naturais de Januari, entre os quais os mais relevantes (em relação ao turismo) são: a proximidade do Encontro das Águas e as vitórias-régias, a pergunta inicial era o porque dos turistas serem levados para o Januari e não para a Terra Nova. Em uma primeira reflexão, chegou-se a supor que o fluxo turístico havia sido canalizado para o Lago Januari por influência das grandes agências que operavam o roteiro para o Encontro das Águas e que tinham uma estrutura naquele lugar, a exemplo da Selvatur, no entanto, em um segundo momento ao entrevistar Jorge Vasques, a realidade se mostrou diferente da suposição inicial.

Em consulta a um guia turístico de 1982 escrito por Carlos Bindá e cedido por Jorge Vasques, a visita ao Encontro das Águas incluía além da visita ao encontro propriamente dito, a ida ao Lago Januari, passeio em canoas pela selva por meio dos igarapés e igapós, finalizando com a ida ao Lago das Vitórias-régias. No entanto, ao final da descrição do roteiro, há uma nota dizendo que:

durante a seca do rio (de agosto a dezembro) no lugar da habitual trilha de canoa mencionada acima, a caminhada na floresta é realizada, onde é possível ver o tamanho das enormes árvores que crescem em uma parte da selva que passa de seis a sete meses do ano submersa (1982, p.62, tradução realizada pela autora do trecho constante no recorte)

Figura 9 – *The Meeting of the waters tour* (trecho do guia)

THE MEETING OF THE WATERS TOUR

A river boat cruise, departing from Selvatur's touristic terminal, close to the municipal market, where regional boats tie up bringing and taking passengers and cargo from and to the interior of the state. At the beginning of the cruise, a marvelous view of the suburb of Educandos is seen with its typical houses on stilts, built on the banks of the creeks and along the river's edge. The boat tour crosses the Negro River, straight to the "Meeting of the Waters", the junction of the Amazonas and Negro Rivers, which run together for three or four miles without mixing, showing a perfect line of muddy and black waters, totally separated. On the way to the meeting of the waters, the tour passes in front of many industries and factories, located along the banks of the Negro River. After a visit to the meeting of the waters, the river boat will immediately be in its journey to Lake Janauary, an important tributary of the Negro River. There the tourists will embark in motorized canoes for an exciting visit to the jungle, penetrating the forest by way of the many igarapés (narrow winding creeks) and igapós (flooded woodlands), where can also be seen the famous "Victória Régia" (floating lilly pad) and then return to the boat. After this adventure comes the return trip to Manaus, crossing once again the magnificent Negro River, and during which time the tourists will have a chance to appreciate the Manaus skyline. The tour ends at the touristic terminal where it all began. Daily departure, leave at 08:00 a.m. departure from Hotel Amazonas. An interesting note: During the low water season (from August to December) in place of the customary canoe ride mentioned above, a walk in the jungle is performed making it possible to actually see the size of the enormous trees that grow in this part of the jungle which passes six or seven months of the year submersed.

Fonte: Guide book of Manaus, 1982, p. 62

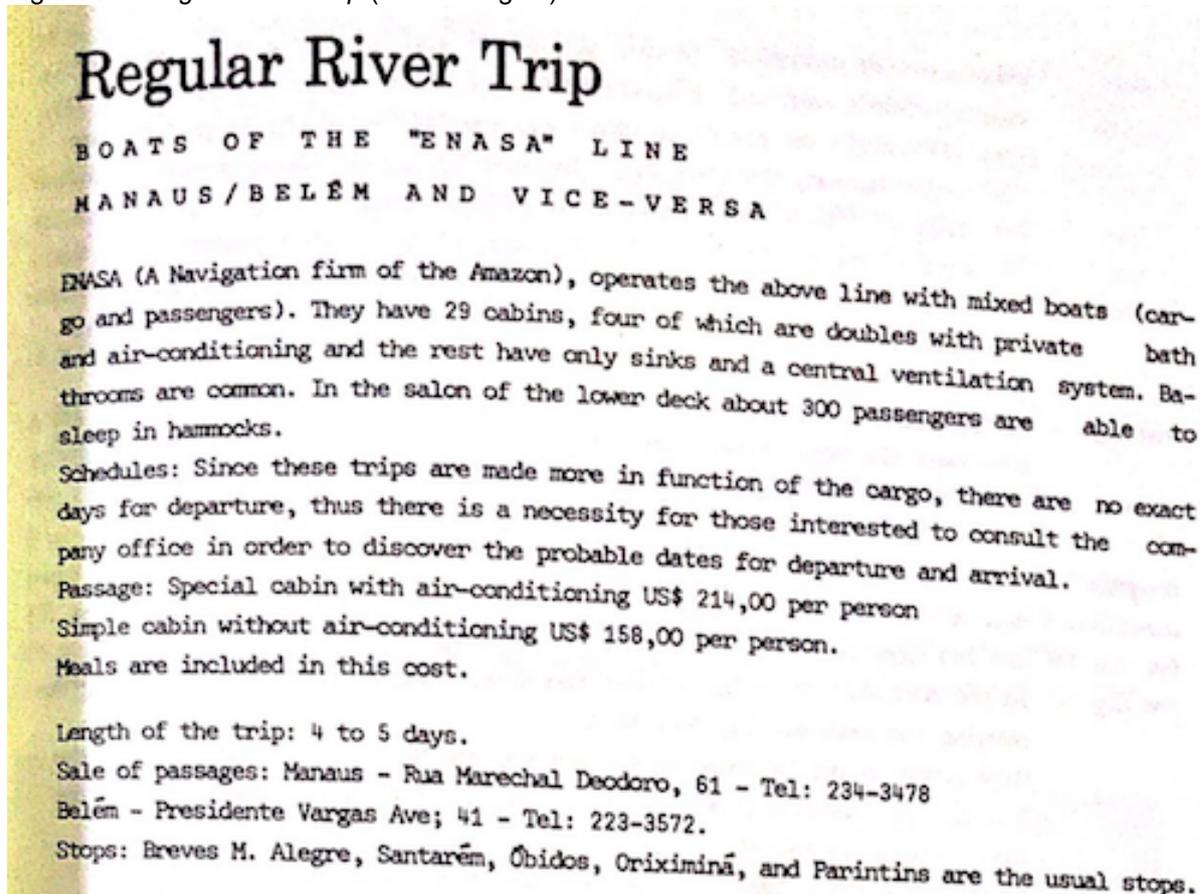
Na entrevista, contudo, Jorge Vasques toca em um ponto interessante, durante a seca do rio, dependendo do nível em que o rio ficava, não era possível entrar com o barco no Lago Janauari, sendo o passeio do lago substituído por uma parada na Costa da Terra Nova que oferecia as vitórias-régias, as trilhas na floresta, demonstração da seringueira e o encontro com a comunidade. Assim, a Terra Nova era muito mais um roteiro alternativo.

Ao ser questionado sobre os navios a que V. referia-se, Vasques diz acreditar que se tratava do Jumbo que parava ali nesses momentos, mas que pode ser possível que um ou outro navio tenha parado, porém não era parte dos roteiros dos navios a época.

O mesmo guia refere-se aos barcos da "Enasa", ele relata que a "ENASA (Firma de navegação da Amazônia) operava linhas mistas (carga e passageiros) e que oferecia 29 cabines, quatro delas com banheiro privativo e ar condicionado, e um

salão com capacidade para 300 redes. Ele informa ainda que as paradas usuais são: Breves, Monte Alegre, Santarém, Óbidos, Oriximiná e Parintins. (BINDÁ, 1982)

Figura 10 - *Regular River Trip* (trecho do guia)



Fonte: Guide book of Manaus, 1982, p.59

No site Navios e Portos (2018), há o seguinte relato:

O Transporte Fluvial de Passageiros, já teve seus dias de glória, isto nos bons tempos dos SNAPP e no início da ENASA, com confortáveis e luxuosos navios, misto de carga e passageiros, que faziam a rota do Marajó e do baixo Amazonas até Manaus, atendendo ainda a linha de Iquitos no Peru e do Madeira até Porto Velho, utilizando os navios da frota branca, como era conhecida.

Constituída dos seguintes navios: Lobo D'Almada, Augusto Montenegro, Leopoldo Perez, Lauro Sodré e Presidente Vargas, sendo este último, com formato diferente dos outros. Todos eles construídos em Amsterdam na Holanda. Tinham capacidade para transportar 500 passageiros, na classe popular e na classe especial.

É importante salientar que o guia se refere a "boats", ou seja, barcos e o site menciona navios, o que pode representar que além da diferença de nomenclatura entre guia e site, V. também pode estar aludindo a barcos de grande porte. O blog

Náutico define navio como “embarcação de grande tonelagem, com mais de uma coberta; nau; qualquer embarcação mastreada; embarcação coberta destinada a navegar no mar ou rios muito caudalosos; qualquer barco grande, de guerra ou mercante” e barco como “embarcação de pequenas dimensões e sem coberta; designação genérica de qualquer tipo de embarcação; nome vulgar de embarcação ou navio; pequena embarcação fluvial”.

De acordo com o Dicionário Priberam, barco é “embarcação, pequena embarcação fluvial” e navio é “embarcação coberta destinada a navegar no mar ou rios muito caudalosos”. Para o Dicionário Michaelis, barco é “qualquer embarcação; embarcação pequena, com ou sem coberta” e navio é “embarcação de grandes proporções com finalidades variadas”. Assim, a diferença entre barcos e navios estaria principalmente no porte, o que pode explicar a alusão a um navio e não a um barco.

Em um dicionário em inglês, a diferença é explicitada pelo tamanho e capacidade de carregar pessoas e cargas. Um *boat* é algo que possibilita a viagem de pessoas pela água e um *ship* é um barco grande que pode transportar pessoas e cargas. Esta também é uma alternativa: a tradução para o inglês do guia pode ter sido feita considerando um barco o que era navio.

Figura 11 - Navio Lauro Sodre



Fonte: Navios e Portos, 2018

Independente de ser barco ou navio, V. e outros moradores, como F. e N., recordam-se de pessoas “vindas nos navios”. Vasques explica que durante a seca do rio conforme já mencionado o barco não conseguia entrar no Lago Janauari, então as trilhas em canoas eram substituídas por trilhas a pé ou o barco era desviado para a Costa da Terra Nova.

Vasques explica que a Terra Nova era mais distante e os custos maiores, além de ser um local com abundância de insetos, por isso sempre foi considerado um “plano B” e não foi transformado em roteiro turístico oficial, apesar de assinalar um período em que houve roteiro para o Lago dos Reis, no município do Careiro da Várzea. Uma reportagem da época ratifica a informação.

Figura 12 - Trecho da reportagem do jornal Correio da Manhã

UM PASSEIO obrigatório para quantos visitam Manaus e que desejam conhecer algo de realmente típico da região, é uma viagem ao Lago dos Reis, onde é possível, após um emocionante trajeto de canoa por um igapô (floresta alagada), travar conhecimento com a Vitória-Régia, a famosa planta aquática brasileira nominada em homenagem à Rainha Vitória, da Inglaterra. Para fazer aquela viagem, o turista precisa recorrer aos excelentes serviços da Agência “Selvatur”, em Manaus, que dispõe, para tal fim, de uma frota de iates de primeira qualidade.

Fonte: Biblioteca Nacional digital do Brasil, 1971

Esse passeio era destinado aos turistas que tinham mais disponibilidade de tempo, já que era um trajeto mais longo e, portanto, mais caro, o roteiro continuou existindo por demanda, mas o Lago Janauari sempre foi o grande atrativo.

A seca do rio e a necessidade de desvio para a Terra Nova é uma realidade que ainda persiste. Ana Lúcia Ferreira (2013, p.96) aponta em sua dissertação sobre o Janauari que:

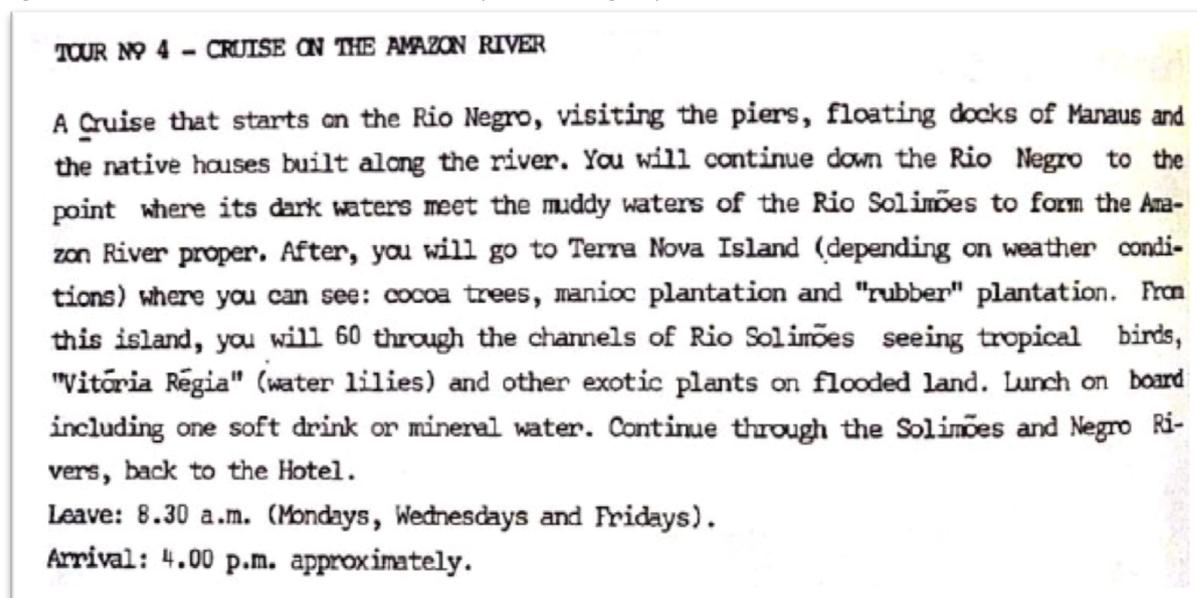
Outra realidade vivenciada pelos artesãos e pelos proprietários de restaurantes é a sazonalidade, no período de vazante os mesmos necessitam retirar os flutuantes do lago e passam em torno de três a quatro meses na comunidade Terra Nova, no município de Careiro da Várzea – AM.

V. menciona a história de um primo que possuía um restaurante flutuante na Terra Nova, mas que foi para o Janauari pois os guias não estavam mais levando grupos para lá, ele diz ainda que a justificativa dos guias e dos barqueiros era que para Terra Nova o gasto de combustível era maior e o tempo despendido também.

No entanto, não foi somente a Selvatur que passou por Terra Nova, no mesmo guia turístico de Carlos Bindá, o roteiro da agência do Tropical Hotel Manaus, assinala no “Tour número 4 – Cruzeiro no Rio Amazonas”:

O cruzeiro começa no Rio Negro, visitando os píeres, flutuantes de Manaus e casas dos nativos construídas ao longo do rio. Você irá continuar Rio Negro abaixo até o ponto onde as suas águas negras encontram as águas turvas do Rio Solimões para formar o Rio Amazonas propriamente dito. Depois, você irá para Ilha de Terra Nova (dependendo da condição do tempo) onde você pode ver: árvores de cacau, plantação de mandioca e seringueiras. Desta ilha, você irá por canais no Rio Solimões vendo pássaros tropicais, vitórias-régias e outras plantas exóticas na terra inundada. Almoço a bordo incluindo uma bebida leve ou água mineral. Continue por meio dos rios Solimões e Negro, voltando para o hotel.

Figura 13 - *Cruise on the Amazon River* (trecho do guia)



Fonte: Guide book of Manaus, 1982, p. 68

Nesse roteiro, pode-se observar que a Ilha de Terra Nova oferecia suas paisagens naturais, no entanto o texto não menciona um contato efetivo com a comunidade e a alimentação era feita a bordo. Nenhuma das pessoas entrevistadas na comunidade São Francisco lembrou de algo relacionado a venda de artesanato ou alimentação para esses turistas que passavam por ali na década de 80.

Após o período dos navios e barcos com turistas citados por V., F., A. e N., lembram que abriu um restaurante na comunidade, porém também não durou por muito tempo (fechou há aproximadamente quatro anos) devido a falta de fluxo fixo de turistas. A. lembra que o restaurante era na comunidade de São José e existia uma parceria com um hotel. A parceria, no entanto, foi desativada e o hotel passou a levar seus grupos para outro restaurante também próximo ao encontro das águas.

Outro ponto mencionado é a venda de artesanato que já foi realizado por uma pessoa na comunidade e que agora é centralizada em uma feira de artesanato e gastronomia realizada uma vez ao mês no dia do pagamento (dos funcionários públicos do município) na sede do Careiro da Várzea, onde são oferecidos produtos como um tipo de café produzido a partir do tucumã. N. lembra que já existiu um coletivo de mulheres chamado Clube das Mães que fazia artesanato para comercializar.

Este rascunho de um turismo que já aconteceu em um caráter secundário ou complementar de outros roteiros principais é o pano de fundo para entender a remodelagem que a Fazenda PEC passou no final da década de 70, início dos anos 80 e como ela está agora.

2.5 Sobre uma casa grande: a Fazenda PEC

“Eu sei do potencial e da viabilidade do turismo aqui”. Assim como o V., o primeiro proprietário da Fazenda PEC, Sr. Pedro Sampaio¹¹, também sabia dessa potencialidade. “Visionário”, “empreendedor nato”, “inteligente”, “culto” e vários outros adjetivos foram usados para descrever o “seu Pedrinho”.

¹¹ Houve tentativa de entrevista a familiares de Pedro Sampaio, figura de reconhecida notoriedade na região, no entanto, tanto por meio de M.J. e sua família quanto de conhecidos da família Sampaio não nos foi disponibilizado nomes, telefones e/ou endereços, sob alegação de não os ter.

Apenas com o olhar já se distingue a paisagem da fazenda das demais, um terreno enorme que não se consegue percorrer todo em um dia, com aterros em muitos locais, tanques construídos e uma grande casa, hoje apenas a estrutura em ruína, além de duas casas que pertencem a família de dona M.J.

Figura 14 - Casa grande



Fonte: Conceição, Maria (2017)

Com muita sutileza e após muitos cafés, a história da fazenda vai se delineando sem muita precisão de tempo ou motivações, mas impregnada de um forte sentimento de que aquele lugar faz parte da história de muitos, da história da própria Terra Nova. Pedro Sampaio tinha essa vontade, a de contar por meio de um museu a ser feito no próprio casarão da fazenda, a história da Terra Nova.

Dona M.J. lembra com saudosismo dos troféus, dos livros, fotografias que existiam no casarão e da tristeza que sentiu quando notou que tudo estava sumindo. “Aqui tinha corrida de cavalo, tinha muita coisa lá atrás, muitos troféus, mas levaram tudo, o pessoal daqui mesmo levou, eu não tinha essa consciência de guardar, deixei tudo do jeito que deixaram, só ia lá limpar e deixava tudo igual” diz dona M.J. quando questionada sobre a casa. Seu marido, M.C., fala das louças que foram utilizadas por pessoas famosas como Fernanda Montenegro, Paulo Maluf e Gilberto Mestrinho.

M.J. (52 anos) e sua família foram para fazenda PEC como funcionários de Pedro Sampaio há no mínimo 30 anos, o M.N., seu filho, tinha apenas 4 anos, quando chegaram lá, muito da estrutura já existia, inclusive a casa.

A diferença principal do território da fazenda PEC é a quantidade de terra firme em uma área predominantemente de várzea, resultado de um processo de aterramento, conforme próximo registro fotográfico. Um dos moradores da comunidade que também é historiador, V. (45 anos), fala que a área da fazenda difere das demais por ter recebido recursos federais nas décadas de 70 e 80, quando o governo militar captava dinheiro do exterior para investimentos internos, no caso da Amazônia, para obras de infraestrutura, especialmente estradas com o objetivo de integrar a Amazônia ao restante do país, como por exemplo a BR 319. Ele lembra do então governador de São Paulo, Paulo Maluf, andando em carro aberto pela rua que passa pela comunidade, essa memória o faz pensar que realmente tratava-se de recurso federal. Segundo ele, o governo objetivava além da construção de estradas, tanques para produção de peixe, que também foram construídos na área da fazenda.

Figura 15 - Trecho da fazenda que se observa um lago e o aterramento



Fonte: própria autora, 2018

Uma outra memória de sua infância é a do interior da casa grande, ele relata que a esposa de Pedro Sampaio, a quem ele se refere por Cece Brandão, é sobrinha de sua mãe e por isso, ele visitou certa vez a casa: “era uma mansão, era luxuosa, tinha piscina, banheiros..., isso era muito para o final da década de 70.” Ele termina comparando a estrutura as fazendas do Brasil Colônia, onde existia uma casa grande que gerava um status sobre as demais.

Um outro relato refere-se a Aldo, o secretário de Pesca do município, morador da Terra Nova desde criança e que acompanhou todo o processo de transformação daquela região. Ele menciona que o recurso não foi investimento federal, mas um investimento particular conseguido pelo Pedro Sampaio junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento “a fundo perdido”, por intermédio do então governador de São Paulo.

Ele lembra dos mais de 100 trabalhadores, das dragas, tratores no processo de aterramento e da construção dos tanques, e ainda do replantio de várias árvores como o mulateiro, macacauba, maçaranduba. “Essa área grande que não alaga e essas árvores grandes que não tem mais em outro lugar daqui é porque foi tudo replantado e aterrado..., os tanques têm mais de 40 anos, por isso são autossustentáveis” diz ele.

A ideia do Pedro Sampaio também visava o turismo, ele construiu o Remanso do Boto, em Manaus, quase que em frente a Fazenda PEC atravessando o rio, onde seria a base, o restaurante, a estrutura principal. Os turistas pernoitariam lá e durante o dia teriam uma vivência na fazenda, teriam contato com a natureza, fariam trilhas, visitariam a casa grande que seria transformada em museu com a história da Terra Nova.

Toda a estrutura foi feita, o motivo pelo qual Pedro Sampaio não levou adiante seus planos relacionados aos tanques de peixe e ao turismo não é citado por nenhum dos moradores. O fato pode estar relacionado ao declínio do turismo na região como já demonstrado.

Dona M.J. menciona que há 30 anos chegou na fazenda para trabalhar com Pedro Sampaio ao lado de seu marido que antes trabalhava em Manaus. Em algum momento durante esse período, Pedro Sampaio deixou a fazenda aos cuidados da família e eles fizeram com que a pecuária e a agricultura fossem mantidas. São 30 anos trabalhando com verduras e 22 anos trabalhando com a pecuária. Com o tempo expandiram os negócios por meio da compra de gado e além das atividades na

fazenda PEC, administravam outras terras no município de Autazes e na comunidade Varre Vento também no Careiro da Várzea. Ela relata que chegaram a ter 300 reses (cabeças de gado), balsa, um terreno na comunidade Varre Vento, três terrenos no município de Autazes, quatro terrenos no Careiro da Várzea.

M.J. relata que há 6 ou 7 anos, por algumas vezes foi procurada por representantes de agências de turismo e de hotéis para trabalhar com o turismo, no entanto, ela não tinha tempo, ela, seu marido, seu filho, sua filha, sua nora e seu genro dividiam-se entre as atividades das terras da família que ficavam em municípios e comunidades diferentes, tinham um bom retorno financeiro. Ela menciona que algumas pessoas queriam entrar com investimento para trazer os turistas, mas ela temia por conta da terra.

Há cinco anos, a situação da família se alterou consideravelmente quando M.J. sofreu um Acidente Vascular Cerebral - AVC e se viu impossibilitada de continuar com os negócios, a família toda foi morar com ela na fazenda e precisaram se desfazer dos terrenos e bens para pagar o tratamento, desde então ela tem o sonho de trabalhar com turismo para que possa devolver o conforto que outrora a família usufruiu.

Ela conta que o turismo já tinha sido pensado antes mesmo deste acontecimento, mas a falta de tempo não permitia que ela operacionalizasse a atividade, ela se inspirava nas ideias que Pedro Sampaio tinha idealizado para o local. “Eu tenho esse sonho há muitos anos” diz, lembrando que algumas vezes pediu para M.C. vender umas cabeças de gado para que ela pudesse realizá-lo.

Há um ano aproximadamente, Pedro Sampaio faleceu e pediu para que seus filhos passassem para a família a posse das terras da fazenda, no entanto, M.J. deixa claro em várias oportunidades que sempre mantem “os meninos” informados sobre as terras.

A vontade e a operacionalização para trabalhar o turismo veio no ano passado com um relativo apoio da prefeitura do Careiro da Várzea. O prefeito pediu que M.J. organizasse um almoço e convidou várias pessoas, dentre elas jornalistas. O almoço rendeu uma reportagem para o Jornal do Comércio e outra para a Rede Amazônica. Recentemente também participou de uma reportagem para o Fantástico, revista eletrônica da Rede Globo de televisão onde apareceu falando do preparo da vitória-régia como alimento. O turismo, no entanto, não aconteceu da forma esperada.

2.5.1 O turismo na Fazenda PEC na visão da família

Essa vontade de trabalhar com o turismo relatada acima retrata uma visão um tanto romântica da atividade como um sonho, um desejo genuíno, no entanto ao relatar que antes “não tinha tempo” para os intermediadores que queriam operacionalizar o turismo e que apenas agora, após uma grave doença que interferiu significativamente no aspecto econômico da família, ela busca o “sonho”, M.J. nos auxilia a desnudar o caráter econômico que a atividade representa para a família. Com a intenção de dar voz a família, trazemos o que esse turismo representa na visão deles.

M.J. acredita no potencial que a fazenda tem e trabalha arduamente para conseguir êxito nos planos para o turismo. Durante a pesquisa, no entanto, foi possível observar algumas nuances no planejamento do turismo para o empreendimento.

Desde o primeiro momento, M.J. e sua família sabiam que não poderiam abrir mão do sustento principal da família: pecuária e agricultura. No entanto, a M.J. das primeiras entrevistas considerava que o turismo aconteceria de forma mais rápida e atribuía a isso principalmente o apoio da prefeitura.

Ela menciona pessoas de agências e hotéis que foram a Fazenda PEC dispostos a avaliar o potencial e organizar idas de grupos para o local, porém, eles fazem algumas exigências e estipulam uma parceria nos moldes deles, sem levar em consideração os preços já praticados pela família no que diz respeito principalmente a alimentação.

Um aspecto interessante é que no início, a família não percebia a importância de cobrar por atividades como a trilha, contudo a partir das visitas dos possíveis interessados em comercializar o local, eles perceberam os gastos que tinham para manter as trilhas. M.N. diz que “sempre que vem alguém, nós vamos roçar as trilhas, limpar...”

Figura 16 - Trilha



Fonte: própria autora, 2018

Muitos dos possíveis intermediadores do turismo na fazenda PEC visitam o local, conhecem a estrutura e não pagam pela visita alegando que trarão turistas posteriormente. M.J. diz que: “eles vêm, visitam, conhecem, entram em casa, comem frutas, olham tudo, batem foto e vão embora”.

No início deste ano, M.J. foi procurada por uma empresa espanhola para uma parceria, a empresa faria uso dos tanques para criação de peixes amazônicos e posterior exportação, em troca investiria na infraestrutura para o turismo na fazenda. A empresa garantiu que absorveria toda a plantação de couve e sugeriu que a família trabalhasse com mais alguns cultivos como pimentão amarelo, brócolis, couve-flor, abacate e tomate, que seriam preparados para exportação.

O contrato gerou certa desconfiança na família pelo desconhecimento de linguagem técnica e jurídica principalmente. E por alguns aspectos que envolviam cessão de terras e divisão de porcentagem desigual na participação dos lucros. Apesar da consulta a um advogado e a aprovação de M.C., marido de M.J., ela resolveu responder negativamente a proposta, mas espera que a empresa volte a contatar para uma negociação mais detalhada e com apoio jurídico.

Essa proposta coincidiu com a vontade de formalização da Fazenda PEC enquanto empreendimento turístico, contudo um problema na empresa do irmão que está no nome dela a fez recuar da meta por enquanto.

Ainda que um dos objetivos da família seja trabalhar com o turismo, a realidade atual não é mais tão otimista a esse respeito. A família de um ano atrás via possibilidades maiores e um retorno financeiro mais rápido, no entanto, o afastamento da prefeitura, a forma de operacionalização dos possíveis intermediadores de turismo, a exigência de uma estrutura maior, algumas perdas financeiras e um contrato de fornecimento de couve recentemente fechado fizeram com que a família de hoje veja o turismo como uma alternativa de renda a longo prazo.

Um importante conceito de Norbert Elias cabe para refletir a visão descrita, o de figuração. Para isso, um trecho do livro do professor Gláucio Matos será trazido para a discussão:

Embora considerando o Amazonas e algumas práticas como as aqui descritas façam parte do cotidiano de outras comunidades, são as figurações, por assim dizer, a orientarem os humanos para o capitalismo, socialismo; para as ações ecológicas ou para o comportamento religioso; para a subsistência, sustentabilidade ou predação a ponto de minar espécies do ambiente e dificultar a permanência do indivíduo no espaço onde estabeleceu sua morada. Nessas figurações, o nível de tensão ocorrendo, momentâneas, outras mais elásticas, pode diferir entre indivíduos e grupos de outras figurações. Isso quer dizer que quem extrai madeira ilegal vai em oposição àqueles que têm o dever de protegê-la. Mas se em determinada figuração acordos são fechados, pode-se fechar os olhos, ouvidos e a boca em prol de um bom agrado, constituindo uma figuração de cumplicidade. Não só no universo empírico, qualquer que seja o grupo humano, implica em uma figuração na qual as relações de poder se manifestem. Portanto, é pertinente dizer que cada indivíduo não se reduz a uma única figuração. E dado o contexto sociocultural, a necessidade de manter a família e se manter, levado, por pressões de forças ocultas, a ingressar em diferentes figurações com níveis diferentes de poder, cabendo ao indivíduo autonomia ou uma autonomia relativa para sair dela. Cabe-nos, ou a quem interessar, revelar as pretensões, metas, objetivos que movem essas figurações. (2015, p.19)

À luz desse conceito, percebemos que as percepções de M.J. se reduzem a expectativas, ela não sabe se o turismo acontecerá, mas ela o busca como forma de atender a um anseio econômico. Ela deixou de pertencer as figurações que se originavam nas atividades de antes e passa a buscar se inserir em novas figurações com o objetivo econômico a nortear. Agora a família precisa conservar o ambiente para fins turísticos se quer que as terras sejam utilizadas assim, bem como precisa cativar as pessoas – intermediários do turismo, barqueiros, empresários, funcionários da prefeitura e turistas – para que a figuração pretendida se sustente.

Há de se compreender que o turista vem apreciar o exotismo amazônico e espera ser bem recebido. Quem quer que seja, ao se envolver com o turismo, deve dar atenção ao ecossistema e às relações humanas.

2.5.2 O papel da Fazenda PEC no turismo do município

O Secretário de Pesca, Aldo Procópio, que também foi morador da Comunidade de São Francisco começa abordando o planejamento da secretaria de pesca e ressaltando que as políticas públicas para o Meio Ambiente, Pesca e Turismo são integradas e que não há como falar de turismo sem antes abordar a pesca que é o grande potencial do município. Aldo resalta que são três secretarias – Meio Ambiente, Pesca e Aquicultura e Turismo – que trabalham integradas e com o mesmo objetivo. O secretário de Turismo, Vivaldo, ainda não começou a colocar em prática o planejamento para o turismo porque concorda que precisa organizar a pesca antes. Um recente processo seletivo simplificado cujo edital foi publicado no Diário Oficial dos Municípios do Estado do Amazonas N° 2088 com vagas para as três secretarias, inclusive com uma vaga para turismólogo demonstra o interesse de tirar o planejamento do papel.

Aldo cita um projeto que está sendo inserido no Careiro da Várzea chamado Pé de pincha¹² que poderá auxiliar na criação e preservação dos quelônios da região. Além deste projeto, a secretaria busca viabilizar os Acordos de Pesca no município, em parceria com as Secretaria de Estado da Produção Rural – SEPROR e Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SEMA.

De acordo com o engenheiro de Pesca da Sema, João Bosco Silva, existem 22 Acordos de Pesca firmados no Amazonas, e eles servem para estabelecer regras de manejo de pescado e resolver conflitos entre pescadores das atividades comercial, esportiva e os moradores das comunidades rurais.

(...)

O município Careiro da Várzea é formado por vários lagos, e, por conta dessa particularidade, é considerado uma referência na pesca comercial por concentrar grande potencial de cardumes, sendo uma das principais atividades econômicas daquela região. (informação extraída de reportagem publicada no site da Secretaria de Estado do Meio Ambiente)

¹² “Pé-de-Pincha é um projeto de preservação e conservação das populações de quelônios em municípios do Amazonas e do Pará. Apoiado pelo Instituto NET Claro Embratel, o projeto foi criado por moradores de Terra Santa, no Pará, e pesquisadores da Universidade Federal do Amazonas. Além de auxiliar na preservação das tartarugas, o Pé-de-Pincha realiza trabalhos sociais para sensibilizar a população sobre as causas ambientais.”(Instituto NET, Claro Embratel, 2018)

Para Aldo, os Acordos de Pesca são imprescindíveis para o município uma vez que por meio deles será possível organizar a pesca nos lagos do Careiro da Várzea, principalmente no que diz respeito ao controle dos pescadores, bem como viabilizar atividades como o turismo.

Matos (2015, p. 107 a 137) ao discorrer sobre a interação entre lazer e trabalho, aponta as transformações que podem acontecer caso os Acordos de Pesca sejam firmados. O Acordo de Pesca representará um direcionamento formal sobre como a pesca deve ser conduzida, levando em consideração que as motivações e tensões são distintas: o pescador comercial se interessa no peixe para comercialização, enquanto o pescador esportivo tem interesse em ostentar um grande peixe para seu ranking de pescas, buscando, assim emoções prazerosas e diferenciadas.

“No Terra Nova já tivemos um restaurante, hoje tem a Fazenda PEC como grande potencial turístico.” Aldo fala com orgulho da fazenda onde cresceu e acompanhou o desenvolvimento ao lado de Pedro Sampaio, fala dos mais de 100 quilômetros de trilha passando por um sítio arqueológico catalogado pela Universidade Federal do Amazonas e onde a Escola Municipal Francisca Goes, por meio do Programa de Iniciação Científica Júnior - PIBIC Júnior realizou um projeto. O pesquisador Valdenir Fábio de Moraes Moreira que estudou a comunidade em 2015 cita o programa:

Alguns estudantes, participaram nos anos de 2011 e 2012, do Programa de Iniciação Científica Junior (PIBIC Jr) da UFAM e puderam assim, com suas pesquisas introduzir melhoria às técnicas de produção na localidade. O final do ano de 2011 marca o término do projeto e no ano de 2013 a escola abandona estas práticas educacionais em seu currículo, voltando-se novamente para a forma de educação tradicional. (2017, p. 41)

O sítio arqueológico está localizado no Lago do Canteiro cujo acesso também é feito pela fazenda PEC, lá predomina a terra preta onde possivelmente habitava a etnia mura. Na fazenda PEC há alguns pedaços de peças que foram extraídos desse local.

Aldo fala do turismo no município de forma integrada, o planejamento não é feito especificamente para a comunidade São Francisco nem para Terra Nova, mas para o Careiro da Várzea como um todo, pensando, inclusive, em roteiros compartilhados.

Ele fala que o maior potencial do município é o complexo do Lago dos Reis. De acordo com uma reportagem do jornal A Crítica (2018):

A importância do Lago do Rei para a pesca, de acordo com dados históricos, vem desde o século XVII quando, em 1667, o local foi instituído como um dos pesqueiros reais da Coroa Portuguesa e passou a ser reservado à captura de peixes, para alimentar os militares e funcionários da Fazenda Real, sendo o nome do lago originário desse contexto histórico. (...) O Lago do Rei é um complexo formado por mais de 60 lagos de várzea e representa uma das áreas de maior potencial piscoso do Amazonas. É o lugar preferido pelos pescadores amadores e profissionais, pela grande concentração de espécies.

Segundo o secretário são 68 lagos que formam o Lago dos Reis, além de outros lagos importantes como o Lago do Marimba. O secretário menciona que o Lago dos Reis constitui uma Área de Proteção Ambiental - APA¹³, contudo, em consulta ao site das Unidades de Conservação do Brasil, a região não aparece cadastrada. O secretário acredita que os acordos de pesca e a criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável sejam a base para o início da atividade turística na região, inclusive para a segurança dos pescadores e turistas, já que há algum tempo se busca realizar o manejo do jacaré e ainda não foi possível. Uma recente reportagem na Rede Amazonas trouxe a problemática dos ataques de jacaré no referido lago. Aldo ressalta que o município já fez a contagem das espécies, localizou os ninhos, mas as informações ainda precisam ser confirmadas após a vazante do rio para continuidade do processo.

Aldo tem muitas ideias, mas ainda não possui a dimensão exata do que a implantação de uma RDS pode representar para o município. Paula Chaves e Gláucio Matos (2017, p. 46-48) apontam para uma direção certamente desconsiderada pelo secretário. Os autores ao analisarem os impactos no trabalho e no modo de vida da Comunidade Bela Vista do Jaraqui oriundos da implantação do Parque Estadual Rio Negro Setor Sul, concluem que a unidade de conservação traz uma nova interação com o ambiente e resulta em uma diminuição das práticas tradicionais – caça, pesca, cultura itinerante com a derrubada, queima e plantio, extração de madeira – , trazendo

¹³ “É uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais. É constituída por terras públicas ou privadas.” (ISA, 2018)

uma série de consequências para os moradores da comunidade, inclusive a produção somente para subsistência e dependência de outros polos.

Situação ratificada na fala de Josiani Silva (2018) que abordou em sua defesa pública de dissertação as transformações advindas com a implantação de uma reserva e seus desdobramentos para a vida cotidiana dos moradores de uma comunidade amazônica, demonstrando que novas configurações surgem já que há diferentes usos dos recursos naturais transformando as relações de trabalho, suplantando as atividades tradicionais. O turismo é uma alternativa de renda nesses casos, conforme apontado por Silva, porém auxiliado em grande parte por uma organização não-governamental.

Para ele, no entanto, o planejamento seguirá esse fluxo, o dos processos referentes a acordo de pesca, manejo do jacaré e implantação de RDS, início dos esforços direcionados ao turismo, objetivando traçar um roteiro integrado envolvendo Lago dos Reis, Fazenda PEC, voadeiras¹⁴ do município, casas de alguns moradores próximos ao Lago dos Reis e circuito de artesanato.

O secretário conta que já houve conversas com os moradores do entorno do lago, com pescadores, com a família da Fazenda PEC e com a M. da Comunidade de São José e todos aceitaram trabalhar com turismo nos moldes propostos pela prefeitura. A ideia inicial é construir um flutuante no Lago dos Reis que terá uma estrutura de apoio para o turista, como banheiros, restaurante, conveniência e itens de pesca. Ele salienta que os banheiros serão químicos, deixando claro que não haverá lançamento de dejetos no rio. Os piloteiros das voadeiras serão os cadastrados na prefeitura do município e o apoio a pesca esportiva no lago também será dado pelos careirenses. Aldo diz ainda que a intenção é que algumas casas próximas ao lago sejam transformadas em pousadas para os turistas que queiram pernoitar.

A Fazenda PEC será o principal meio de hospedagem do município representando uma espécie de base de onde os turistas visitariam o restante do Careiro da Várzea sendo guiados pelos piloteiros do local aos lagos, Vila do Careiro, demais comunidades, inclusive a de São José onde a M. concentraria o artesanato.

¹⁴ Embarcação comum no município. Consiste em um barco, geralmente de metal, movido a motor de popa.

Aldo fala ainda de outras potencialidades como o Cambixe, a Igreja Centenária na Comunidade São João, Samaumeira, Centro cultural e sete pousadas que já existem no Rio Mutuca especializadas em pesca esportiva.

A potencialidade econômica do município será evidenciada. A variedade de peixes, como bodó, piranha amarela, sardinha e cará disco, bem como a agricultura com venda de verduras e legumes orgânicos valorizará o produtor rural, o pescador e o pecuarista. A prefeitura pretende adquirir os insumos dos produtores do município e integrar as comunidades e seus moradores no processo da atividade. A intenção é aliar a pesca comercial com a pesca esportiva, promover a venda do pescado e transformar em uma festa do município.

Aldo sabe que tem um trabalho árduo pela frente e lamenta a falta de credibilidade dos moradores no que tange a esse processo. Segundo ele, a prefeitura e suas secretarias acreditam na viabilidade do projeto e sabem que um circuito que integre o município ao Encontro das Águas será o grande diferencial e encerrará “a cultura que não tem turismo no Baixo Amazonas, só tem turismo do médio para o alto”.

2.6 É turismo?

O caráter de conjectura com que as visões da família e da prefeitura são trazidas mostra que o turismo ainda precisa de um caminho para sua consolidação. A comunidade precisa se abrir para novas figurações que fortaleçam a atividade. Da mesma forma que M.J. aponta para falta de parceria da prefeitura, a prefeitura assinala a falta de credibilidade da comunidade.

O município do Careiro da Várzea só por sua configuração geográfica (várzea e vasta quantidade de lagos e rios) permite concluir que a atividade turística só se estabelece de duas formas: pontualmente (em lugar específico) ou de forma integrada, com roteiros bem estabelecidos e transporte fluvial fornecido entre os pontos a serem visitados.

A gestão municipal pensa no segundo aspecto: a implantação de um turismo de forma que integre a sede do Careiro da Várzea com os demais pontos da localidade, incluindo a Costa da Terra Nova que é o local mais próximo de Manaus e de um grande atrativo do Amazonas – o Encontro das Águas. A Terra Nova, por sua vez, também é pensada de forma integrada pelas secretarias municipais de forma

conjunta, ou seja, as três comunidades trabalhando com o objetivo de compor um roteiro. Na fala do secretário de Pesca, apenas duas comunidades - São José e São Francisco - são mencionadas, e cada uma apresentando uma função distinta para o funcionamento do produto turístico: a comunidade São Francisco, por meio, da Fazenda PEC será o ponto de alimentação e hospedagem e a outra comunidade na pessoa da M. produzirá e venderá o artesanato.

O turismo é pensado pela prefeitura por meio de políticas públicas que não objetivam sensibilizar os moradores para o que vem a ser turismo tampouco entender o que eles pensam sobre o assunto, mas dividir funções ao longo do território e produzir um roteiro turístico integrado e gerenciado pelo poder público.

A Fazenda PEC representa o principal atrativo da Costa da Terra Nova, mas o que ocorre lá pode não ser entendido como turismo propriamente dito. O turismo naquela região começa com esse caráter de papel complementar ou um “plano B” para o turismo no Lago Janauari e a maneira que esse turismo das décadas de 70 e 80 acontece é muito mais imposta pelas grandes empresas. Um exemplo disso é que nenhum dos entrevistados lembra de alguém da comunidade vendendo algo ao turista ou organizando um empreendimento ou algo nesse sentido, o que eles lembram é de um navio ou barco de grande porte ancorando ali e trazendo vários turistas como se fossem seres muito diferentes colocados ali, os turistas não são mencionados como parte da vivência, não há um contato no sentido da troca entre visitante e visitado, é como se os turistas fossem “objetos” estranhos que por vezes apareciam.

Os mais antigos lembram desses visitantes, os mais novos não sabem que passaram por ali e também não tem muita percepção do que seja o turismo. O sentimento de que a agricultura é a única forma de retorno financeiro e a falta de conversas ou debates sobre a temática do turismo não permite que eles enxerguem a atividade como mais uma possibilidade de renda.

Apesar do desconhecimento do turismo por parte da comunidade, a família de M.J. entende e está empenhada em trabalhar com ele e mesmo reunindo alguns elementos importantes para o começo da atividade, ele ainda não acontece de forma contínua. O que se percebe com a pesquisa é a possibilidade de se visualizar o antes do turismo e captar os elementos que se revelam nesse caminhar. Um deles iniciará a reflexão: a hospitalidade, característica claramente notada no empreendimento e apontada como fundamental para o sucesso de um destino turístico.

3 A HOSPITALIDADE COMO ELEMENTO ÂNCORA PARA O TURISMO

Um dos pontos marcantes dos anfitriões da Fazenda PEC é a hospitalidade. Desde o bom dia atencioso ao chegar um visitante ao cuidado em repetidas vezes perguntar se está tudo bem, o acolhimento é sentido e mostra-se como traço da personalidade dos integrantes da família e também como preocupação empresarial.

O turismo se apropria da tal “hospitalidade do povo brasileiro” para vender o país como destino. Os estrangeiros que visitaram o país na Copa do Mundo de Futebol ocorrida há 4 anos apontaram a hospitalidade como a melhor característica do Brasil, segundo pesquisa do Ministério do Turismo. (G1, 2015) É como se a hospitalidade fosse o elemento fundamental para a ocorrência da atividade, como se a partir dela viessem todos os outros.

Não é por acaso que a hospitalidade é uma característica que incorpora os traços almejados pelas grandes empresas. No universo empresarial, a noção de hospitalidade é substituída pelo termo atendimento, o que permite estabelecer os parâmetros necessários para que todos os funcionários que se conectem ao público diretamente possam ser moldados a tal perspectiva.

O atendimento empresarial de excelência é buscado incessantemente pelas empresas que almejam uma posição de destaque. Essa busca é feita desde o momento da admissão do empregado, em que características como sociabilidade e aptidão para contato com o público integram o rol das preferências do empregador, até o contínuo monitoramento por meio das auditorias de qualidade.

Os cursos profissionais online ou presenciais de Atendimento ao Cliente estão nas prateleiras do universo empresarial e oferecem o diferencial competitivo aos candidatos às futuras vagas. E após o ingresso nas empresas, os futuros funcionários irão ainda participar de treinamentos, reuniões, auditorias, ou ainda, do processo de certificação da Norma Brasileira da Associação Brasileira de Normas Técnicas atendimento ISO¹⁵ 10002 de 12/2005 que diz respeito a satisfação do cliente, estabelecendo diretrizes para o tratamento de reclamações nas organizações.

Trabalhando por onze anos na Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária – INFRAERO, sendo os seis últimos dedicados a área de Ouvidoria, treinando pessoas para atender com excelência os clientes do aeroporto, visualizo o

¹⁵ *International Organization for Standardization* (Organização Internacional de Normalização).

caráter encenado dessa hospitalidade. As pessoas podem ser moldadas a um padrão dito hospitaleiro para atender a um desejo do mercado e/ou podem desenvolver esses padrões de forma gradativa ao precisarem inserir-se em figurações específicas como é o caso de M.J. e sua família que desejam o início de uma atividade turística na fazenda.

A hospitalidade é um termo abrangente, falar dela pode remeter a diferentes cenários, várias definições e percepções oriundas de diferentes áreas do conhecimento social e humano. No entanto há um ponto comum em todas as abordagens: hospitalidade refere-se ao contato com o outro, mais que isso, à convivência com o outro.

Para ser hospitaleiro, um indivíduo precisa necessariamente de uma outra pessoa e carece de um parâmetro de hospitalidade que pode ser ditado por convenções sociais, por aspectos religiosos ou por procedimentos determinados pelo mercado.

Quando se pensa na noção de uma hospitalidade pelo viés sócio antropológico que remete a dádiva abordada por Marcel Mauss, fica difícil refletir sobre o que se chama de hospitalidade em um contexto empresarial onde o acolhimento ensaiado representa elemento para alcance de um objetivo financeiro. As duas percepções integram a realidade do turismo e por mais que pareçam distantes, acontecem simultaneamente na maior parte das vezes.

O sociólogo Luiz Octávio Camargo (2011, p. 24) escreve:

Tudo se passa, assim, como se, no momento em que a hospitalidade comercial assumiu parcela da responsabilidade com o cuidado a estranhos, a presença do dinheiro instituisse o sistema do negócio e expulsasse pela porta a dádiva da hospitalidade que acaba por voltar pela janela... continuando, portanto, a existir.

A definição de hospitalidade encontrada no Dicionário Aurélio (2008), é ato de hospedar, hospedagem; qualidade de hospitaleiro; acolhimento afetuoso. Grassi (2011, p.45) assinala que “*Hospitalitas* vem do substantivo *hospitalis*, ele mesmo derivado de *hospes*, aquele que recebe o outro”.

No contexto do turismo, está carregada de uma noção empresarial, ela é sinônimo de todo o comércio que envolve a hotelaria e o segmento de alimentos e bebidas ou para autores como Chon e Sparrowe (2003) uma indústria: a indústria da hospitalidade.

Esta é a dificuldade de se abordar o tema fugindo desse entendimento. É possível apontar a hospitalidade no sentido do receber dentro do turismo sem necessariamente abordar a hotelaria como equipamento turístico.

A utilização do termo hospitalidade associada ao receptivo turístico surge de uma situação, quem sabe, fortuita. Por falta de um termo correspondente a hotelaria, nos países anglo-saxões adotou-se o termo *hospitality* como sinônimo de um receptivo turístico que se assume de alguma forma como hospitalidade, ainda que paga, acepção que se difundiu hoje em todos os cantos do planeta. Os estudos de hospitalidade nesse contexto gravitam em torno do comércio turístico e deslocam-se da filosofia e das ciências sociais para as ciências aplicadas à gestão. (CAMARGO, 2011, p. 19)

Ela permeia todas as relações humanas e possui esse caráter ambíguo de característica da personalidade, algo feito de livre vontade; e de obrigação, algo imposto por uma ética convencionada pela sociedade. Para Alain Montandon, hospitalidade é “uma maneira de viver em conjunto, regida por regras, ritos e leis” (2011, p.31). Camargo (2011, p. 17) aponta que “são leis não escritas, mas a cuja obediência a vida social nos condena. O mínimo deslize instaura o desconforto ou o inverso da hospitalidade, que é a hostilidade”.

Os estudos da hospitalidade no turismo são muitos e para esta pesquisa o foco serão os escritos de Camargo e de Anne Gotman que discorrem amplamente sobre o entrelace dos tipos de hospitalidade que ocorrem no turismo. Gotman na conclusão de um de seus artigos, afirma que “o turismo, então, pode ser analisado, no melhor dos casos, como o comércio de cenários entre os quais a encenação da hospitalidade”.

De qualquer forma, a conclusão de Gotman consolida a ideia de uma dupla noção de hospitalidade: a genuína, estruturada no sistema da dádiva, típica da hospitalidade doméstica e de certos setores da hospitalidade urbana, e de uma hospitalidade encenada, que pode ser adequada mas também chegar ao *fake*, à caricatura, com toda a pejoratividade sugerida pelos termos, como bem ilustra a recepção havaiana em *resorts* de diferentes países. (CAMARGO, 2011, p. 24)

O turismo possui esse aspecto duplo: se por um lado ele é quase sinônimo de atividade econômica, trazendo com isso todas as características de um modelo de trocas comerciais, com seus treinamentos, padrões elevados de atendimento e categorização de empresas do seu ramo; por outro, ele é contato entre culturas, encontro entre pessoas, lugar de hospitalidade real, genuína.

As relações humanas que permeiam a Fazenda PEC revelam várias nuances dessa hospitalidade e mesmo que o turismo ainda não ocorra de forma desejada pela família anfitriã, o caminho da hospitalidade que vem sendo construído possibilita uma reflexão sobre as faces da hospitalidade e ainda oferecem uma base para perceber os elementos necessários para o início de um turismo propriamente.

3.1 Uma hospitalidade restrita

A característica hospitaleira diz muito sobre o contexto cultural de um grupo. Um programa de televisão exibido recentemente no canal GNT abordava uma particularidade dos cariocas: o fato de sempre combinar um encontro e nunca o realizar. Uma das apresentadoras mencionava que encontrou a amiga e disse “vou fazer um almoço para você na minha casa, vamos marcar?”, a outra respondia “sim, vamos, a gente se fala” e o encontro nunca acontecia. Em meio a muitas risadas, a conclusão foi que este é um traço comum a maioria dos cariocas e que esta convenção social já é uma lei não escrita, algo como uma ética conforme já descrito.

Pensar em uma descrição dessas na comunidade São Francisco causa estranheza, encontrar uma pessoa na escola ou na igreja da comunidade e convidar para ir a sua casa, é um acordo consolidado e que vai acontecer, é uma outra ética social. Dona M.J. e sua família recebem com um acolhimento muito afetuoso e essa característica é sentida por muitas pessoas que passam ali, não só por clientes que pagam pelas refeições ou usufruto das instalações, mas também pelos amigos e/ou pessoas da comunidade e do município que precisam passar por lá por algum motivo. Evidentemente, existem os visitantes *hostis* como em qualquer contexto, no entanto, o aspecto da generosidade aparece como constante na equação do receber da família, ou seja, a hospitalidade é demonstrada como virtude.

Leonardo Boff (2005) discursa sobre a hospitalidade como virtude imprescindível ao ser humano para conviver com seu semelhante num mundo mais harmonioso. Na mesma direção, Roberta Sogayar indica a hospitalidade como caminho para a humanização do turismo.

Contudo, não há virtude natural, virtudes são aprendidas dentro de um contexto cultural e social. Assim, mesmo que a hospitalidade seja a genuína, essa que se apresenta como valor, é algo aprendido, faz parte de um conjunto de leis não escritas.

A característica hospitaleira esteve ao longo da história humana entrelaçada a referências religiosas. Leonardo Boff escreve seu livro sobre a hospitalidade baseado no mito de Báucis e Filêmon, ou mito da hospitalidade, oriundo da tradição grega, transmitido pelo poeta romano Públio Ovídio (43-37 d.C) por meio da obra *As Metamorfoses*.

O mito conta a história do dia em que Júpiter, deus criador do céu e da terra, e seu filho Hermes transformaram-se em homens e peregrinaram por muitas terras e passaram por muita gente, mas ninguém lhes ofereceu nada, eles com fome e privações diversas buscavam por uma hospitalidade mínima, até que chegaram a Frígia e bateram a porta de uma casa pertencente a um casal muito pobre: Filêmon, em grego, “amigo e amável” e Báucis, “delicada e terna”. Para surpresa deles, encontraram um lar muito limpo, e duas pessoas muito hospitaleiras que logo lhes pediram para entrar, deram cadeiras, lavaram-lhes os pés, fizeram uma sopa com o último pedaço de toucinho e ofereceram com uns pedaços de pães, deram sua própria cama e os deuses não aguentaram de emoção e choraram.

Uma grande tempestade veio sobre a choupana e os deuses se revelaram, a casa simples foi transformada em um templo de mármore e Júpiter perguntou o que o casal desejava, eles responderam que nada além de servi-los no templo, mas Hermes pediu que fizessem outro pedido, e eles pediram que morressem juntos. Os pedidos foram concedidos, o casal viveu por muitos anos servindo aos deuses no templo e quando morreram, Filêmon transformou-se num enorme carvalho enquanto Báucis se tornou uma frondosa tília, as árvores se entrelaçam no alto, e assim ficaram abraçados para sempre. (Boff, p. 78-84, 2005)

Não muito diferente é a história bíblica de Sodoma que apesar das interpretações cristãs para os trechos contidos no livro de Gênesis 18-19 de que a destruição da cidade foi devido a atos imorais relacionados a sexualidade, estudiosos como Alexandre Awi Mello (2001), demonstram que o pecado que levou ao fim da local após a visita dos dois anjos transformados em homens foi o desprezo pelas leis sagradas da hospitalidade em relação a estrangeiros.

A religião cristã foi um instrumento importante na colonização do Brasil e ofereceu e ainda oferece parâmetros de comportamentos que integram a personalidade dos indivíduos. “Sede, mutuamente, hospitaleiros, sem murmuração” (1 Pedro 4:9) A hospitalidade aparece como obrigação cristã e como virtude imprescindível.

O filósofo Maurice Godelier (2001) que analisa a dádiva ou o dom no mundo ocidental dos anos 90, afirma que a sociedade se laicizou e que a perspectiva sagrada não existe mais, o que há é uma solidariedade entre os homens. Um mundo ditado pelo capital onde vários indivíduos “sem domicílio fixo” são obrigados a pedir dinheiro nas ruas das cidades fazendo com que a dádiva ressurgja (p. 9-10).

No entanto, na comunidade São Francisco a perspectiva religiosa se faz presente, a começar pelo nome da comunidade que demonstra a base colonizadora católica. A comunidade estende-se ao longo da margem do rio e no centro da comunidade estão a igreja, a unidade básica de saúde, a escola e o campo de futebol. O festejo principal da comunidade é alusivo ao santo que dá nome a ela, conforme pode-se observar na foto abaixo:

Figura 17 - Centro social da comunidade



Fonte: própria autora, 2018

Como na maioria das comunidades amazônicas, existem igrejas de outras religiões – uma Adventista do sétimo dia, uma Assembleia de Deus – ambas protestantes. O que remete a uma percepção da hospitalidade a ser analisada por meio do conceito já exposto de figuração.

As figurações são compostas por indivíduos que se entrelaçam por uma interdependência afetiva, social, econômica... Elas não são estáticas, estão em constante movimento e se modificam consoante aos interesses individuais. Essa dinâmica define as relações de poder e convivência dentro da comunidade. Tatiana Landini (2005) sintetiza as palavras de Goudsblom e Mennell (1998) sobre o conceito de figuração:

Busca expressar a ideia de que a) os seres humanos são interdependentes, e apenas podem ser entendidos enquanto tais: suas vidas se desenrolam nas, e em grande parte são moldadas por, figurações sociais que formam uns com os outros; b) as figurações estão continuamente em fluxo, passando por mudanças de ordens diversas – algumas rápidas e efêmeras e outras mais lentas e profundas; c) os processos que ocorrem nessas figurações possuem dinâmicas próprias – dinâmicas nas quais razões individuais possuem um papel, mas não podem de forma alguma ser reduzidas a essas razões.

Voltando a ideia das religiões participantes do cotidiano da comunidade e do conceito de figuração de Elias, a hospitalidade religiosa adquire uma conotação um pouco diferente da exposta nos textos sagrados. Sendo a característica hospitaleira uma virtude obrigatória do cristão, não seria ela a base a nortear as relações entre os comunitários?

Na observação de campo, no entanto, o que é revelado é uma hospitalidade restrita as figurações religiosas. Cada grupo é hospitaleiro entre si, a hospitalidade é limitada aos iguais. Da mesma forma, as pessoas que não participam de nenhum grupo religioso são excluídas do convívio comunitário. Um dos entrevistados menciona que a dona M.J. mesmo sendo católica não participa de nenhum festejo ou atividades da igreja, o que causa um distanciamento entre a família e a comunidade.

A hospitalidade da família anfitriã é direcionada aos que vem de fora e não aos pares comunitários, o que não se deve exclusivamente ao contexto religioso, mas a interdependência que os membros da família diminuíram em relação aos moradores da comunidade e aumentaram em relação aos visitantes. Dessa forma, a hospitalidade manifesta-se dentro das teias de interdependência.

Neste contexto a hospitalidade manifesta-se entre pares, mas não entre iguais, pois se por um lado ela acontece em figurações específicas, por outro a ocorrência dela gera uma condição de subordinação.

Um exemplo disso é o fato da fazenda abrigar pessoas da prefeitura. Nas palavras de dona M.J. “eles gostam daqui porque eu trato eles bem, tem outras casas

que não oferecem nem café”, o provimento da hospitalidade gera uma dívida em que recebe, da mesma forma que a família abre suas portas, oferece comida, bebida e pernoite, ela espera mesmo que inconscientemente uma retribuição, podendo vir em forma de apoio ao empreendimento ou em informações atualizadas sobre alguma condição específica da fazenda.

A hospitalidade gera uma dívida expressando a ideia de dádiva cunhada por Marcel Mauss (1974): dar, receber e a “obrigação livre” de retribuir. O que pode ser pensado também pelo aporte teórico de Elias com seu conceito de figuração e relações de poder. Poder para Elias:

É uma característica... de todas as relações humanas... Nós dependemos dos outros; os outros dependem de nós. Sempre que somos mais dependentes dos outros do que estes são de nós, eles possuem poder sobre nós, quer nos tenhamos tornado dependentes deles pela sua utilização de força, ou pela nossa necessidade de sermos amados, pela nossa necessidade de dinheiro, cura, estatuto, carreira, ou simplesmente por excitação. (Dunning, 1992, p. 26)

A hospitalidade é amplamente abordada pelo viés da dádiva e nas relações observadas a partir da Fazenda PEC ela é pertinente, no sentido de que quem dá espera uma retribuição e nesse contexto entra o poder descrito por Elias. No momento em que a família não depende do restante da comunidade para existir, a hospitalidade não é praticada. No entanto, como Elias salienta, da mesma forma que os anfitriões da fazenda não praticam a hospitalidade para os demais membros da comunidade considerando que não tem o que receber em troca, eles por sua vez não lhe conferem a credibilidade e parceria necessárias para o sucesso do empreendimento.

Durante a entrevista a um morador, ele mencionou não conhecer a fazenda por nunca ter sido convidado a ir lá. Uma outra entrevistada falou que os preços das refeições são muito elevados. Já uma outra mulher diz que “me falaram que é tudo caro e só pra quem vem de Manaus”. Assim, os comentários depreciativos propagam-se pela comunidade e minam a propaganda positiva que poderia ser feita.

As relações de hospitalidade ou a falta dela envolvem outras perspectivas, mas para se chegar a elas, é necessário expor a organização da fazenda e suas interdependências.

3.1.1 Fazenda PEC e suas relações de interdependência

3.1.1.1 A dependência de Manaus: o plantio da couve e as atividades diárias

A principal atividade econômica da família hoje é o cultivo da couve. Em função de um contrato com uma importante rede de supermercados de Manaus para fornecimento diário de couve, a família já contratou três funcionários, dois que moram em Autazes e um da comunidade São Francisco. A plantação de couve está dividida em vários blocos ao longo do terreno da fazenda, existem plantações próximas a casa grande, outras próximas as trilhas e outras bem próximas a casa da família. O objetivo é ter sempre uma plantação pronta para colheita, de forma que as couves de uma são colhidas em um dia, enquanto as do outro dia são colhidas de outro bloco a medida que a primeira descansa e repõe as folhas e assim sucessivamente, não ficou claro quantas plantações existem ao todo, mas certamente são mais de cinco, o que já diferencia a plantação de couve da família do restante das plantações da comunidade que na maioria das vezes plantam uma quantidade menor.

Figura 18 - Plantação de couve



Fonte: própria autora, 2018

Toda família acorda às 4h e com exceção de M.J. e G.N., a maioria segue para plantação vestido com calças e camisas de manga longa, chapéu e bota de borracha, colhem cuidadosamente as folhas de couve de fora para dentro da planta e enchem caixas de madeira com as folhas. As caixas são levadas a casa em uma moto-caçamba ou carregadas nas costas dependendo da distância da plantação. Lá elas são lavadas e separadas em maços de 5 folhas amarrados com uma fita.

Figura 19 - Acondicionamento da couve na caixa



Fonte: própria autora, 2018

Figura 20 - Transporte da caixa de couve



Fonte: própria autora, 2018

Em seguida, são colocadas nas caixas, transportadas ao barco da família e levadas ao porto do Puraquequara onde são disponibilizadas ao comprador. A família obtém um bom retorno financeiro, a produção fica entre 400 e 1500 maços por dia, sendo que o comprador garante a compra diária de até 3000 maços. A produção garante o sustento da família e paga salários para os três funcionários. A couve é o principal produto produzido em toda a comunidade e pelo contrato mantido com a fazenda PEC já é possível inferir que a produção é insuficiente para o abastecimento de Manaus, o maço é comprado por um valor bem abaixo do que é vendido, o valor do maço da couve no supermercado em questão é cerca de 600% maior que o valor que é comprado do produtor rural, não é possível, no entanto, precisar a margem de lucro.

Figura 21 - Família amarrando a couve



Fonte: própria autora, 2018

A rotina da família é organizada em função da colheita da couve, o fornecimento habitual é somente pela manhã, mas em alguns dias existe um pedido extra na parte da tarde, o que mobiliza a família. Em geral, o horário de acordar é por volta das 4h, o que é alterado em dias de chuva, que passa para 4h30 ou 5h no máximo, a família segue para colheita tomando apenas um café com leite. A família poupa M.J. do trabalho pesado por conta de sua condição de saúde, da mesma forma G.N. que não tem a obrigatoriedade de acompanhar seus pais todos os dias, apesar de quase sempre fazê-lo. Contudo, M.J. permanece em casa executando os afazeres domésticos como preparo do café da manhã e almoço, bem como limpeza da casa e colheita de temperos e legumes em sua horta. Ao retornar da colheita, tomam o café da manhã mais completo dispendo de pães ou tapioca para acompanhar o café com leite e depois despendem aproximadamente duas horas para o processo de organização das folhas colhidas.

O processo é feito de forma muito leve e é nesse momento que as histórias da infância, da comunidade, as fofocas e piadas são contadas... é nessa ocasião que a família se encontra mais unida e descontraída.

M.N. segue com dois funcionários para a entrega da couve em Manaus, enquanto M.J. e S.N. finalizam o preparo do almoço, M.C. descansa em sua rede e G.N. se diverte com o amigo que também é funcionário da fazenda.

Figura 22 - Preparo do almoço



Fonte: própria autora, 2018

O almoço acontece por volta das 12h, já que G.N. precisa ir para a escola. Durante a tarde, a família recolhe-se aos seus quartos onde descansam e assistem televisão. Em torno de 16h, a família reúne-se novamente para “merendar”, na sequência, os homens atravessam para a ilha e “recolhem” o gado e as mulheres seguem no preparo do jantar. O jantar é servido às 19h e após esse momento, a família conversa e assiste televisão. Por mais que a referência seja feita sempre a família, todas as atividades são realizadas por família e funcionários que são tratados de forma bem próxima, fazem a refeição na mesma mesa e participam das conversas.

Em geral, a rotina é a mesma todos os dias, mudando em alguns detalhes, como por exemplo, no dia em que M.J. acorda com vontade de fazer peixe para o almoço e pede que o neto ou que um dos funcionários pesque o peixe, rapidamente a família se organiza de modo a atar a malhadeira e recolher os peixes no retorno da

colheita. Ou ainda quando a família recebe um convidado como a pesquisadora ou o engenheiro do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas – IDAM, neste caso, alguém da família vai colher um cacho de banana pacovã para fazer uma “merenda” especial ou acende o fogo para assar uns “bodós na brasa”.

Figura 23 - Limpeza do peixe "bodó"



Fonte: própria autora, 2018

Um cotidiano bem rotineiro que causa estranheza em quem não está habituado, mas que é permeado de risadas, histórias de OVNIS, jacarés e capivaras... E por mais que essa prática seja diferente da rotina de muitas famílias de Manaus, é igualmente distante dos costumes das famílias da comunidade já que o tempo a controlar o dia-a-dia não é o tempo natural.

Pela característica do terreno da fazenda PEC (grandes extensões aterradas), o cultivo da couve e de outros itens não é afetado pelo regime hidrológico do Rio Amazonas – cheia e vazante. Enquanto a comunidade perde suas plantações ou planta de forma mais restrita em canteiros suspensos, a fazenda permanece com sua colheita a todo vapor. O diferencial das terras pertencentes a família causa a perda

da dependência do tempo natural e permite uma maior obediência ao tempo do mercado ditado pela demanda da cidade de Manaus.

Assim, a família da fazenda PEC rompe com a comunidade nos seus laços de interdependência econômica e submete-se a uma interdependência estabelecida com a metrópole Manaus, no entanto, as relações afetivas continuam a existir dentro da comunidade e isso causa a constante ressignificação no contexto das relações a permear a fazenda.

3.1.1.2 As interdependências afetivas

A família organiza-se ao redor de M.J. Desde o tempo do ápice econômico da família, é ela que conduz e controla todo o patrimônio e atividades laborais e foi por ela também que a família centralizou sua vida na fazenda após seu problema de saúde. No entanto, seu filho M.N. possui uma liderança inaparente, por mais que ele tome ou influencie na maioria das decisões, ele não se coloca nem aparece como tal. As relações de hospitalidade entre a família são aparentemente boas, são poucos conflitos evidentes e em geral as decisões são tomadas em conjunto.

M.N. é um dos líderes da associação comunitária e demonstra muita preocupação com a comunidade. Na fazenda encontra-se um pequeno trator da associação que pode ser utilizado por qualquer comunitário que o queira. Além disso, existem ações sociais para arrecadação de dinheiro caso alguém da comunidade precise. Na família, M.N. é responsável pela liderança da colheita, por levar a mercadoria diariamente para Manaus e por manter a fazenda em ordem no que diz respeito a manutenção.

Seu pai M.C. tem uma característica tímida, está sempre calado e observando, mas mesmo com a idade avançada participa da colheita ativamente. As pessoas da comunidade o tratam como o líder da família. Mesmo que internamente a dinâmica da família e as decisões sejam tomadas por dona M.J., o sr. M.C. aparece como a figura central da família para as pessoas de fora.

Mesmo que a comunidade tenha essa tendência patriarcal, a família não parece se importar muito, eles são bem fechados entre eles e a dinâmica parece funcionar internamente, sem muita necessidade de demonstrar algo para o exterior.

S.N., a esposa de M.N., participa de todas as atividades da família, é bem calada e demonstra ser a mais submissa no contexto familiar. No entanto,

desempenha papel fundamental na relação da família com a comunidade. Por ter seu filho G.N. em idade escolar, é participante assídua nas atividades escolares da comunidade e mantém, dessa forma, um vínculo com outras mães e professoras.

A fazenda por possuir uma casa grande e ter sempre comida e bebida para oferecer para seus visitantes desempenha ainda uma função de base para funcionários da prefeitura e de órgãos públicos que precisam passar pela comunidade. Como no dia em que o engenheiro agrônomo do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas chegou a fazenda para tratar da documentação de alguns agricultores da comunidade e acabou dormindo por lá como algo que acontecesse sempre.

G.N. também é responsável pela abertura da figuração familiar para pessoas externas tendo em vista que ele participa das atividades da igreja Adventista atraindo colegas para o estudo bíblico em casa.

O contato da família com os funcionários também é próximo, realizam todas as refeições juntos sem distinção, contudo, há algumas diferenças entre a comida, em alguns dias o preparo do frango é diferente para os funcionários e para a família, o que superficialmente não causa desconforto nas pessoas externas.

Dos três funcionários, apenas um é da comunidade, os outros dois moram na casa atrás do lar da família e pensam em não voltar para o município de origem, um deles diz que apesar de possuir esposa e filhos no lugar de onde vem, gosta muito da fazenda e da família de dona M.J., além da remuneração que é superior ao que recebe nos “bicos” que faz em Autazes.

M.J. e M.C. pouco saem de casa, no festejo alusivo ao dia das mães realizada pela escola, a diretora foi entregar o convite pessoalmente para M.J., mas ela não foi. Ela comenta que o Sr. M.C. é muito ciumento, mas é fácil perceber que a reclusão da família tem um motivo maior.

Figura 24 - Festa alusiva ao Dia das Mães



Fonte: própria autora, 2018

A origem de propriedade das terras da fazenda pela família é desconhecida por grande parte da comunidade e esse fato gera muito desconforto, por diversas vezes durante as entrevistas, dona M.J. fala que “as pessoas falam do que não sabem”, por outro lado alguns dos entrevistados mencionam que “aquelas terras são do sr. Pedrinho” ou que “não sei como a terra passou para o M.C.”, muitos salientam que “eles eram empregados do sr. Pedrinho”.

A fazenda PEC está entrelaçada com muitas memórias da infância dos moradores da comunidade, Pedro Sampaio realizava almoços e eventos para a comunidade, e o fato de agora pertencerem a dona M.J. restringe de certa forma o acesso da comunidade pelo caráter comercial que a visitação assumiu causa essa ruptura resultando no abismo entre a família e a comunidade. O lugar foi ressignificado por aspectos econômicos, mas a comunidade não fez parte desse processo. Além disso, dois entrevistados mencionaram o favorecimento da prefeitura em relação a fazenda.

M.J. fala de sua intenção de empregar pessoas da comunidade quando o turismo de fato começar a acontecer, no entanto ressalta que só contratará pessoas de sua confiança e ressalta por várias vezes esse aspecto, diz que precisa de “pessoas mais adequadas”, citando a necessidade de um bom cozinheiro “um que entenda dessas comidas” e pessoas que saibam atender o turista, citando uma sobrinha que fala Inglês.

A família sente-se em uma outra posição em relação a comunidade, seja pela distinção social causada pela estrutura que possuem na fazenda, seja pelo apoio que tem da prefeitura ou pela convivência maior com a dinâmica de Manaus e com pessoas externas.

O contato com pessoas externas ao ciclo comunitário possui esse caráter de distinção, os parâmetros trazidos por uma outra realidade modificam os padrões de hospitalidade. No contexto do turismo essa distinção é ainda mais acentuada.

3.1.2 A hospitalidade da Fazenda PEC

A hospitalidade na Fazenda PEC é uma mescla entre hospitalidade doméstica e hospitalidade encenada. A primeira muito ligada aos costumes da própria família, algo endógeno e a outra ligada a uma imposição, um fator exógeno. Abordar a manifestação da hospitalidade doméstica e da hospitalidade encenada na fazenda PEC envolve discorrer sobre a percepção da própria pesquisa e da pesquisadora que se por um lado conheceu a fazenda como cliente, por outro se hospedou como alguém mais próxima da família.

Visitar a fazenda PEC pagando pelos serviços é algo mais agradável já que o dinheiro de certa forma anula a obrigatoriedade da retribuição. Por outro lado, entrar em uma casa como uma visitante que não pagará por um serviço, mas se integrará ao cotidiano da família, configura uma outra percepção. Gera a criação de uma dívida que se não for bem entendida pode influenciar inclusive nos resultados da pesquisa.

Apesar de M.J. e sua família receberem com generosidade e carinho os visitantes amigos, a hospitalidade doméstica é marcada por uma mão dupla, o hóspede precisa entrar na rotina da família e aceitar o que eles têm a oferecer, o que não ocorre em uma relação comercial.

Os funcionários da fazenda recebem uma remuneração para trabalharem ali, a hospedagem e o alimento seriam um algo a mais fornecido pelos anfitriões, que geram

um desequilíbrio na relação de interdependência, mesmo que a família precise dos serviços dos empregados, eles estão em posição de desvantagem já que precisam do alimento e da casa fornecida pela família, fazendo com que eles comportem-se exatamente da maneira que a família espera, um mínimo deslize pode causar um rompimento da relação trabalhista.

Na hospitalidade doméstica, o hóspede sempre está em desvantagem, ele sempre “deve” algo a seu anfitrião. Na qualidade de convidado em uma casa, o visitante busca comer e beber tudo que lhe é oferecido, mesmo quando isto implica um rompimento com seus parâmetros de higiene, por exemplo. Enquanto o turista tem uma certa “permissão” para recusar ou exigir.

A hospitalidade encenada está ligada a necessidade do anfitrião de oferecer ao seu hóspede algo que ele espera. E ela não é encenada só por quem está recebendo, mas também por quem está se hospedando.

Camargo ressalta as noções sociológicas para chegar a hospitalidade:

... noções sociológicas clássicas de relação primária, marcada pela intimidade, e da relação secundária, marcada pela etiqueta. A primeira busca a aproximação, a afetividade, a expressão dos sentimentos. A segunda recomenda a distância, a polidez, uma hospitalidade que se poderia chamar de neutra.

Do ponto de vista da hospitalidade, essas noções são importantes desde que colocadas não como oposições binárias, mas dispostas num eixo de uma relação social afetada pela mobilidade geográfica, cultural, social e econômica. Em outros termos, à medida em que o indivíduo se afasta de casa e se expõe a contatos secundários, a intimidade diminui de intensidade e a polidez passa a se impor como norma. Quanto mais distante do ambiente doméstico, mais o indivíduo é submetido ao processo civilizador de que fala Elias (1994), aos rituais da civilidade, da urbanidade, da etiqueta, da capacidade de viver e conviver em sociedade, aquilo que habitualmente chamamos de boa educação. (p.48, 2015)

“A hospitalidade é sinal de civilização” (Montandon, 2009, p. 31). A teoria do Processo Civilizador desenvolvida por Norbert Elias que analisou a longo prazo a evolução de sociedades europeias em direção ao autocontrole, controle dos instintos, repugnância à violência, vergonha, cortesia, respeito às regras de boas maneiras, higiene, segurança e controle das emoções vem ao encontro da perspectiva de uma hospitalidade encenada, já que o Brasil ao ser colonizado passa a receber esse padrão de civilidade trazidos pelos colonizadores. No turismo onde os encontros entre diferentes são contínuos, a “hospitalidade civilizada”, ou seja, moldada a padrões considerados aceitos são fundamentais.

Retomando o mito da hospitalidade contado anteriormente e admitindo essa característica civilizada da hospitalidade, a forma com que a família recebe os visitantes envolve mais que apenas as características da personalidade, mas um padrão de detalhes que vão além dos aspectos abstratos e materializam-se em estrutura de hospedagem. A hospitalidade descrita no mito não se refere apenas a simpatia e acolhimento do casal com os deuses, mas envolve o alimento feito, o gesto de lavar os pés dos visitantes, a cama oferecida...

Assim, muitos elementos podem ser identificados a partir da hospitalidade e que caracterizam ou mesclam a hospitalidade doméstica e a hospitalidade encenada. Quando há alguém de fora na fazenda, por exemplo, a água servida é mineral (a primeira garrafa incluída no valor da diária e a partir da segunda, comercializada), enquanto a água consumida pela família no cotidiano é água do rio armazenada em um balde com tampa que passa por processo de descontaminação por hipoclorito de sódio.

Contudo existem pequenos detalhes que fogem ao cuidado da família, já que apesar do turista ingerir a água mineral, o suco servido é feito com a água consumida pela família. Dessa forma, os padrões se confundem e o turista acaba por experimentar a vida da família de forma genuína, mesmo que seja dentro de um contexto encenado.

Um outro ponto interessante relaciona-se a vivência da pesquisadora em relação a esses mesmos elementos, na oportunidade da permanência junto a família por mais que não tenha tido pagamento e o foco tenha sido a convivência doméstica, alguns pontos foram mantidos.

Durante as refeições da família, a comida é servida nas panelas, mas no caso da porção destinada a pesquisadora ou a algum convidado externo, é servido em recipientes diferenciados, como forma de distinção, por mais que todos comam em volta da mesma mesa. E apesar do cardápio rotineiro ter sido mantido, a presença externa impulsionou o preparo de um peixe chamado bodó e a colheita de bananas para fritar e fazer um lanche diferenciado. Os horários da família foram mantidos durante a estada da pesquisadora, no entanto, um dos membros sempre estava por perto alegando um outro motivo, mas para prestar assistência. Um outro aspecto relaciona-se com a rede, ainda que tivessem duas redes disponíveis para quem quisesse deitar, existia uma rede que tinha sido lavada e separada para exclusivo uso da pesquisadora.

Existem esses elementos percebidos pela família, porém há alguns aspectos que integram a cultura e que destoam dos padrões de hospitalidade. Tais como: a convivência com os animais (próximos a casa estão cachorros, galinhas que convivem com a família); a estrutura do banheiro (chão de madeira para tomar banho, privada em lugar externo a casa, pia externa ao local da privada); os temperos utilizados como sal, pimenta e colorau são manuseados com as mãos muitas vezes sujas com a proteína crua; bebedouro e garrafa de café que não são higienizadas a cada troca; utilização de colher de pau no preparo de bolos e outros alimentos; cosméticos armazenados juntamente com os itens de cozinha; colchão com manchas de suor e muito tempo de utilização; e falta de higienização das folhas e legumes colhidos na horta da fazenda.

A família reúne um conjunto de fatores desfavoráveis para o início da atividade turística, todavia estão em um nível de auto percepção bem maior comparado ao restante da comunidade. Em um almoço na escola da comunidade, os padrões de higiene e boas maneiras são diferentes, no entanto, o objetivo deles não é receber turistas. A acolhida, a simpatia, a receptividade, a boa educação são qualidades que os anfitriões da fazenda PEC se esforçam em mostrar, é uma forma de expressar sua distinção social, sua civilidade. Dona M.J. menciona que nunca recebeu treinamento, mas que está sempre com um sorriso no rosto e pronta para receber um visitante. Ela percebe a importância da hospitalidade e também dos itens que promovem conforto e higiene.

Grande parte dessa percepção deve-se a entrada de olhares externos a fazenda. Um exemplo disso foram os representantes do grupo espanhol que frequentaram o local propondo uma parceria. Dona M.J. menciona como foram enfáticos ao falar que a casa dela é dela, que não se deve misturar as coisas, ao abordarem a construção de uma outra estrutura para a hospedagem e desconsiderarem o alojamento de turistas dentro da casa da família.

Esta é uma concepção externa muito comum, a ideia de que o turista não quer vivenciar o cotidiano da família, o que ele busca são as experiências do local e o provimento de conforto, há autores que discordam e propõe um modelo de turismo que sustente a experiência e não imponha padrões externos. A fazenda, contudo, caminha em outra direção.

A hospitalidade representa, assim, um elemento cultural buscado por turistas, mas as atividades econômicas e todos os seus padrões canalizam as práticas dessa hospitalidade como forma de estratégia de reprodução do capital.

Figura 25 - Quarto da casa destinado a visitantes



Fonte: própria autora, 2018

Figura 26 - Mesa preparada para visitantes



Fonte: própria autora, 2017

4 O CAMINHAR PARA O TURISMO

4.1 Por que o turismo não acontece?

Por meio da observação e das informações reveladas nas entrevistas é possível delinear um motivo para o turismo não ocorrer na visão dos moradores, contudo, a pergunta foi feita de forma direta aos entrevistados – membros da família, cinco comunitários e representante da prefeitura – e antes de se elencar os elementos apontados na pesquisa como um todo, a apresentação das respostas destas pessoas será feita.

M.J. aponta em sua resposta que o turismo não acontece porque não há divulgação e apoio da prefeitura. Um outro ponto abordado é a necessidade de parcerias privadas. “Eu posso fazer tudo aqui, se não tiver alguém para trazer pra cá, as pessoas não vêm”. M.N. acredita que o turismo não ocorre por falta de divulgação, no entanto, acredita que o fato não se relaciona com o apoio da prefeitura.

V. retrata que o turismo não acontece porque falta a sensibilização da comunidade frente ao ecoturismo “as pessoas não acreditam que o turismo possa gerar renda, são conservadoras no tocante a só ganhar dinheiro com pesca e agricultura”. Ele acredita que a obtenção de renda não é o principal, mas aponta para a conservação dos recursos naturais da ilha do Careiro. Ele lembra no decorrer da entrevista sobre um trabalho escolar que realizou sobre o Lago do Rei enquanto potencialidade turística e o quanto ele é versátil sendo um lago na cheia e vários lagos na seca do rio. Acredita que como o turismo implica em um investimento financeiro mais elevado o que a comunidade não tem, a prefeitura deveria apoiar mais, o que não ocorre pelas secretarias serem assumidas por políticos e não por técnicos.

Assinala ainda que o Encontro das Águas, um dos mais famosos pontos turísticos do Amazonas não é percebido como atrativo do Careiro da Várzea. A várzea oferece a possibilidade de visualizar o espaço de forma diferente, na seca é um cenário e na cheia outro. Além da falta de investimento e interesse público na atividade, acredita que o caminho seria uma atividade organizada pela comunidade com a realização de parcerias internas. E termina dizendo que “falta a comunidade acreditar”.

Matos (2015, p. 106) escreve que “o conhecimento permite distanciar/envolver”, ou seja, a falta de conhecimento dos comunitários no que diz

respeito a atratividade simbólica do Encontro das Águas faz com que eles não o percebam como parte do Careiro da Várzea.

Um outro entrevistado aponta que o isolamento da família de dona M.J. é o principal motivo pelo qual a atividade não ocorre “eles não compram nada daqui e não participam de nada”. N., por sua vez, sinaliza para os preços dos pratos de comida que são muito caros.

A. crê que o turismo não ocorre porque falta apoio ao setor primário e se a comunidade não fortalecer sua principal atividade econômica, não conseguirá desempenhar outras.

F. diz que: “as empresas que trazem turistas precisam ter um incentivo financeiro para trazer e outros lugares oferecem mais”. Um outro morador expressa o mesmo ponto de vista com outras palavras: “as agências de turismo são as grandes responsáveis pelos itinerários, onde elas ficam dependem do quanto se dá por fora”. Ambos parecem se basear na experiência com o turismo que ocorreu anteriormente.

Por fim, a opinião do secretário de pesca é que o turismo ainda não ocorre porque as secretarias de Pesca, Turismo e Meio Ambiente ainda não operacionalizaram seu planejamento para a pesca e turismo. E também porque falta a criação de uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável.

Alguns entrevistados ao serem questionados em relação ao turismo referem-se diretamente a fazenda PEC como se ela fosse o único atrativo da comunidade outros respondem mencionando a comunidade como um todo. Percebe-se que a fazenda representa para alguns o único lugar “pronto” para receber o turista o que pode ser resultado dos anos de investimento e propaganda interna do primeiro proprietário, Pedro Sampaio. Ao mesmo tempo que a comunidade aponta para a fazenda e a entende como um lugar estruturado para o turismo, a estrutura é igualmente reconhecida como elemento importante na fala de V. quando menciona que o turismo demanda um investimento que a comunidade não tem.

A divulgação é abordada nas respostas de M.J. e M.N., integrantes da família gestora, o que demonstra que a não ocorrência da atividade para eles é fruto de algo que eles buscam no momento. Recentemente foi criada uma página da fazenda em uma rede social. E se por um lado M.J. aponta a falta de apoio da prefeitura, M.N. pede que esse ponto não seja levado em consideração, ele prefere que o turismo na fazenda não seja vinculado a prefeitura.

O apoio da prefeitura é salientado por outros moradores além da fazenda o que demonstra a vontade de uma participação democrática nas atividades turísticas, no entanto a prefeitura assumindo que a atividade ainda não ocorre porque o planejamento ainda não foi executado, não prevê a participação da comunidade no processo. A criação de uma RDS é colocada como ponto de partida para a atividade o que revela que o próprio poder público municipal reconhece que precisa de apoio estadual ou de parcerias com outras instituições.

Em relação às atividades agrícolas, enquanto um morador a vê como empecilho para a sensibilização da comunidade frente ao turismo, outro vê seu fortalecimento como única alternativa.

A questão das parcerias com empresas de turismo é colocada por dona M.J. e também mencionada por outros dois moradores quando falam da retribuição financeira para guias.

Os motivos pelos quais o turismo não acontece e a percepção da hospitalidade como primeiro elemento para se pensar os outros, e ainda entendendo que a comunidade está em um estágio “pré-turismo”, os elementos necessários para sua implantação e consolidação serão apontados como os resultados principais da pesquisa.

4.2 A visão do visitante

Foi possível conversar com alguns visitantes, dois deles que participaram de um almoço promovido em um sábado por dona M.J., a princípio com o objetivo de promover o local, depois de um tempo, a família revelou que o almoço havia sido “encomendado” por uma pessoa que iria levar um grupo, no entanto, o grupo de 50 pessoas foi alterado para 10 na véspera da data combinada, o que levou M.J. a estender o convite para várias outras pessoas, mas sem o retorno esperado. Foram vários peixes para assar comprados em Manaus, além de insumos para o preparo de acompanhamentos e muitas bebidas, causando um prejuízo para a Fazenda PEC.

Os outros dois visitantes foram passar o dia com a família em visita pré-agendada com dona M.J., um soube do local ao passar de lancha em frente, a outra por intermédio da pesquisadora.

Todos os entrevistados consideram-se “em turismo” e todos mencionaram a alimentação como ponto forte do empreendimento. Um deles disse que a fuga da

rotina e a possibilidade do transporte fluvial são os grandes diferenciais da fazenda e que voltaria pelo contato com a natureza e porque o “celular funciona aqui”. Todos disseram que retornariam a fazenda e apenas um apontou para a falta de “estrutura turística”. Um outro ponto negativo assinalado foram os mosquitos.

4. 3 Elementos para o turismo

Os elementos para a ocorrência do turismo podem ser apreendidos por meio das falas dos entrevistados e da revisão bibliográfica que amparou a experiência de campo. O primeiro elemento seria o passo inicial apontado por estudiosos do turismo que é o planejamento turístico e o apoio da prefeitura, já que se percebe uma relativa falta de conhecimento sobre como começar a operar a atividade, amparando-se apenas em ideias consideradas eficientes, mas sem base empírica, a exemplo da criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável citada pelo secretário.

Muitos estudiosos do turismo (BARRETO, 1991; BENI, 1998; RUSCHMANN, 1999) apontam que para sua implantação é necessário um planejamento turístico que em linhas gerais envolve um diagnóstico e uma avaliação do local para a implantação. No diagnóstico é realizado a caracterização do local e o inventário turístico, onde serão identificados desde as atividades econômicas da região aos atrativos turísticos e infraestrutura turística. A avaliação envolve a análise de pontos fortes e fracos e das oportunidades e fraquezas.

O planejamento turístico geralmente é realizado pelo poder público em conjunto com iniciativa privada, terceiro setor, comunidade e instituições de ensino superior. O objetivo é entender a viabilidade turística do local e criar um plano de desenvolvimento do turismo para a atividade.

Na realidade estudada, o planejamento vem sendo feito pela prefeitura por meio de suas secretarias de Pesca e Turismo de forma integrada entre as localidades do município do Careiro da Várzea. O planejamento turístico implica em avaliar a infraestrutura básica e viabilizar a estruturação turística da comunidade. No entanto, ele precisa ser realizado de forma participativa, a comunidade tem que estar ciente do que é o turismo e ser protagonista no processo tendo em vista que é a maior interessada e sofrerá os impactos positivos e negativos advindos da atividade.

No planejamento turístico são levados em consideração os elos da cadeia produtiva da atividade – atrativos, transporte, hospedagem, alimentação, serviços e

comercialização, o que forneceria um bom retrato do que de fato precisa acontecer para o surgimento da atividade.

O planejamento turístico inclui ainda funções para cada um de suas agentes: o estado, iniciativa privada, terceiro setor e comunidade, sendo função do Estado coordenar, planejar, regulamentar, incentivar e promover o turismo.

Um outro elemento para o surgimento do turismo é que o destino ofereça a possibilidade de proporcionar sensações prazerosas. Segundo a percepção de Norbert Elias, o lazer é a busca de novas sensações, a busca de emoções diferentes das vivenciadas no cotidiano.

E por cotidiano não se entende apenas o espaço, mas o tempo, tempo este que não é sinônimo somente de tempo livre. Para Elias o trabalho não é superior ao lazer, os dois são necessários, e o lazer não é complemento do trabalho. A medida que o processo civilizador acontece, o controle das emoções aumenta e assim, o ser humano busca espaços e tempos onde possa viver sensações exageradas, a excitação. “O lazer se torna um momento de produzir tensões agradáveis liberando as tensões produzidas pela vida rotineira.” (GONÇALVES, OLIVEIRA, SOUZA, 2009)

O controle das emoções fortes faz emergir a necessidade biológica de libertar essas tensões. É nas atividades de lazer onde se vivencia sentimentos fortes tais como a produção de endorfina e adrenalina, bem como sentimentos de alegria, exaltação tristeza, euforia. Quanto maior o grau de intensidade de atividades que provocam experiências imprevisíveis, maior será a sensação de satisfação. (GONÇALVES, OLIVEIRA, SOUZA, 2009, p.3)

Na fazenda PEC, as atividades fornecidas são: banho de rio, passeio a cavalo, trilhas, contemplação das vitórias-régias, focagem de jacaré e visita ao encontro das águas. As atividades coincidem com as habitualmente oferecidas por empreendimentos turísticos em outros lugares do Amazonas que apesar de proporcionar novas excitações, não apresenta um diferencial.

Escapar da rotina ou da atmosfera atribulada da cidade também pode ser um fator que favoreça a consolidação do destino turístico. O sociólogo Georg Simmel (1902) parece traduzir a construção social das cidades oferecendo um caminho para se refletir acerca da manifestação da hospitalidade nos meios urbanos. Discorrendo sobre a crescente individualização e o esforço que o indivíduo faz para mantê-la face as forças sociais como origem dos mais graves problemas da vida moderna, Simmel propõe que a metrópole cria um outro nível de consciência no homem, já que os

estímulos são muitos e a capacidade de resposta ocorre em uma velocidade menor, fazendo com que ele aja com a cabeça ao invés do coração, ou seja, com seu intelecto. Além da predominância do intelecto nas relações sociais na cidade, outro fator dita essa dinâmica: o capital.

Ambientado por esse contexto, o homem impulsionado por seu intelecto e regido por relações reduzidas ao valor monetário, não consegue reagir a todos os inúmeros e rápidos estímulos fazendo com que ele se torne indiferente a eles, o que é chamado por Simmel de atitude *blasé* (1902). Há uma certa naturalização dessa individualização o que resulta em um certo isolamento do indivíduo na metrópole.

O homem da cidade pode enxergar o meio rural como uma fuga do meio urbano e da atitude *blasé* que impera nas relações. Um exemplo do autor Alain Montandon (2011) traduz essa ideia: “A casa de campo desempenha, assim, o papel de refúgio, podendo ser, atualmente, também um espaço de hospitalidade que a cidade grande não permite mais oferecer” (p.37).

Duas pessoas em visita a fazenda PEC disseram que a motivação era a fuga do ambiente urbano, ter a possibilidade de uma tarde ociosa na rede, um café acompanhado de uma boa conversa, além da contemplação da paisagem sem as preocupações da cidade.

Um outro entrevistado, no entanto, diz não gostar do meio rural principalmente pela quantidade de insetos o que para ele não traz tranquilidade e descanso. Um outro visitante aponta que o uso do celular no local o motiva a visitar já que em outros lugares rurais o celular não funciona bem, o que demonstra que a fuga da cidade para ele não é um atrativo e sim um ponto negativo, já que ele precisa de um elemento urbano. A fazenda PEC por sua proximidade a Manaus desempenha um papel de meio rural perto da cidade o que pode ser um ponto positivo para alguns e negativo para outros.

Além dos elementos já expostos e que se relacionam com a perspectiva externa, há um que se entrelaça diretamente com o fator interno: a coesão comunitária.

Alguns casos de turismo comunitário no Amazonas como a Pousada Aldeia dos Lagos, no município de Silves, demonstram que o caminho para o turismo em comunidades pode ser a gestão comunitária. A pousada que é um empreendimento comunitário que existe há mais de vinte anos aponta para a direção de que o apoio da comunidade é fundamental para o sucesso da atividade.

A comunidade São Francisco ainda não percebe seu potencial para o turismo e visualiza apenas a fazenda PEC como um atrativo, mas que não se abre para o contexto comunitário. A comunidade não a vê nem como um lugar que pode proporcionar emprego e renda, nem como um empreendimento que pertence a comunidade.

Apesar do local compor a memória da infância de muitos moradores, a maioria não se sente mais próximo ao lugar e por desconexões nas relações entre a família gestora e alguns comunitários, a família não pensa em integrar a comunidade no processo e a comunidade não divulga a fazenda e não percebe as vantagens de uma parceria.

A abertura da família para a comunidade por meio de participação em eventos, promoção de atividades na fazenda para os moradores ou mesmo conversas sobre o turismo abriria o caminho para uma coesão comunitária que possibilitaria o avanço da atividade.

Em contrapartida uma parceria com empresas privadas poderia facilitar o turismo com uma consequente abertura das figurações para essa intenção. Conforme mencionado diversas vezes por dona M.J. e por alguns entrevistados na comunidade, a parceria com empresas privadas se faz necessária. Agências de viagem, hotéis, barcos atuando em parceria com a fazenda PEC e com a prefeitura criariam o fluxo turístico maior para a região, possibilitando o estabelecimento da atividade como fonte de renda.

A parceria, contudo, deve ser feita de forma justa para os dois lados respeitando os preços praticados pela comunidade. A aliança desigual ocasiona uma série de impactos negativos que podem causar o fim da atividade.

Por fim, o marketing do destino precisa ser realizado de forma contundente. Além do entendimento da atratividade turística do local para os comunitários e consequente “venda” para os turistas. O distanciamento pelo conhecimento já abordado oferece uma lente para se avaliar essa atratividade simbólica: os moradores não conseguem perceber o valor de seus atrativos turísticos.

Os atrativos naturais constituem um dos principais elementos no turismo do Amazonas. Apropriar-se deles representa um caminho importante para a consolidação do destino. Como aponta Matos (2015), o exótico ainda é o elemento mais procurado pelo estrangeiro que busca a Amazônia. O Encontro das Águas, as vitórias-régias, os lagos, as trilhas na floresta, os animais e as atividades deles

provenientes, tais quais a pesca esportiva, a tirolesa, focagem de jacaré devem ser expostos na divulgação do lugar.

Figura 27 - Lago das vitórias-régias.



Fonte: própria autora, 2018

Figura 28 - Encontro das Águas



Fonte: própria autora, 2018

De forma semelhante, os atributos como o preparo de pratos regionais e típicos, ou exóticos como a vitória-régia frita; e a demonstração do cotidiano da comunidade como a agricultura e a pecuária podem representar um importante atrativo para o local.

Um outro ponto relevante é a possibilidade dos múltiplos cenários que a área de várzea pode oferecer, abaixo a imagem demonstra este fato:

Figura 29 - Lateral do terreno na seca do rio



Fonte: própria autora, 2017

Figura 30 - Lateral do terreno na cheia do rio



Fonte: própria autora, 2017

Uma pesquisa científica realizada nos postos de informações turísticas de Florianópolis/SC (GOHR, SANTOS, VEIGA, 2009) demonstrou que a informação é um dos principais elementos para a qualidade do produto turístico indo ao encontro do que foi abordado por M.J., M.N. e alguns moradores sobre a falta de divulgação.

A informação de que a fazenda PEC trabalha com o turismo passada por barqueiros no porto da Ceasa, postos de informações turísticas em Manaus, informações nos sites oficiais de turismo etc poderia contribuir para o sucesso do destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar em retrospecto o turismo em Manaus e seus desdobramentos no Careiro da Várzea suscita uma importante reflexão sobre a forma com que ele era implantado no passado. Era uma atividade idealizada e executada por grandes empresas que ditavam as regras do mercado turístico na região.

Avaliando os textos constantes nos planos e programas para o turismo no Amazonas, se percebe políticas públicas voltadas para a implantação do turismo com o protagonismo da comunidade, no entanto, a atividade turística com essa característica acontece, na maioria das vezes, quando tem efetivo apoio do poder público e/ou do terceiro setor. E nesse contexto desvela-se um ponto fundamental: a hierarquia de escolha dos lugares a serem contemplados com essa atividade obedece a uma lógica de mercado não muito diferente da praticada no passado.

Dessa forma, o turismo que é fenômeno abrangente por envolver interfaces culturais, sociais, ambientais, históricas... é reduzido a uma atividade econômica e como tal encaixado em todos os padrões impostos para obter o lucro a qualquer custo. A Amazônia “vendável” é aquela distante, exótica com indígenas desnudos, uma comunidade ribeirinha tão próxima a Manaus e com pessoas tão vestidas e embutidas dos padrões civilizados da sociedade pode não ser tão atraente.

O turismo tem esse caráter cruel de dividir, hierarquizar pessoas, lugares, atrativos e um espaço só tem a chance de revelar seus atributos caso desperte o interesse do mercado. E também tem o caráter ambíguo de despertar a busca pelo diferente ao mesmo tempo que exige padrões de conforto conhecidos.

A Fazenda PEC não possui um elemento exótico o suficiente para que o visitante abra mão de seus padrões, por sua proximidade ao ambiente urbano precisa oferecer uma estrutura e por mais que em comparação ao restante da comunidade, ela se diferencie, ainda não é suficiente. Dona M.J. e sua família já perceberam e estão se abrindo cada vez mais para os fatores externos. A influência que cada possível parceiro exerce acaba por confundir o que a própria família entende por receber bem. O prato de louça onde Fernanda Montenegro comeu era o prato do sr. M.C. até um agente de turismo dizer-lhe que aquele prato deveria ser guardado para a exposição no museu da fazenda. Por aspectos como esse a família vai se enquadrando no padrão do mercado e talvez assim tenha uma chance no futuro.

Os elementos exógenos ganham mais espaço como os vegetais propostos pela empresa espanhola para serem cultivados na fazenda. Os brócolis que a dona M.J. nem sabia pronunciar em breve farão parte de seu cotidiano e assim uma lógica de mercado vai impregnando a estrutura comunitária a exemplo do que já ocorre com o contrato da couve. A venda da couve em grande quantidade diferencia cada vez mais a família da comunidade e faz com que essa distinção os afaste.

Uma alternativa seria a visualização dos moradores da comunidade como possíveis clientes ou parceiros na consolidação da atividade, a promoção de eventos para a comunidade poderia reabrir as figurações, reatar as interdependências e oferecer um caminho para o início do turismo.

Percebe-se que a inquietação do porque do turismo não ocorrer parte muito mais da família da fazenda e da prefeitura, a comunidade não se importa muito já que não vê perspectiva dentro desse universo. A prefeitura por sua vez não possibilita o diálogo sobre o turismo e baseia seu planejamento em um processo de implantação de RDS que é demorado e gera outros impactos que não estão sendo levados em consideração.

Para um lugar onde já passou um fluxo turístico mesmo que em caráter complementar, as informações existentes são poucas e não proporcionam uma divulgação efetiva do município, isso reflete uma desorganização a nível estadual que já é consenso entre os pares, mas reforça também a noção de que o turismo no Careiro da Várzea não é prioridade.

Dessa forma, os motivos pelos quais o turismo não acontece podem estar bem distantes dos pontuados pelos sujeitos da pesquisa, por meio da fala deles foi possível delinear elementos, mas não se pode precisar se são eles a nortear o início de uma atividade turística.

Algumas possíveis soluções estariam no aproveitamento do visitante interno, aquele que trabalha na sede do município e pernoita na comunidade, o morador de Manaus, um morador da comunidade que queira um almoço diferente no domingo. Esta alternativa, no entanto, romperia cada vez mais com a hospitalidade doméstica e abriria o caminho para a constante encenação da hospitalidade.

O fato da família não conseguir consolidar um fluxo turístico mesmo sendo hospitaleira pode estar ligado a todos os elementos (insetos, clima quente e úmido, higiene, estrutura da casa e dos banheiros) expostos anteriormente, demonstrando que a hospitalidade no turismo está muito menos ligada ao encontro entre pessoas e

mais ao provimento de padrões de conforto. Uma hospitalidade prestada aos iguais e encenada aos pagantes.

A Costa da Terra Nova possui uma visitação, porém sem se caracterizar como fluxo turístico, o apoio do poder público, parcerias privadas, a divulgação e a conexão entre família gestora do empreendimento e comunidade são elementos importantes para o começo da atividade. A potencialidade – atrativos naturais, atividades que produzam tensões diferenciadas, gastronomia etc – o local possui, no entanto, é necessário que uma lógica maior conduza à ocorrência da atividade. O Careiro da Várzea hoje representa um importante produtor de couve, gado e peixes para a cidade de Manaus e sua abertura para a o turismo pode não favorecer esse contexto.

REFERÊNCIAS

A CRÍTICA. **Amazonas na contramão do recorde em Turismo**. Manaus, 2018. Disponível em: <<https://www.acritica.com/opinions/amazonas-na-contramao-do-recorde-em-turismo>> Acesso em: 6 de maio de 2018.

A CRÍTICA. **Com fim do período de defeso, pescadores viajam para “Pesca do Marapá”, no Careiro**. Disponível em: <<https://www.acritica.com/channels/governo/news/com-fim-do-defeso-pescadores-viajam-a-careiro-da-varzea-para-pesca-do-mapara>> Acesso em: 8 de junho de 2018.

AMAZONASTUR. **Onde ir?** Disponível em: <<http://www.amazonastur.am.gov.br>> Acesso em: 3 de maio de 2018.

AMAZONIA NOTÍCIA E INFORMAÇÃO. **No auge, hotel Ariáú Towers tinha uma receita de US\$ 1 milhão mensalmente**. Disponível em: <<http://amazonia.org.br/2017/02/no-auge-hotel-ariau-towers-tinha-uma-receita-de-us-1-milhao-mensalmente/>> Acesso em: 12 de junho de 2018.

ARAGÓN, Luis E. **Introdução ao estudo da migração internacional na Amazônia**. Contexto Internacional, v. 33, n. 1. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cint/v33n1/v33n1a04.pdf>> Acesso em: 3 de maio de 2018.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS. **Informativo mensal junho/2014**. Manaus, 2014. Disponível em: <<http://www.aca.org.br/wp-content/uploads/2014/11/junho.pdf>> Acesso em 9 de junho de 2018.

BARRETTO, Margarita. **Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos**. In: Turismo em Análise, v. 15, n. 2, p. 133 – 149, 2004

BENI, Mário C. **Análise estrutural do Turismo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BEZERRA, Antônio C. M. **Careiro da Várzea: história, memórias e atualidades**. Manaus: Editora Valer, 2016.

BÍBLIA. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BINDÁ, Carlos. **Guide book of Manaus**. Manaus, 1982.

BLOG LUCIO BEZERRA. **Foto barco Jumbo**. Disponível em: <<http://luciobezerra.com/venus-de-olhos-verdes/jumbo/>> Acesso em: **9 de junho de 2018**.

BLOG NÁUTICO. **Barcos e navios**. Disponível em: <<http://salvador-nautico.blogspot.com/2015/03/barcos-e-navios.html>> Acesso em: **9 de junho de 2018**.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível, vol. I: hospitalidade: direito e dever de todos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

CÂMARA MUNICIPAL CAREIRO DA VÁRZEA. **História**. Disponível em: <<http://www.ale.am.gov.br/careirodavarzea/historia/>> Acesso em: **5 de junho de 2018**.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O estudo da hospitalidade**. In: O livro da hospitalidade: acolhia do estrangeiro na história e nas culturas. Sob a direção de Alain Montandon; tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Os interstícios da hospitalidade**. Revista Hospitalidade, v. XII, n. especial. São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/574/643>> Acesso em: **10 de janeiro de 2018**.

CHAVES, Paula C. P. R.; MATOS, Gláucio C. G. **Parque Estadual Rio Negro Setor Sul: um estudo sobre os impactos no trabalho e o modo de vida da comunidade Bela Vista do Jaraqui/AM**. In: Diálogos na Amazônia: espaço, processo e relações sociais. Org. CHAVES, Paula C. P. R. Olinda: Livro Rápido, 2017.

CHON, K. S.; SPARROWE, R. T. **Hospitalidade: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Thomson, 2003.

CORREIO DA MANHÃ. **Manaus não perdeu a classe**. Rio de Janeiro, 1970. Edição 23604.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=24603&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso em **9 de junho de 2018**.

_____. **Turismo e Negócios**. Rio de Janeiro, 1971. Edição 23898.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=24603&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso em 9 de junho de 2018.

_____. **Roda Mundo: 1ª classe**. Rio de Janeiro, 1971. Edição 24067.

Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=24603&url=http://memoria.bn.br/docreader#> Acesso em 9 de junho de 2018.

COSTA NOVO, C. B. M. **Turismo de Base Comunitária na Região Metropolitana de Manaus (AM)**. In: COSTA NOVO, C. B. M.; CRUZ, J. G. (Org.). Turismo Comunitário: Reflexões no contexto Amazônico. Manaus: Edua, 2014.

COSTA NOVO, Cristiane B. M; SILVA, Glaubécia T. **Planejamento e Organização do Turismo**. Manaus, 2010. Disponível em:

<http://redeetec.mec.gov.br/images/stories/pdf/eixo_hosp_lazer/061112_planej_org_tur.pdf> Acesso em: 9 de junho de 2018.

Dicionário Online Priberam. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/navio>> Acesso em: 8 de agosto de 2018.

Dicionário Online Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/navio/> Acesso em: 8 de agosto de 2018.

DUARTE, Durango. **Manaus entre o passado e o presente, volume 1**. Manaus: Editora Média Comm, 2009.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Shröter, tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Escritos e ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública**. Tradução João Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difusão Editorial, 1992.

FERREIRA, Ana L. **Espaço e lugar: uma análise fenomenológica da percepção dos moradores de Janauari frente à dinâmica do turismo.** Manaus, 2013. Disponível em: < <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2785/4/ana%20lidia.pdf>> Acesso em: 4 de junho de 2018.

GAIATANO, Antonaccio. **Turismo: análise, críticas e sugestões.** Manaus: Imprensa Oficial, 1998.

GODELIER, Maurice. **O enigma do dom.** Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOHR, Cláudia F.; SANTOS, Luciano C.; VEIGA, Mariana F. **A informação como um elemento chave para a qualidade do produto turístico: uma análise dos postos de informações turísticas do município de Florianópolis/SC.** Perspectivas em Ciência da Informação, v. 14, n.2, Santa Catarina, 2009. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a12.pdf>> Acesso em: 9 de junho de 2018.

GONÇALVES, Alana M. A.; OLIVEIRA, Maria D. G.; SOUZA, Joicyellen S. S. **A teoria do lazer de Norbert Elias: primeiras aproximações.** In: XII Simpósio Internacional Processo Civilizador, Civilização e Contemporaneidade. Recife, 2009.

GOTMAN, Anne. **O comércio da hospitalidade é possível?** Tradução de Luiz Octávio de Lima Camargo. In: Revista Hospitalidade. São Paulo, v. VI, n.2, p. 3-27, jun-dez 2009.

_____. **Uma estação sagrada da vida social.** In: O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Sob a direção de Alain Montandon; tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

Governo do Estado do Amazonas. **Perfil da Região Metropolitana de Manaus – 2015.** Disponível em: < <http://www.seplancti.am.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Perfil-da-Regiao-Metropolitana-da-Manaus.pdf>> Acesso em 4 de junho de 2018

GRASSI, M. **Transpor a soleira.** In: MONTANDON, A. **O Livro da Hospitalidade: a acolhida do estrangeiro na história e nas culturas.** São Paulo: Senac, 2011, p. 45.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Turismo e etnicidade.** Horizontes Antropológicos, v. 9, n. 20. Porto Alegre, 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832003000200008>
Acesso em: 14 de junho de 2018.

G1. Hospitalidade do Brasil é item mais bem avaliado por turistas em pesquisa. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/11/hospitalidade-do-brasil-e-item-mais-bem-avaliado-por-turistas-em-pesquisa1.html>> Acesso em: 3 de junho de 2018.

INFRAERO. Aeroporto Internacional Eduardo Gomes. Disponível em: <<http://www4.infraero.gov.br>> Acesso em: 5 de junho de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cadastro de Municípios localizados na Amazônia Legal. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/amazonialegal.shtm?c=2>>
Acesso em: 4 de maio de 2018

INSTITUTO DURANGO DUARTE. Foto Januarilandia. Disponível em: <<http://idd.org.br/acervo/januarilandia/>> Acesso em: 9 de junho de 2018.

INSTITUTO NET CLARO EMBRATEL. Pé-de-pincha. Disponível em: <<https://www.institunetclaroembratel.org.br/cidadania/nossos-projetos/pe-de-pincha/>> Acesso em: 8 de junho de 2018.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Quem somos. Brasil, 2018. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/quem-somos>> Acesso em: 14 de maio de 2018.

LANDINI, Tatiana S. A Sociologia processual de Norbert Elias. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, 2005.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra Imagem, 2009.

MATOS, Gláucio C. G. Ethos e figurações na hinterlândia amazônica. Manaus: Editora Valer/Fapeam, 2015.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. Volume II. São Paulo, Edusp, p. 34 – 184

MELLO, Alexandre Awi. **Qué dice la Biblia sobre la homosexualidad?** Teologia y vida, v.42, n.4. Santiago, 2001. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0049-34492001000400001> Acesso em: 10 de junho de 2018.

MINAYO, Maria C. S. **Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta.** In: MINAYO, Maria C. S. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Proecotur inaugura centros de atendimento no Amazonas.** Disponível em: <http://www.mma.gov.br/informma/item/2056-proecotur-inaugura-centros-de-atendimento-no-amazonas> Acesso em: 4 de junho de 2018.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Anuário Estatístico de Turismo 2015.** Disponível em: < <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>> Acesso em: 10 de junho de 2018.

_____. **Glossário do Turismo.** Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/glossário-do-turismo/67-outros/glossário-do-turismo/901-t.html>> Acesso em: 9 de junho de 2018.

_____. **Plano Nacional de Turismo 2018-2022.** Brasil, 2015. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/images/mtur-pnt-web2.pdf>> Acesso em: 14 de maio de 2018.

_____. **Turismo rural: orientações básicas.** Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Rural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf> Acesso em: 14 de maio de 2018.

MONTANDON, Alain. **O estudo da hospitalidade.** In: O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Sob a direção de Alain Montandon; tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011.

MOREIRA, Valdenir F. M. **A práxis ambiental na escola rural Professora Francisca Góes dos Santos, Careiro da Várzea, Amazonas, Brasil.** Manaus, 2017. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/browse?type=author&value=Moreira%2C+Valdenir+Fábio+de+Moraes>> Acesso em: 6 de junho de 2018.

NAVIOS E PORTOS. **SNAPP/ENASA**. Disponível em:
<<http://www.navioseportos.com.br/web/index.php/empresas/85-interior/318-snapp-enasa>> Acesso em: 9 de junho de 2018.

Novo Dicionário Eletrônico Aurélio. Versão 1.0. 4ª edição, 2008

PINTO, Paulo Moreira. **Ecoturismo na fronteira pan-amazônica: possibilidades de gestão local em áreas protegidas do Brasil, Colômbia e Peru**. Revista Brasileira de Ecoturismo, v.9, n.6. São Paulo, 2017. Disponível em:
<www.sbecotur.org.br/rbecotur/seer/index.php/ecoturismo/article/download/.../969>
Acesso em: 3 de junho de 2018

PORTOGENTE. **Tipos de navios, suas classificações e terminologias**. Disponível em: <<https://portogente.com.br/portopedia/92847-tipos-de-navios-e-sua-classificacoes-e-terminologias>> Acesso em: 9 de junho de 2018.

PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS. **Noções básicas do turismo**. Disponível em:
<http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/documentos/pdf/11_11_2009_12.49.07.432d004c9d8ab2ee89f865e5710b8bd7.pdf> Acesso em: 9 de junho de 2018.

PULSO CONSULTORIA. **Mas afinal, o que é um case?** Disponível em:
<<https://www.pulsoconsultoria.com.br/cases>> Acesso em: 13 de agosto de 2018.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. **A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita**. Brasília: Senado Federal, 2005 Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1112/000746688.pdf>>
Acesso em 2 de maio de 2018.

RIX, Carlos. **Vasco Vasques: história de Manaus**. 2015. (9m41s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=xA0t5SOVAy8>> Acesso em 9 de junho de 2018.

RUSCHMANN, Doris; SOLHA, Karina T. **Planejamento Turístico**. São Paulo: Editora Manole, 2006.

SANSOLO, D. G; BURSZTYN, I. **Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço no espaço rural**. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (Org.). Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra Imagem, 2009.

SILVA, Josiani N. **Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro (AM): uma reflexão sob o viés da teoria Eliasiana**. Defesa pública de dissertação realizada em 5 de julho de 2018.

SILVA, Osiris M. Araújo da Silva. **Pan- Amazônia: cooperação e integração para o desenvolvimento**. In: SILVA, Osiris M. Araújo da Silva; HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. (Org.). Pan-Amazônia: visão histórica, perspectivas de integração e crescimento. Manaus: FIEAM, 2015.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. In: The Sociology of Georg Simmel. Illinois: The University of Chicago Press, 1902.

SOGAYAR, Roberta Leme; REJOWSKI, Mirian. **Ensino Superior em Turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão**. Disponível em: <www.univali.br/revistaturismo> (Vol.13 – no 3 – p.282-298/set-dez 2011) Acesso em 8 de agosto de 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS NÚCLEO DE SOCIOECONOMIA. **Apresentação**. Manaus, 2018. Disponível em: <<http://www.nusec.ufam.edu.br/quem-somos/apresentacao>> Acesso em: 14 de maio de 2018.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. **Glossary of tourism terms**. United Nations, 2008. Disponível em: <<http://statistics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryterms.pdf>> Acesso em: 14 de maio de 2018.

_____. **International Recommendations for Tourism Statistics 2008**. New York, 2010. Disponível em: <https://unstats.un.org/unsd/publication/Seriesm/SeriesM_83rev1e.pdf#page=12> Acesso em: 8 de junho de 2018.

_____. **Who we are**. United Nations, 2008. Disponível em: <<http://www2.unwto.org/content/who-we-are-0>> Acesso em: 8 de junho de 2018.

WWF. **About us**. Disponível em: <<https://www.worldwildlife.org>> Acesso em: 5 de junho de 2018.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2015.

APÊNDICE A – Transcrição da entrevista de M.J.

FICHA TÉCNICA

Tipo de entrevista: temática.

Entrevistadora: Tathiana de Alcantara Macedo Daou.

Levantamento de dados: Tathiana de Alcantara Macedo Daou.

Pesquisa e elaboração do roteiro: Tathiana de Alcantara Macedo Daou.

Gravação: Tathiana de Alcantara Macedo Daou.

Local: Fazenda PEC, Costa da Terra Nova, Careiro da Várzea – AM.

Data: 14/05/2018.

Duração: 1:56:43.

Instrumento: App Gravador do iphone 6.

Páginas: 22.

Entrevista realizada no contexto da pesquisa "REFLEXÕES ACERCA DA HOSPITALIDADE NO CAMINHAR PARA O TURISMO A PARTIR DE UM EMPREENDIMENTO NO MÉDIO AMAZONAS", desenvolvida entre 2016 e 2018 e coordenada pelo Prof. Doutor Evandro de Moraes Ramos.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

M.J. (M): ... “ou *pra* vir aqui de novo só que a gente vai trazer mais... aí a gente vem aqui *pra* dormir aqui mesmo”. Porque eles vieram e voltaram no mesmo dia, almoçaram e aí quando deu quatro horas eles foram embora.

Tathiana (T): Vou ficar mais perto da senhora, deixa eu, vou colocar *pra* gravar aqui. Dona M.J. agora que eu vou lhe perguntar, e dona M.J., a senhora acha assim que o que falta mesmo para dar certo é a divulgação e essas parcerias?

M: É a divulgação, é, aqui é a divulgação, eu tenho que fazer, porque o pessoal gosta quando eles vêm, eles gostam. Falta é a divulgação e a parceria. Espero que agora dê tudo certo, eles vieram ali, olharam, bateram foto, pelo menos agora eles já conhecem outras áreas porque eles levam o pessoal.

T: Dona M.J., aqui no Careiro tem algum lugar, hoje, funcionando? De turismo? Ou só aqui?

M: Só aqui.

T: Não tem ninguém mais que queira? Mas já teve aquele flutuante que a senhora me falou?

M: É, teve já.

T: Mas faz tempo?

M: Mas faz tempo é.

T: Quantos anos, a senhora lembra?

M: Uns quatro anos.

T: E era só restaurante? Não tinha nada pra dormir?

M: Só o restaurante. Nada pra dormir. Só era o restaurante e eles conheciam a comunidade lá em cima, e também tinha uma casa da comunidade, um barracão, que eles vendiam artesanato.

T: Era aqui mesmo?

M: Lá em cima.

T: E tinha alguém que vinha ao encontro das águas? E que já ficava? Ou não tinha essa parceria?

M: Não, tinha uma parceria do hotel, eles traziam os turistas direto nos barcos.

T: Porque ele saiu daqui?

M: Não sei, ele tem um outro canto aí *pra* cima só que eu não sei, mas esqueci o nome, ele quis deixar só lá.

T: E dona M.J., eu estava pensando, aqui é tão perto de Manaus, tem tanto potencial, e parece que é um lugar que ninguém conhece, tem lugar mais distante que todo mundo conhece, e eu pensando porque o turismo não acontece, mas depois pensando no que a senhora já tinha me falado eu lembrei que já existiu turismo aqui antigamente porque a senhora disse que vinham pessoas aqui para se hospedar naquela casa, então por que será que não continuou, dona M.J.?

M: Não continuou por que eles vieram, dono de hotel veio fazer parceria comigo aqui, aí como eu antes eu trabalhava mais com a pecuária, o turismo aqui eles vinham só pra visitar mas não era assim o meu foco, tá entendendo, eles vinham pra visitar, conhecer, entravam aí em casa, pra tirar foto da vitória-régia, *né*, aí tiravam foto aí em casa, entravam, tudinho, deitavam na rede, aí pegavam as frutas, *né*, vinham pra tirar foto, então foi visitar, só que eu não ..., não tive aquele pulso porque ali já era pra ter começado porque o dono de um hotel aí de Manaus já tinha deixado até um cartão, eu perdi, ele veio pra fazer parceria comigo, o dono do hotel mesmo de turismo.

T: Olha só e faz quanto tempo isso, dona M.J.?

M: Já *tá* com uns 6 anos mais ou menos que ele veio aqui.

T: Aí na época a senhora estava mais focada na pecuária?

M: 6 a 7 anos. É, mais focada na pecuária.

T: Por que é o que dá o sustento mesmo da senhora?

M: É, porque como a gente tinha vários terrenos em vários locais, aí eu não tinha tempo pra cá, pra cuidar da área de turismo porque ele queria fazer comigo parceria assim: ele trazia direto os turistas, aí ele queria que eu montasse um restaurante, *né?* Que oferecesse um café da manhã, o almoço e a hospedagem, aí ele foi lá dentro na casa grande e gostou, aí queria que eu fizesse lá, organizasse ela, reformasse, montasse os quartos, tudinho, entendeu?

T: Mas ele não queria te ajudar não?

M: Não, ele me ajudava a fazer uma parceria.

T: Ele ia entrar com investimento também?

M: Ele ia entrar com investimento. Ou eu fazia junto com ele, meio a meio, ou então ele me ajudava assim da seguinte forma: me repassava o dinheiro *pra mim* organizar as coisas, aí ele trazia os turistas e eu ia descontando.

T: Ah entendi.

M: Só que aí eu tive medo porque sempre a gente tem aquele pé atrás por causa da terra, *né?* Porque eu não conhecia, eu não sabia quem era, como os turistas vinham pra cá e falavam que eu recebia eles muito bem, né, aí ele veio até aqui, levavam foto, aí ele veio, só que eu fiquei com medo, eu não tinha ainda essa ideia que eu *tô* tendo agora, entendeu? De pegar, conversar, e aí eu peguei e conversei com o M.C. pra gente conversar, o que que ele achava, *né*, que o homem vinha e eu esperava por ele ainda, você tá entendendo, aí o homem marcou, veio e aí ele não veio, eu estava em outro terreno que fica *no* Autazes, *né*, aí ele marcou outro dia e veio, quando chegou na hora ele ficou com medo, não compareceu com o homem. Então eu só podia, eu via assim dessa forma, que a gente tinha que combinar os dois, você tá entendendo, aí ele não, ele não vinha, aí também não falei mais, eu parei, entendeu? Mas, olha, eu acho que eu vi lá no Ceasa era o rapaz desse hotel porque ele me conheceu, tinha um monte de turista descendo e ele, aí ele foi e bateu no meu braço, a senhora é lá *do* Terra Nova *né?* Aí eu disse: sou. E aí? A senhora já organizou lá sua área pra gente ir pra lá. Aí eu disse: ainda não, mas eu disse: vou organizar. Olha, qualquer coisa quando a senhora organizar avise a gente, tá bom? Aí ao invés de pegar o cartão dele, e ele com um monte de turista, eu nem..., mas se Deus tem a hora, *né*, o dia e a hora, vai fazer eu encontrar de novo, e aí agora quando a gente se encontrar eu já..., então é isso, mas agora não, agora eu tenho mesmo, esse sonho é de muitos

anos, então agora eu quero realizar, né? Eu quero realizar esse sonho se Deus quiser, vou realizar e aí... botar pra frente.

T: E dona M.J., quando que a senhora acha que deu aquele estalo assim que a senhora falou “agora eu quero fazer turismo aqui”.

M: Foi ano passado.

T: Mas foi por algum motivo específico?

M: Não. Porque sempre eu quis, né? Sempre. Quando a gente tinha muito gado, muito gado mesmo, eu pedia “vende aí 30 res aí e me dá o dinheiro que eu quero montar minha área de turismo e ele nunca quis, nunca ele quis, ele dizia “eu não vou jogar meu dinheiro fora *pra nada*”, aí eu “tá bom, um dia eu coloco só eu mesmo” e o pior que agora eu encontrei a parceria, ah! Vou pegar o papel, tá bom? Pra ti.

T: Ah tá, tá bom.

M: Olha só a empresa deles é essa aqui.

T: Ele veio aqui com a senhora?

M: Veio aqui, aí ele gostou, ele só *tá*, aí devido esse meu problema que eu tive, *né*, aí eu pedi dele um tempo, deles, *né*?

T: Mas na verdade ele quer *pra* fazer viveiro, *né*?

M: *Pra* fazer viveiro, pescaria e a área de turismo, *tá* aqui, olha, olha só a área de turismo, *tá* aqui tudinho o que ia ser feito aqui, o que ia ser implantado, *tá* aqui, olha, e os viveiros tudinho que a gente tem pra gente colocar os peixes, aí como ia ser, *tá* aí a empresa, o contrato que eles fizeram, por 20 anos, eu ia fazer gagazinha, entendeu? 20 anos.

(...) trecho omitido por conter informações sobre a empresa.

M: Ele disse que aqui estou com a faca e o queijo na mão.

T: E faz quanto tempo que ele veio?

M: Ele veio aqui em novembro, depois em dezembro. Ele veio em dezembro, conversou, aí eu falei o que eu queria fazer, aí ele disse o que está faltando, você tem tudo, só que ele fala espanhol. Aí eu disse tá faltando que tem que ter parcerias porque se não tiver, aí ele foi embora, e quando ele voltou outra vez ele perguntou o que eu queria, qual era a parceria que eu queria, né? Como é que era? Aí ele perguntou se era dinheiro que estava faltando, aí é dinheiro, né? Lógico. Aí ele foi e quando... aí eles entregaram esse documento aí, tudinho, aí foi quando eu pedi deles um tempo porque eu estava com esse problema e aí não dava pra eu fazer nada agora, e isso é um investimento muito alto

(...) trecho omitido.

M: Então o investimento era de 2 milhões aqui. Todo o investimento dos viveiros, tudo, frigorífico e área de turismo.

(...) trecho omitido.

M: Tudo o que a gente produzisse aqui ia ser vendido lá e os turistas vinham diretamente porque ele é de lá, tá entendendo?

T: Entendi.

M: E os outros, ele é sócio com esses outros aí, então eles iam trazer diretamente, né? Porque ele já tinha feito a divulgação daqui, ele fez a divulgação daqui da casa, de todas as coisas, eles ficaram doidos.

T: Mas aí ele vai fazer uma coisa nova aqui pelo visto, né?

M: Humrum. Então isso tudo aí é uma coisa que o pessoal acha que eu ainda não tive proposta, mas olha você está vendo aí nas suas mãos, não é? Só que eu não tinha cabeça ainda pra fazer nada nesse período porque eu estava com esse problema (...)

T: A senhora vai ter 40%?

M: Na área de turismo, né? E 30 na outra.

T: No frigorífico.

M: No frigorífico. Nos viveiros.

(...) trecho omitido.

M: Aí foi quando eu disse, eu fui assim, fui clara pra eles, a gente tem a couve plantada, eu tenho um contrato e eu tenho que honrar o meu contrato, apesar que meu contrato não foi no papel com eles lá, mas foi frente a frente com eles lá, tá entendendo?

(...)

M: O M.C. ficou assim meio chateado comigo “poxa, *tu perdeu*”, eu disse M.C. pelo amor de Deus, bota a cabeça no lugar, M.C., isso aqui é tudo nosso, M.C., é nossa terra, é de onde a gente tira nosso ganha-pão, é da onde a gente tem nosso investimentozinho, é pouco, mas a gente tem, é nosso, né? Que nem eu falei, pensa, *tu pensa*, não é assim não, eu digo as máquinas vão chegar, vão acabar com os couves *todinho*, que que nós *ia comer*, o que que nós *ia beber*, que que nós *ia fazer*, mandar os meninos embora que estavam com a gente, acabou e pronto, vão embora. Não é bem assim não, não é não? Aí eu falei pra ele: não é bem assim não, aí às vezes ele briga comigo “ah, mas porque *tu jogou* tudo em cima da couve, da couve” eu digo: M.C., a couve e o terreno porque *tu sabe*, parece assim que ele acha que eu

tô errada, você tá entendendo, Tathi, ele acha que eu tô errada, ele queria que eu aceitasse. Por ele eu tinha aceitado na hora, tu tá entendendo, aí eu não, Tathi, me deu um negócio.

(...)

M: Eu quero encontrar um parceiro, Tathi, assim que eu fique aqui no que é meu, toque pra frente e ele também queira tocar pra frente comigo, mas a terra ali fica intocada, tu tá entendendo? Intocável ali. Porque Deus defenda, Ave Maria, fazer que nem o outro eu todo mundo gosta de dinheiro, né, Tathi? Quer ter seu dinheirinho pra manter suas coisas, comprar, mas não a qualquer custo não, Tathi, né? Apesar de, Deus me defenda, eu penso assim, eu penso assim, o M.N. também pensou igual comigo, a M. também, né? Ai o M.C. não (risos). O M.C. não, só veve me cutucando, “a culpa foi tua de não ter aceitado logo”.

(...)

M: Tá certo que é meu sonho, mas também não é bem assim não, eu não posso sonhar e entregar tudo de bandeja não, não é não, Tathi? Às vezes os sonhos da gente tem que ser tudo tem a hora não é não? Tudo tem a hora, tudo tem seu dia, tudo tem seu tempo, não é não?

T: E assim, dona M.J., eles... a senhora pensa no sonho desse jeito assim, uma coisa bem luxuosa ou a senhora quer manter essa atmosfera mais rural?

M: Não, eu quero manter assim, é, rural e conforme eu ir melhorando as coisas, eu vou organizando, tu tá entendendo? É isso que eu queria fazer, né? Piscina é lógico que a gente tem que ter, isso aí todo tempo eu já falei, né? Porque tem que ter uma piscina, tem que ter porque olha quando o dono do hotel de lá veio aqui comigo querendo fazer parceria ele falou que tudo ia ter que ser feito lá atrás, entendeu? As coisas tudo lá, o hotel de selva, né? Ele falou aqui nessa casa a senhora manda reformar que aqui vai ser o hotel de selva, aí o restaurante a senhora monta um lá e outro aqui na frente, ele falou, dois restaurantes, ia ser um lá como o pessoal viesse pra dormir, lá nos hotéis lá já tinham um *restaurantezinho* lá e quando outros viessem só pra passar o dia, já tinha que ter aqui na frente, tá entendendo? E ele falou também que tinha que ter as, como é meu Deus, as, os, é, as casinhas que eles dão outro nome?

T: Cabana? Bangalô?

M: *Quitinetezinho*! Separado ele disse. “Tem que ter, dona M.J., *quitinetizinha* porque vem casal, às vezes quer vir casal, quer ficar só eles no cantinho deles, na hora que

eles forem almoçar ou jantar ou tomar o café da manhã eles seguem para o restaurante, mas lá eles ficam lá a vontade”. Então isso aí ele me pediu que eu fizesse tudo isso, mas ele disse “dona M.J., isso aí a senhora vai fazendo conforme vai entrando o capital, a senhora vai organizando” ele disse “ pra senhora organizar aqui, dona M.J., a senhora só precisa iniciar com quatro *quitinetezinhas*, com quatro quitinetes e uma casa maior, ele falou, pronto é o suficiente, então isso aí que eles queriam montar aqui, isso aí é só pra luxo mesmo, né?

T: É assim, pra mim, né? Minha opinião, mas não sei, até destoa um pouco da Amazônia, né? É uma coisa tipo mais praiana, mas tipo de Caribe, uma coisa assim.

M: É um hotel quatro estrelas, *tá* aí, já viu, essa parte?

T: É, vi.

M: É quatro estrelas.

T: Aí eles vão ter uma senhora de uma estrutura de..., assim pra manter, e a senhora que vai gerenciar?

M: Era. Era eu que ia gerenciar.

T: Mas eles vão colocar a equipe deles?

M: Eu ia gerenciar tudo, só que era assim, eu não ia, por exemplo, pra construir tudo isso aí, eu não ia trabalhar em nada, só ia ficar olhando.

T: Entendi.

M: Entendeu como é que é? *O pessoal vinham* pra fazer tudo.

T: Aí quando começar a operar? A senhora vai ser a gerente do hotel?

M: Do hotel é.

T: Mas ele vai colocar os funcionários dele? Ou a senhora vai poder escolher os funcionários?

M: Não, eles escolhiam os deles e eu os meus, tu *tá* entendendo? Eram as duas partes juntos.

T: Entendi.

M: Entendeu?

T: Mas eles vão dar *pitaco* no hotel ou não?

M: É, é assim, os preços, essas coisas, tudo eles iam..., é, a gente ia conversar junto. Ele disse “depois disso a gente ia sentar pra conversar junto” agora eu não ia tocar em nada, ter trabalho com nada pra fazer, eu não ia ter trabalho pra *tá* na cozinha, tu *tá* entendendo? Porque tudo ia ter a equipe pra limpeza daqui mesmo e da comunidade eu podia colocar alguém, quem eu quisesse assim, aquele tanto de

pessoa, *né*, assim vou precisar de tanto daqui e eles iam trazer o tanto deles de lá, é talvez era cozinheiro mais, pessoas assim... mais adequadas, *né*? Pra estar ali organizando as coisas, eu ia ser como a gerente, *tá* entendendo?

T: Eles deveriam fazer..., eu acho que deveria ser assim, eles traziam pessoas pra treinar, mas a senhora poderia contratar só da comunidade porque assim não adianta nada ter um megaempreendimento na comunidade e a comunidade não poder trabalhar aqui, não gerar emprego pra comunidade.

M: Mas eles iam fazer isso porque ela já tinha me dito “M.J., vai gerar muito emprego, M.J.” aí ela disse “*tu conhece* pessoas lá” aí eu disse: conheço sim, tem pessoas que gostam de trabalhar, aí eu disse pra ela tem minha sobrinha que ela sabe inglês. Aí ela disse “então, M.J., essas pessoas aí você já tem que” ela disse “tudo vai ser um preparo, todos eles vão ter o treinamento, tudo”. Eles iam trazer alguém de lá, mas era que nem ele falou era um tio dela ou era dois por causa da área do peixe porque ele é engenheiro não sei de que lá.

T: Deve ser de pesca.

M: De pesca é. Então ela disse que ele ia ter que estar aqui, ela ia trazer ele, então essas duas casas *era* pra eles. Quando ela viesse pra cá com o marido dela que é o espanhol *né*? Pra ela ia ter Spa, *né*? Ia ter que as casas para receber os médicos pra fazer esses negócios de massagem, então ia ter que ter as casas *pro* pessoal, *pra* receber, fora a minha porque eles conversaram ” M.J., a tua casa vai ser a tua, não pode misturar as tuas coisas com o deles, o que vai ter é tudo *ajeitado*”.

T: Entendi.

M: Só que aqui eles colocaram as coisas que eu acho que eles, talvez eu acho que foram eles mesmos que fizeram.

(...)

M: Depois que pega o conhecimento, essas coisas, aí eu vou organizando de pouco em pouco, e vamos vendo o que vai ser, *né*? Eu sei que eles saíram bem animados e eles perguntaram “dona M.J., a senhora já recebeu proposta depois desse seu vídeo” eu disse que antes eu já recebia, antes do vídeo, aí eu *amostrei* pra eles, *né*? Eles disseram “dona M.J., isso aqui é uma coisa muito grande” E o advogado me disse “isso só está favorável pra eles pra senhora não”. Ele falou pra mim. E eu pensei então pronto, *bora* dar um tempo, deixar passar.

T: E ver, *né*? Se eles voltarem a lhe procurar...

(...)

M: Tudo deles é *pra* exportação, né? Mas aí eles tinham outros planos, ele disse “M.J., como você trabalha na verdura, vai..., vocês vão trabalhar, a gente vai dar assistência, é, as sementes, aí *vocês produz* e a gente compra de vocês *pra* exportar.

T: Entendi.

M: Que é pimentão, ele falou muito em pimentão amarelo, não tem esse pimentão amarelo? Aí ele falou também aquela couve-flor, *né? Brócolis*, sei lá.

T: Brócolis.

M: Isso, ele falou muito nisso e tomate também e abacate. *Pra* exportação, *tá* entendendo? Tudo era *pra* exportar, *tá* entendendo? Tudo o que *nós produzisse* aqui, eles iam comprar da gente *pra eles exportar*. Até a couve, ela já tinha arrumado um contrato *pra* mim, então assim, é só nesse documento aí que talvez eles não tenham sentado com um advogado para conversar, *pra*, porque nisso aí eles erraram porque o que era *pra* eles ter feito “dona M.J., vamos conversar, vamos *se sentar*, eu, a senhora, o sr. M.C. e o seu advogado e o meu” isso aí que eles erraram, entendeu? Mas as outras coisas que eles queriam fazer, então tudo ia render lucro porque que nem diz ele “M.J., os plantios de vocês, as coisas, só falta vocês trabalharem certinhos nas coisas, não *pra* vender aqui, porque ele disse “vocês vendem a preço de banana”, *pra* exportar ele falou “tomate”, ele falou, pimentão amarelo, essa couve que eles falaram que iam ver a maneira que iam fazer porque tem umas sacolinhas térmicas próprias que vende congelado, então só foi nisso aqui que eles...

T: E dona M.J., eles lhe falaram de prospecção de lucro? Eles lhe mostraram assim “o peixe vai render tanto, o turismo vai render tanto, a senhora vai ter mais ou menos isso”. Eles falaram?

M: Não. Eles nem fizeram um estudo, eu acho.

(...)

T: E o M.N. gostou da ideia? O M.N. e a S.N.?

M: Não. Quando ele viu, eu *amostrei* e disse: *taí*, M.N. porque eu não gosto de fazer assim nada sozinha, sempre eu fiz assim, sempre, minhas coisas foi sempre assim, conversado com ele, com a M.

T: E a M. gostou?

M: A M. também não, quando ela viu: aí, mãe, não, pelo amor de Deus, mamãe, a senhora *tá*, é o terreno, é a sua terra, é onde vocês moram, mamãe. Logo ela falou “a senhora presta bem atenção no que a senhora está fazendo, mãe” Aí eu disse: não, eu só to *amostrando* *pra* vocês porque é meu dever, né? Aí eu peguei e falei. Aí ela

disse: do jeito que *tá* aqui não, mas se eles mudarem pro jeito que a senhora quer, tudo bem, mas do jeito que está aí não, ela falou. Aí eu pedi um tempo e eles estão tocando as coisas deles porque eles tem como ele me falou “a gente, M.J.,” ele disse “eu queria te ajudar, como isso é teu sonho, M.J., de tocar aquilo ali pra frente, a tua área de turismo, eu queria te ajudar porque a gente não precisa disso, *nós tem a nossas empresas*” Porque eles tem várias empresas aí *como tu viu*.

(...)

T: Mas, dona M.J., a senhora se vê no futuro com o turismo bem estruturado?

M: Eu me vejo com isso.

T: Mas a senhora quer continuar com a pecuária e com a plantação?

M: Eu quero continuar com a pecuária, a plantação e o turismo. Eu quero as três coisas interligadas porque é isso que dá pra como ele chegarem aqui eles verem a nossa realidade porque você tem que mostrar o que você é e não mostrar aparência que você não é, *tá* entendendo? Eu vejo esse lado assim, eu falei já *pros* meninos, *pro* pessoal daqui, olha gente se um dia Deus me abençoar, eu tocar essa área de turismo pra frente, vocês vão me ver sempre assim, sempre M.J. conversando, sempre M.J. com o pezão no chão mesmo, de bota (risos) no meio de todo mundo, então é isso que eu quero, *tá* entendendo? Eu não quero mudar e eu quero, se Deus me abençoar que eu acho que ele vai, tenho grande fé em Deus que eu quero tocar isso aqui pra frente e eu não quero é parar naquele pouquinho, eu quero crescer, *tá* entendendo? E colocar o pessoal da comunidade pra trabalhar ao meu lado, pessoas de confiança, mas pessoas de confiança, *tá* entendendo? Uma coisa que sempre eu falo, quando eu for mesmo, tocar isso aqui pra frente, eu tenho que ter pessoas de confiança porque não adianta eu dar emprego *pra* fulano e ciclano e eu não ter aquela confiança e você sabe que você trabalhando com pessoas, você tem que ter pessoas ao seu lado de confiança, não é verdade? De confiança mesmo. Então é uma coisa que eu pretendo organizar isso aqui no futuro, que nem eu falei: pode não ser esse ano, pode não ser esse outro ano, mas eu tenho esperança que vai ser tudo feito e organizado, mas vai ser, eu colocar pessoas aqui da comunidade pra trabalhar, pode ser de outros cantos, pode ser ali do outro lado do Careiro, pode ser, também vou precisar de uns cozinheiros bons também, profissional também, né? Então tudo isso a gente tem que ir...

T: Balanceando.

M: Balanceando, tá entendendo como é que é? E pro futuro se Deus quiser dar trabalho pra esse povo e a verdura continuar, ter a verdura, a horta *pra...* e a pecuária. Eu não quero largar a pecuária de jeito nenhum porque tudo o que eu construí, graças a Deus, foi com a pecuária, tá entendendo? Tudo.

T: E isso que eu ia lhe perguntar, dona M.J., a senhora vive aqui desde que nasceu?

M: Não, eu *tô* aqui há 31 anos, completou agora em abril.

T: Entendi. Aqui nessa terra?

M: Aqui, aqui mesmo.

T: Entendi, mas era dos seus pais antes?

M: Não, não, ele trabalhava empregado.

T: Daquele senhor que faleceu que a senhora falou?

M: Isso é.

T: Ele deu? Foi herança, dona M.J.?

M: Eles andaram, vieram aqui os filhos dele, pediram que a gente tocasse a nossa vida pra frente, podia fazer o que quisesse aqui, aí eu falei que eu estava entrando com a área de turismo e aí apresentei tudinho, aí ele disse “dona M.J., pode tocar o que *tu quiser* aqui que é de vocês, M.J., aqui é intocável”.

T: Legal, dona M.J.

M: Então isso aqui é uma coisa que eu não vejo assim só ficar em verdura, tá entendendo?

T: *Tô*, a senhora quer fazer outras coisas, diversificar.

M: Outras coisas. Coisas que o pessoal daqui há anos e anos não conseguiram, *né?*

T: E antes da senhora vir, há 30 anos, quem tocava aqui?

M: Era outro pessoal.

T: E eles nunca pensaram em fazer?

M: Não, nunca. Nunca pensaram. Nunca pensaram em nada assim, tu tá entendendo? Nada não, nunca. Aí o que que eu, a gente fez, ele trabalhava como funcionário, e eu na agricultura, iniciei meu trabalho na agricultura, aí *iniciemo* na pecuária comprar 1, 2, 3 bois. Aí fomos iniciando, aí eu já fiz a primeira casa, eu arranquei que era de dois pisos, *dois andar*, aí tinha a outra aqui que era de alvenaria, eu mandei arrancar também pra fazer essa e assim eu *tô* tocando.

T: Legal. Dona M.J., a pecuária tem quanto tempo já?

M: Há 20 e poucos anos. Eu vou já te contar uma história que você não vai acreditar. *Tu vai* acreditar porque eu *tô* te contando. E porque é verdade, vou te *mostrar* os

álbuns. *Nós tinha* quase 300 reses, *nós tinha* quatro terrenos, fora esse daqui, daí eu peguei AVC *tá* com cinco anos.

T: É, dona M.J.? Meu Deus.

M: Paralisou esse lado aqui todinho, eu fiquei sem andar, andava carregada.

T: Nossa!

M: Foi. O que que tivemos que fazer? *Nós tinha* balsa, *nós tinha* tudo, por isso que eu te digo, eu não parava aqui pra tocar o turismo.

T: Entendi, a senhora estava em outros lugares?

M: Eu vinha aqui em casa, o máximo que eu passava aqui era cinco dias, entendeu? Aí a gente ia pra outro terreno que tinha lá no Varre Vento, tinha dois em Autazes, três em Autazes e um no Varre Vento, aí aqui quatro. Então a gente não parava, nem eu, nem o M.N., nem a S.N., e nem o M.C., aqui era a M. que morava, ali a casa dela, ela tomava conta da nossa casa, das nossas coisas, mas a gente não, a S.N. já veio parar quando o G.N. começou a estudar, a gente tinha tudo, muito gado, muito leite, muito queijo, era balsa, eu vou te *amostrar* depois as fotos *tudinho*, os terrenos *tudinho*, a gente tinha de um tudo, *tá* entendendo? Foi quando eu peguei o AVC, *tá* com 5 anos, completou agora dia 23/01, 5 anos que eu tive o AVC.

T: A senhora nasceu de novo então?

M: Eu perdi *todinho* esse movimento desse lado aqui todinho, esse aqui eu fiquei com uns 40% só, *né?* Aí eu fui pra Manaus, fiquei 1 mês lá, aí foi a S.N., a M, o G.N., o M.N., aí como nós tinha os outros trabalhos *tudinho*, a balsa, e a gente comprava gado nesse beiradão, desse pessoal todinho, toda a semana a gente colocava 80, 100 reses no matadouro, toda semana, então isso aqui pra mim, eu trabalhava com verdura, ainda tinha mais isso.

T: Mas em outro lugar?

M: Aqui.

T: Aqui.

M: Eu fazia assim, eu trabalhava com eles e eu deixava as pessoas que trabalhavam pra mim cuidando da minha verdura, eu trabalhava com cinco, seis pessoas.

T: A senhora fazia muita coisa.

M: Tudo isso e eu nunca deixei de trabalhar com a verdura, nunca. Eu tinha as coisas tudo, *nós tinha*, mas nunca eu deixei.

T: E a verdura tem quantos anos?

M: A verdura, eu comecei a trabalhar com a verdura com 22 anos, eu já tenho 52, então 30 anos de verdura.

T: E a senhora conhece da terra?

M: Tudo.

T: Gosta?

M: Gosto.

T: É o que a senhora gosta mais?

M: O que eu gosto de fazer é isso, é a pecuária e a verdura. E agora o turismo que eu quero.

T: E depois do AVC a senhora acha que resolveu se aquietar mais?

M: Quando tive o AVC, foi que o médico pediu que eu não podia mais sair de casa que aí eu comecei a fazer o tratamento sem o movimento das pernas, me mandaram pra casa assim mesmo, do hospital, mandaram pra casa, aí eu fui, aí como eu tinha muito conhecimento e tenho até hoje, graças a Deus, aí eu liguei *pra* uma doutora, era até a doutora Leda, Maria Leda, ela é cardiologista, mas eu digo, eu vou ligar pra ela, porque ela tem muito conhecimento, né? E eu sem andar, sem nada, aí liguei *pra* ela, perguntei “quanto *tá* a consulta, doutora?” ela disse “M.J., está 250, *pra* que tu quer?” eu falei “não, vou marcar uma consulta aí com a senhora hoje, que horas a senhora vai estar aí?” ela “M.J., vem 9h, *tá* bom?” aí eu fui, ajeitei tudo, ela não sabia porque eu não falei pra ela, aí eu fui e o pessoal andando comigo, era o B. me levou e a M., aí eu digo “B., eu não quero ir em cadeira de rodas não nem carregada, me afirma” nesse lado não pegava nada, nem nesse, não pegava nada, nada, aí sempre achando graça e conversando, tirava na brincadeira, tu *tá* entendendo? Eu não chorava, nada, nada, nada. No dia que me deu, 7 horas da noite, todo mundo chorou, chorando, chorando e eu ali ó, quando me deu, aí eu senti aquele negócio na minha cabeça assim e na ponta dos pés, aí eu disse “S.N.” ela estava pertinho de mim, aí eu disse “S.N., e tu me segura por trás, não deixa eu cair porque eu *tô* tendo um derrame” parece assim que aquilo já estava me dizendo dentro de mim que era, tu *tá* entendendo? Aí ela só fez me segurar por trás, aí eu fui me ajoelhando, fui perdendo o tato de tudinho, aí eu *esmunhequei*, aí ela gritou, eles vieram, me acudiram, aí eu disse “não deixa eu bater minha cabeça não” porque eu sabia que se eu batesse minha cabeça, eu não ia conseguir, *né*? Aí eles foram, me deitaram, aí eu fiquei, fiquei, aí eu falei “já, agora vocês me *alevantam*” aí me sentei no chão, aí passou um pedaço,

aí eles me *alevantaram* e eu me sentei, *né?* Aí eu pedi, logo fui pedindo os remédios, eu mesmo me consultando.

T: Meu Deus, dona M.J.

M: “S.N., amorna um copo de leite pra mim com duas AS e faz ele meio doce”, aí ela me deu, *né?* Aí tomei duas AS, aí passou um pedaço “S.N., pega meu remédio de pressão e pega duas pílulas pra mim, faz um copo com açúcar bem doce, bem geladinho”. Ela trouxe e eu tomei, aí passou um pedaço, eu disse, S.N., me dá mais dois AS, aí ela me deu, aí eu me sentei. A M. “ai mamãe, *bora pro* médico” e ela chorando e todo mundo chorando e eu “pare de chorar, *não choram não*, isso é assim mesmo, se acalmem que o pior já passou” eu falei, o pior já passou, “que passou nada, mamãe”, eu disse “já passou”, eu disse “vou me *alevantar* e eu vou no banheiro e eu vou tomar um banho, eu não vou *pro* médico antes de tomar um banho”

T: Dona M.J.!

M: Aí “mãe, a senhora ainda pensa em tomar banho?”, eu disse “eu vou tomar banho”, eu me *alevantei*, fui ao banheiro, aí voltei, aí foi que eles “mãe, sente aqui que nós vamos pegar sua roupa, a toalha e a sua roupa”, aí quando foi pra *alevantar*, pra trocar de roupa, aí eu não tinha mais tato, foi.

T: A senhora só foi ao médico no dia seguinte?

M: Não, de noite mesmo. Tô dizendo que a gente tinha tudo. Tudo, tudo, a gente tinha, aí pegaram a lancha que a gente tinha, uma lancha grande, a gente tinha uma lancha grande e uma pequena, aí pegaram e nós fomos embora, cheguei lá e eles disseram “não, pode ir *pra* casa, o pior já passou”, aí me deram um remédio pra dormir, *né?* Tranquilizante, aí fui, no outro dia liguei pra doutora, quando ela me viu, aí ela, sempre a gente brincava, *né?* Aí ela “sua fresca, porque você não me falou que estava desse jeito que eu ia lá onde *tu tava*” aí eu digo “não doutora, eu tô aqui, eu tô agora nas mãos de Deus e nas suas mãos, eu quero voltar a andar” aí ela “M.J., aperta minha mão, com esse lado aqui” eu disse “aí, doutora, com esse aqui, só se a senhora”. Aí eu pegava, *né?* Eu mesmo com esse aqui eu fiquei com um pouco de força, aí eu pegava, eu *alevantava*, eu mexia, *né?* Aí ela “M.J., aperta com esse aqui”, aí eu apertei e ela “é, tá muito pouco. Aí ela me deitou, aí ela me medicou tudinho, aí ela me mandou pra casa, aí todo dia ela mandava a secretária dela ir lá *pra* ver, medir pressão, ver como eu tinha passado a noite, *né?* Aí foi quando era muita coisa só pra ele e o M.N., tá entendendo? E a S.N. não podia mais sair com o G.N. na aula e eu não podia mais cuidar do G.N. também, *né?* Aí a M. trabalhava no Careiro, até hoje,

graças a Deus, trabalha pra lá, *né?* Ela vem final de semana. Aí eu chorava muito porque eles diziam, o M.N. dizia “mãe, nós vamos acabar com tudo, nós vamos vender tudo”, aí eu chorava, chorava, meu Deus do céu, acabar com tudo, vender tudo, digo nós *passemos* muitos anos pra construir aqui, agora acabar, aí ele “mãe, é melhor sua vida, mãe”. Porque eles viajavam e eu me preocupava com temporal, com as coisas, *tá* entendendo? Aí quando chegava em casa, era eu que ia pra calculadora fazer conta, é pagamento do pessoal tudinho, era eu, aí quando ele chegava, eu doente na sombra ainda da cama, eu andava bem pouquinho, *né?* Aí eles me viam daquele jeito e começavam a chorar, aí “mãe, a gente tem que prestar conta hoje, eu “cadê os mapas”, “está aqui, mãe, os mapas, bora, mãe, *pra* cima lá da mesa com a gente, a senhora tem que fazer”, aí eu ia, então aquilo forçava muito minha cabeça, *tá* entendendo? Forçava muito, aí o médico falou que eu não podia mais, *né?* Fazer o que eu fazia antes.

T: Entendi.

M: Aí eu ia assim mesmo, às vezes 1 hora da madrugada a gente terminava tudinho. Era eu, o M.N., a S.N. e a M., e o M.C. ajeitando, organizando os dinheiro porque eu fazia tudinho de um, aí eu falava “olha, tanto, M.N.”, separava o dinheiro, eles iam conferir, aí eu fazia os envelopes e eles colocavam, *né?* Eu colocava o nome de cada pessoa, aí eu tinha que tirar o gasto todinho que tinha tirado, *né?* Gastado, aí fazia o pagamento do pessoal e o lucro que era o da gente, *tá* entendendo? Dali a gente pagava os funcionários que trabalhavam com a gente, a gente trabalhava às vezes com cinco ou seis pessoas, aí tudo ali tinha que tirar de tudo, *né?* Aí então ia sair, então ele chegou comigo e, ele não sabe ler nem escrever ele, *né?* O M.C. não sabe, aí ele falou pra mim “acabou, pra mim, acabou tudo porque você que era a pessoa da frente, você que fazia tudo, você tomava conta, você que organizava todas as coisas”. Eu que fazia as compras, os terrenos tudinho porque cada terreno tinha uma pessoa que tomava conta, *tu tá* entendendo? E ficava o gado, ficava as coisas tudo, *né?* Aí eu ia em Manaus, fazia as compras *pra* cá, aí *pros* terrenos do Varre Vento, do Autaz todinho, aí comida, verdura, tudo, *tu tá* entendendo como é que era? Então, tudo era eu pra tudo. Aí ele “vou vender, vou vender”. E começou a vender, pelo menos é, graças a Deus, eu tinha pra me cuidar, a gente investiu quase 150 mil no meu tratamento, então, uma parte foi gasto comigo e eu falei pra eles que um dia eu ia devolver tudo, *tu tá* entendendo, Tathi? Então é isso que eu quero fazer, devolver o que foi gasto comigo porque foi gasto a balsa, a balsa foi vendida por 120 mil, o

dinheiro da balsa foi gasto todinho comigo, fora o gado. Então é isso que eu falei pra eles “eu prometo pra vocês que nós vamos ter a balsa de novo no porto, gado e os terrenos de volta, *né?*” eu falo pra eles que meus sonhos eu sei que *vai ser realizados*, aí eles foram “mãe, nós vamos acabar, não adianta, mãe, a gente tá com esse monte de coisa e a senhora *tá* no fundo de uma rede”. Aí tá, eu concordei, os terrenos eram tudo no meu nome, eu assinei no cartório quando foi vendido tudo, eu ia lá, eles me levavam assim, eu assinava, então pronto, então é isso.

T: Poxa, dona M.J., que bonita essa história. Uma família muito unida, *né?*

M: Então, *nenhum me abandonaram, né?* Como *tu vê*, olha a casa da S.N. era ali com o M.N., a M. era lá atrás como *tu tá* vendo, mas aí quando eu adoeci, o M.N. veio com a S.N. morar junto com a gente, a M. também, *tu tá* entendendo? Então é uma coisa que eles não me abandonaram, nenhum, eu passei o mês todinho em Manaus, a S.N. foi *pra* lá, o G.N. e a M., o marido da M., e o M.N., o pai dele e os funcionários ficaram na viagem, quando eles chegavam das viagens, onde eles encostavam o porto que dava área, eles ligavam pra mim, *né?* Quando eles chegavam, entregavam o gado no matadouro, as coisas aqui e tocavam pra Manaus, então isso eu prometi *pra* eles, eu digo eu vou devolver, não se preocupem que eu vou devolver, mas agora na área de turismo (risos). Agora eu já posso tocar alguma coisa. Até ano passado eu ainda os ajudava na verdura, mas o fisioterapeuta disse que se eu quiser realizar meus sonhos, tinha que parar de trabalhar no sol quente. Meu sonho é conseguir tudo o que já tinha de novo. Só que o gado a gente não pode comprar agora porque a gente tem que ver o resultado da água, *tá* entendendo?

T: Entendi. Porque aquilo ali fica tudo tomado, *né?*

M: Tudo.

T: Aquela área todinha é da senhora, dona M.J.?

M: Não. É dali, Tathi. Não tem esse *bau-bau* ali assim? É dali *pra* cá, é 1000 metros dali *pra* baixo. A gente foi comprando, já *compremo* de 3 donos.

T: E o gado fica solto, *né?*

M: O gado fica solto lá e o M.N. de tarde vai prender, *né?* Vai lá, prende, então, já é a gente, a família.

T: Então o sustento de vocês é do gado e da plantação de couve?

M: Isso, do gado e da verdura.

T: E são vocês 5?

M: Pra nós 5. Pra mim, o G.N., o M.N., a S.N. e ele, né? E a gente ainda paga os funcionários, entendeu?

T: Legal, dona M.J.

M: Então a gente tem que trabalhar que nem o M.N. “mãe”, essa semana eu falei: M.N., eu vou voltar de novo a trabalhar. Aí ele: mãe, se a senhora voltar a trabalhar pode preparar o caixão.

T: Meu Deus do céu, gente.

M: (risos). Então é assim, qualquer coisa que ele vai fazer, ele “mãe, vamos fazer isso?”, eu “*bora*”, ele “assim, assim, assim”, então é assim, entendeu? Agora ele *tá* na frente levando a verdura, recebendo o dinheiro, essas coisas assim, aí na hora que chega a gente faz o pagamento do pessoal, tudo direitinho, faz as compras pra casa e o que sobra a gente faz outras coisas, *né*?

T: Humrum. E vocês, assim quando vem um grupo pra senhora atender, atrapalha a rotina da colheita ou não?

M: Não, não, consegue, a gente consegue manter, ele lá com o pessoal, ele vai cedo, colhe cedo com o pessoal, aí chega a hora da entrega e a hora do pessoal chegar, aí eles vem ficar junto pra receber, e na hora de entregar, eles *vai* normalmente, não atrapalha em nada, *tu tá* entendendo? Então é isso que o *pessoal vieram*, que viram o vídeo, que vieram agora, eles gostaram do nosso sistema de trabalho, que a gente trabalha na agricultura, pecuária e quer organizar a área de turismo.

T: Seria um turismo rural, *né*, dona M.J.? E, dona M.J., como veio o nome do Ecoturismo?

M: Foi a gente aqui, quando eu falei isso, aí o Aldo, você vai conhecer um dia ele, aí a gente, *bora, bora* pensar num nome, aí eu disse “olha, eu não quero que tire a fazenda, o nome da fazenda, isso aí”.

T: Por que já era Fazenda PEC?

M: É, porque já era Fazenda PEC, Fazenda PEC tem que permanecer, aí eu disse “eu não quero que tire”. Fazenda PEC e o que mais? Fazenda PEC Amazonas? Não é melhor? Então é, coloca Amazonas, aí Ecoturismo, tá bom, dona M.J., assim? Tá bom, aí ficou. Já colocaram os nomes ali das trilhas, já tem o nome agora, depois vai lá ver, não sei o que mulateiro. Já tem também porque eles disseram que tudo tem que ter. São quatro trilhas, cada uma com o nome, tudo vai ter, vai ter a história da casa grande, a história da fazenda, acho que até a minha eles vão querer.

T: Então, eu queria saber também, como que surgiu a Fazenda PEC, o nome...

M: Olha essa Fazenda Pec como surgiu aí eu não sei porque quando eu cheguei aqui, isso aqui já existia.

T: Já era Fazenda PEC?

M: Já era Fazenda PEC. Só a única coisa que eu perguntei assim porque eu tive a curiosidade, eu perguntei porque Fazenda PEC? É porque PECuária.

T: Ah tá.

M: Agropecuária, tá entendendo? Por isso é Fazenda PEC.

T: É a única fazenda que tem aqui ou tem mais fazendas? Com gado?

M: Pra lá tem, pra baixo, tem muito. Mas aqui em Terra Nova tem pouco porque o pessoal gosta mais de agricultura, *tá* entendendo? Pois é... O M.N. diz “ai mamãe, você sonha muito alto”, eu digo “M.N., você lembra quando você era pequeno e eu dizia e ninguém acreditava, que a gente ia ter uma balsa nesse porto, meu curral cheio de gado, vários terrenos e várias pessoas trabalhando *com nós*, ele ria do mesmo jeito, então agora eu falo do turismo, ele ri do mesmo jeito, pode ri, tudo tem sua hora, tudo tem seu tempo.

T: A senhora é paciente, *né* dona M.J.?

M: Sou.

T: E aquele casarão lá atrás, dona M.J.? A senhora sabe quanto tempo que ele existe ali?

M: Olha, nós estamos aqui há 31 anos, ele já existia.

T: Quando vocês chegaram ele já era abandonado assim ou tinha atividade?

M: Não, era assim abandonado, mas é, sempre vinha visita, ia lá tirava foto, é porque ali dentro tinha muita coisa, Tathi, aí o pessoal, como era tela, aí o pessoal *cortava* as telas e tiravam as coisas, a gente *cheguemos* aqui *pra* tomar conta das coisas, mas nós não tinha aquele coisa assim de “vou pegar aqui e vou levar lá pra casa”, não, deixava tudo lá do mesmo jeito, eu ia lá, varria, passava pano, mas lá ficava tudo, eu *alimpava*, Tathi, aqui eles faziam corrida de cavalo, então tinha muitos troféus, o rapaz, o filho daqui é um advogado, era aquela *piquerada* de livro de advogado, nada disso, o pessoal levaram tudinho, o pessoal daqui mesmo, da região.

T: Nossa!

M: Então isso aí a gente não mexia nada, lá ficava, porque era pra ter tudo de lembrança, era isso que a gente imaginava, tu *tá* entendendo?

T: Entendi.

M: Ficar tudo lá. Agora como eu quero fazer a área de turismo, agora tudo lá ia ser representado, ia ser *amostrado*, tudo, mas *o pessoal levaram* tudo.

T: Poxa.

M: Então a gente não tinha aquela coisa de trazer pra guardar, achava que lá ninguém ia mexer, né? Mas não, aí foi o contrário, levaram tudo, lá tinha muito troféu, lá tinha muita coisa, queria que tu visse, tinha muita coisa, muita coisa mesmo.

T: E tinha foto, dona M.J.?

M: Foto?

T: Das pessoas que já foram lá?

M: Eles têm, o menino me falou que ele veio aqui, o filho dele quando ele morreu, depois de quinze dias que ele morreu, ele veio aqui, entregar tudo porque antes dele morrer, ele mandou que viesse aqui e entregasse tudo, que aqui nós *era intocável*, o sr. Pedrinho Sampaio. Tinha muita gente no dia que ele falou, aí eu falei “olha, tô organizando *pra* turismo”, ele “não, M.J., pode organizar, pode fazer o que *tu quiser*, nós te damos o maior apoio, se você precisar de qualquer coisa, eu vim hoje aqui a mando do papai, antes dele morrer e dos meus irmãos que eles estavam tudo presentes, nós viemos entregar tudo pra ti, pro M.C., pra vocês tomarem conta, isso é de vocês, vocês podem fazer o que quiser”

T: Ele tinha muito carinho por vocês?

M: Tinha, muito mesmo, Deus o livre. O M.C. era empregado deles, aí ele disse “vai abrir o livro”, não sei o que que é lá, *né?* Ele tinha muitos bens, *né?* Ele disse que se tiver o nome do seu M.C. lá ou o teu, não te preocupa, que se tiver vai ficar tudo bem. Eu disse “tá bom, o dia que vocês quiserem vir, as portas estão sempre abertas, só que eu vou tocar a área de turismo”. Então é assim, a gente nunca fez nada escondido. Então isso aqui é assim, tem gente que fala as coisas sem saber, eu digo eu faço tudo aqui, quando a gente tinha gado, às vezes, eu mandava o M.C. matar um boi, leva uma banda pros meninos fazerem churrascada. Então é por isso que eu falo que eu tenho que preservar, né? Tenho. Uma coisa que já ficou, não é nem de parente nosso, né? Apenas ele trabalhava pra ele, né? Então o que eu tenho que fazer? Preservar, não deixar ninguém jamais querer montar em cima, né? Porque todo mundo olha assim, porque olha agora pra tirar um documento que tiraram aqui pra mim, que vieram pra tirar, eu tinha que pagar, se eu não tivesse conhecimento, era 4500 reais e eles tiraram aqui pra mim por um guaraná, documento que eu tinha que ter,

entendeu? Porque se não eu não ia poder construir nada, nem criar gado, nem vender nada.

T: A senhora tem toda documentação?

M: Tudo, tudo, tudo direitinho. É bom porque os meninos quando tem alguma coisa de lei, eles ligam pra mim.

(...)

T: E a senhora acha que a comunidade acha bom um empreendimento turístico aqui?

M: O *peessoal daqui gostam*. Tem um pessoal daqui que *já falaram* que quando começar mesmo, eles estão dispostos a me ajudar. Tem as meninas que já trabalharam comigo na verdura. E eu dizia que quando eu montasse a minha área de turismo, eles vão estar comigo, vão estar ao meu lado. Então eu não esqueço, sabe? As pessoas que me ajudavam antes, jamais, se Deus me abençoar e eu tocar isso pra frente, eles vão estar tudo comigo, tudo junto, se Deus quiser. E agora a gente tá investindo e eu digo: *bora comprar graviola, bora comprar graviola*, e ao menos umas duzentas mudas e tem aí o açaí e eu digo vamos ver outras coisas, a gente quer fazer muda de abacate, ver se a gente investe em ao menos 100 pés de abacateiro, *tá entendendo?*

T: Entendi.

M: Ali eles já plantaram umas palmeiras, pedi pro M.C. plantar pra ficar tudo bonito porque pra área de turismo tem que *tá* tudo bonito. É porque eu quero começar de baixo, *né Tathi?* Lá de nada mesmo, eu já tô com a pimenta do reino plantada, já tô com guaraná e as graviolas, já to fazendo as mudas da graviola. Final de semana já vou comprar mais.

T: A senhora teve alguma vez algum treinamento? Alguma coisa assim?

M: Não, é tudo da minha cabeça. Nunca tive treinamento, nunca tive nada. As pessoas hoje em dia, por mais que estejam passando por uma coisa difícil, tem que *tá* sempre sorrindo, que nem eu *tô* passando, mas tenho que demonstrar que está tudo bem.

(...)